

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**Conceções Pessoais de alunos do Ensino Profissional
sobre a Escola: estudo exploratório num contexto rural**

Mariana Cardoso Santos Carreira da Cruz

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA
Área de Especialização Psicologia da Educação e da Orientação

2019

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**Conceções Pessoais de alunos do Ensino Profissional
sobre a Escola: estudo exploratório num contexto rural**

Mariana Cardoso Santos Carreira da Cruz

Dissertação orientada pela Professora Doutora Maria Dulce Gonçalves

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA
Área de Especialização Psicologia da Educação e da Orientação

2019

“Não tenhamos pressa, mas não percamos tempo”

José Saramago

Para o meu Tio que não teve pressa e não perdeu tempo
um homem de uma extrema inteligência que
deixa saudades.

Agradecimentos

À Escola Profissional que me abriu as portas desde o primeiro dia para que eu pudesse recolher a informação e me recebeu de braços abertos de todas as vezes que lá fui, fico muito grata pela disponibilidade e interesse que tiveram e pela ajuda dada.

Aos alunos da escola e professores que disponibilizaram o seu tempo para falar comigo e que me ajudaram na recolha de informação, grata pela abertura e pela honestidade ao longo de todo o processo, sem vocês não teria conseguido.

À Professora Doutora Dulce Gonçalves, o meu muito obrigada pela abertura à escolha de um tema num local totalmente diferente e pelo apoio dado ao longo do ano letivo.

Aos professores do Núcleo de Psicologia da Educação aos quais recorri ao longo do ano letivo e de que de uma forma ou outra me ajudaram na superação das minhas dificuldades e inquietações.

Aos meus pais e à minha irmã, por todo o apoio, por todas as idas à escola e pela disponibilidade em me ouvir e não causar mais situações de stress. Ao meu avô, avó e tia que estiveram sempre do meu lado, mesmo quando foi mais difícil para eles. Amovos!

À Ana Cardoso, por toda a ajuda ao longo do processo, pelas horas infindáveis ao telefone a ouvir os meus medos e as minhas inseguranças ao longo de todo o processo.

À Rita Batalha, por me ter distraído com as aventuras de viagens que teve e pelos almoços que tivemos que foram sem dúvida uma grande ajuda.

À Sílvia que me distraía com gelados e idas ao ginásio que tanto precisava, foram sem dúvida bastante importantes para mim.

Índice Geral

Resumo	11
.....	12
Abstract	13
.....	14
Introdução.....	15
Enquadramento Teórico	17
1. Perspetiva Construtivista da Aprendizagem	18
2. Conceções de Aprendizagem e de Dificuldade de Aprendizagem	20
3. Ensino Profissional.....	23
4. Aprendizagem facilitada por animais	24
4.1. Equinos como Facilitadores da Aprendizagem	25
Objetivos da Investigação:	28
Metodologia.....	29
Método	30
População /Participantes	30
Instrumentos	32
Procedimento	33
Procedimento de Análise de Dados	34
Apresentação e Análise de Resultados.....	35
Apresentação de Resultados	36
1. Motivos pelos quais escolheram a escola	38
2. Diferenças Percebidas entre as Escolas	41
3. Dificuldades de Aprendizagem Sentidas pelos Alunos.....	46
4. Pontos Positivos e Menos Positivos da Escola	50
5. Expetativas/Projetos de Vida	54
6. Aprendizagem Facilitada por Equinos	57
Discussão de Resultados	61
Limitações do Estudo e Conclusão	67
Limitações do Estudo	68
Futuras investigações	68
Implicações para a Prática	69
Referências Bibliográficas	71
Anexos.....	77

Índice de Quadros

Quadro 1. Motivos de Escolha da Escola.....	37
Quadro 2. Diferenças Percebidas entre Escolas	40
Quadro 3. Dificuldades de Aprendizagem Sentidas pelos Alunos	45
Quadro 4. Aspectos Positivos e Menos Positivos da Escola.....	49
Quadro 5. Expectativas de Vida/Planos de Vida.....	53

Resumo

O presente estudo de natureza qualitativa é um estudo exploratório realizado em contexto rural. Tem como objetivo identificar as perceções de um grupo alunos (N=11) de uma escola profissional sobre a escola e as suas próprias dificuldades de aprendizagem. Pretende-se ainda identificar as suas perceções relativamente à proximidade de equinos e da natureza no seu percurso escolar e expectativas e objetivos de vida. Foram formuladas questões de investigação para orientar da melhor forma o estudo, tentando perceber se as perspetivas sobre a escola tinham sido alteradas com a entrada na escola profissional, perceber como os participantes referem as suas práticas de estudo e quais as perceções do participante acerca do contributo do equino na sua aprendizagem. Por último, tentamos perceber como os seus percursos de aprendizagem influenciaram os seus projetos de vida. Para a recolha de dados utilizou-se uma entrevista exploratória acerca dos temas que pretendíamos compreender, mais tarde melhorou-se o guião para aprofundar os temas de interesse. Os resultados mostram que houve uma alteração na forma de ver a escola e o estudo, bem como na forma como pensam as próprias dificuldades de aprendizagem. Os alunos afirmam sentir-se melhor atualmente e que o animal é de facto um facilitador da aprendizagem, demonstrando vontade de se inserirem profissionalmente na área que estudam assim que obtiverem o diploma do curso. Afirmam que o ensino profissional foi a melhor escolha para eles pois, muitos tinham historial de insucesso escolar. Por fim, pretende-se fazer uma pequena comparação sobre o que pensam antes e depois acerca da escola e das dificuldades, após a entrada no ensino profissional.

Palavras-chave: Conceções, Aprendizagem Facilitada por Animais, Perspetiva Construtivista, Ensino Profissional

Abstract

The present qualitative study is an exploratory study carried out in a rural context. This study aims to identify the perceptions of a group of students (N = 11) about a school and concerning school and their own school- related learning difficulties. It is also intended to identify as their perceptions regarding the proximity to equines and to nature in their school path, as well as expectations and life goals. Research questions were formulated to better guide the study, trying to understand whether the perspectives on the school had been changed by entering the vocational school, perceiving how the participants refer to their study practices, and what the participant's perceptions about the contribution of the equine in their learning. Finally, we try to understand how the learning pathways influenced their life projects. For data collection, an exploratory interview was used and later improved to further deepen topics of interest. The results showed that there was a change in the way students viewed school and studying, as well as the way they reflect upon learning difficulties. They claim to feel better and that the animal is, in fact, a learning facilitator, while also claiming the desire to work in the professional field they are currently studying in once they graduate. They affirm that vocational education was the best choice for these students because many of them were accompanied by school failure. Finally, I intend to make a after comparison regarding school and learning difficulties, after entering vocational education

Key Words: Learning Disabilities, Facilitated Learning with Animals, Constructivism Theory

Introdução

Em Julho de 2018, alguns meses antes do início deste estudo, Portugal viu publicados dois novos diplomas legais, Decreto-lei N°54, sobre Educação Inclusiva, e Decreto-Lei N°55, sobre Autonomia e Flexibilidade Curricular. Foram publicados no mesmo dia, publicamente designados como documentos complementares, geminados. Propondo uma profunda mudança no Sistema Educativo Português, generalizando a todas as escolas do país os princípios da Educação Inclusiva, da Flexibilidade e da Autonomia Curricular. A nova legislação refere nomeadamente uma escola inclusiva onde todos e cada um dos alunos, independentemente da sua origem, situação pessoal encontram resposta para as suas expetativas e necessidades, tendo como princípios orientadores, por exemplo, a educabilidade universal (todas as crianças e alunos têm capacidade de desenvolvimento educativo) e a equidade (a garantia de que todas as crianças e alunos têm acesso aos apoios necessários de modo a potencializar a sua aprendizagem e o seu desenvolvimento), bem como, o princípio da personalização (com um planeamento educativo centrado no aluno, nas suas necessidades, potencialidades, interesses e preferências). Tudo isto num quadro de uma abordagem multinível, ou seja, uma abordagem centrada na evolução de todos os alunos muito mais do que no diagnóstico das suas dificuldades como perturbações ou desvios à norma.

Tratou-se de uma mudança que muitos consideraram súbita, precipitada e sem preparação adequada. E, no entanto, nas palavras do Diretor Geral da Educação, Dr. João Costa, tratou-se sobretudo de uma tentativa de “*permitir que as escolas construam os seus projetos próprios*” (Visão, artigo publicado a 4/6 de 2017), de acordo com as características do contexto educacional, da cultura local, de acordo com as necessidades do mercado de trabalho, valorizando a sustentabilidade e uma perspetiva orientada para o futuro. Na realidade, muitas escolas do país têm vindo a trabalhar neste sentido, numa abordagem multidisciplinar, em trabalho projeto ou desenvolvendo cursos profissionais adequados aos interesses dos alunos e às necessidades do meio. Estão neste grupo, muitas escolas do ensino profissional onde alunos com situações de insucesso e desânimo aprendido encontram novas propostas, novos projetos no ensino que articula a teoria com a prática, formando por competências e oferecendo oportunidades de estágio (Legislação do Ensino Profissional).

Neste contexto, este estudo exploratório é uma primeira tentativa de identificar concepções pessoais face à escola de alunos do ensino profissional com diferentes experiências educativas ao longo do seu percurso. Alguns destes alunos viveram experiências de insucesso repetido, foram sinalizados como tendo necessidades educativas especiais e sentiram múltiplas dificuldades de adaptação. Outros, no entanto, optaram pelo ensino profissional para realizar sonhos e projetos de vida, para conseguirem um ensino centrado no desenvolvimento das suas aptidões, nomeadamente na área do hipismo e da inserção do cavalo em atividades de turismo e de desenvolvimento rural.

Doze anos de escolaridade obrigatória (instituída em 2012 pelo Decreto de Lei nº 176/2012), não resolveram ainda o problema do abandono escolar que se situava nos 11.8% em 2018 (Observador, 2019).

Até que ponto o desenvolvimento de novos projetos educativos, no quadro do ensino profissional ou no âmbito da flexibilidade curricular ajudam todos estes alunos a alterar a perspetiva que têm sobre a escola, sobre a forma de estudar e sobre as suas próprias dificuldades de aprendizagem? Neste processo, o que pensam os próprios alunos? O que pensam os alunos em dificuldade, com insucesso repetido ou dificuldades e problemas de comportamento?

A forma como as pessoas percebem as suas próprias dificuldades de aprendizagem leva a que invistam de forma diferente nos estudos e na escola. O estudo sobre as concepções acerca das dificuldades de aprendizagem e sobre a forma como a escola é percebida pode ser um contributo para a modificação de crenças, bem como na superação das dificuldades existentes.

Este trabalho está organizado em quatro grandes capítulos: o Capítulo I, que consiste num enquadramento teórico, onde se pretende clarificar os conceitos mais pertinentes para este estudo; o Capítulo II, onde se caracterizam opções metodológicas, participantes, instrumentos e os procedimentos utilizados; o Capítulo III, diz respeito à apresentação e análise dos resultados; e, por fim, o Capítulo IV, onde serão apresentadas as conclusões do estudo e as limitações e implicações do mesmo.

Capítulo I
Enquadramento Teórico

1. Perspetiva Construtivista da Aprendizagem

Uma das concepções da aprendizagem é a perspetiva construtivista que tem o seu nascimento nos trabalhos autores como Dewey, Bruner, Vygotsky e Piaget (citados por Bada, 2015). O construtivismo sugere que a aprendizagem é o resultado de uma construção mental, isto é, os alunos aprendem ao ajustar as novas informações ao que já sabem e as estruturas existentes às novas informações (Bada, 2015). Numa perspetiva construtivista, muitas dificuldades podem surgir nesse processo de construção pessoal. Os alunos bem-sucedidos na superação das dificuldades que naturalmente ocorrem durante as aprendizagens, tendem a desenvolver uma maior autoeficácia e a demonstrar maior motivação, envolvendo-se mais ativamente para conseguir um maior sucesso em dificuldades e aprendizagens subsequentes (e.g. Gonçalves, 2012). Os defensores desta perspetiva construtivista acreditam que os indivíduos que pretendem aprender são influenciados pelos contextos em que a aprendizagem ocorre, não só ao nível dos seus comportamentos e das suas estratégias, mas também ao nível das suas crenças e atitudes enquanto aprendentes (Bada, 2015). E, nesta perspetiva, a relação entre cada aluno e os seus professores, entre cada aluno e os seus pares, a relação de cada aluno com o seu contexto educacional, social e cultural, torna-se ainda mais importante, mais determinante, do desenvolvimento e da aprendizagem de cada indivíduo.

Piaget considera que os aprendentes são construtores ativos na sua aprendizagem (Shabani, Khatbi & Ebani, 2010). Ou seja, o aluno bem-sucedido tende a ser mais ativo na procura de respostas para as suas questões, beneficiando nesse processo da ajuda dos professores e do grupo de pares, em cooperação, para obter os resultados pretendidos. Desde cedo que Piaget afirma que é essencial o desenvolvimento sociomoral e cognitivo, desde criança até à idade adulta. Entre os 12 e os 15 anos é importante que haja um ciclo de orientação e desenvolvimento de projetos de vida, que possibilite a existência de diversas vias de ensino-aprendizagem, com currículos e objetivos diferenciados. Todos estes programas deveriam ter uma componente académica, técnica e manual, procurando respeitar os interesses de cada aluno e permitindo que cada aluno interaja com diversas áreas do saber (Morgado, 2005). Neste sentido, o aluno poderá desde logo optar por realizar uma profissionalização ou seguir uma via académica de acordo com os seus interesses. Esta ideia de profissionalização leva-nos ao ensino profissional que é composto por uma componente prática com vista à profissionalização do aluno em questão.

No caso da escola profissional em estudo, existe uma clara componente académica, com todas as aulas e conteúdos necessários ao término do ensino secundário, que coexiste com uma componente profissionalizante, na qual os alunos adquirem competências para se tornarem profissionais na área hípica. Toda esta perspetiva interdisciplinar pode ser depois prosseguida no ensino superior, para continuar a formar os alunos enquanto profissionais.

Outro académico a realçar é Vygotsky, que defende o construtivismo social, dando relevo ao papel da linguagem na aprendizagem (citado por Sousa, 2005). Também defende que os alunos são ativos na aprendizagem mas necessitam de uma interação social para aprenderem e se desenvolverem (Shabani, Khatbi & Ebani, 2010). Vygotsky concentrou-se não só no desenvolvimento que acontece ao longo da aprendizagem, mas também, na evolução humana, desenvolvimento das culturas humanas e no desenvolvimento individual (ontogénese) (Wertsch, 1991, citado por Shabani, Khatib & Ebadi 2010). Dos vários contributos de Vygotsky, podemos realçar o conceito de Zona Proximal de Desenvolvimento (ZPD). Este conceito foi elaborado no início dos anos 20 tendo sido trabalhado pelo autor até à data da sua morte (Shabani, Khatib & Ebadi, 2010). Vygotsky definiu a Zona Proximal de Desenvolvimento como *“a distância entre o nível real de desenvolvimento determinado pela resolução de problemas independente e pelo nível de desenvolvimento potencial determinado pelo problema a resolver sob orientação de adultos ou em colaboração com pares mais capazes”* (citado por Shabani, Khatib & Ebadi, 2010). Por outras palavras, a ZPD pretende descrever, perceber e avaliar o nível de potencial de compreensão de um indivíduo, isto é, uma área entre o que as pessoas podem aprender e realizar sozinhas e o que podem alcançar com a ajuda de alguém mais experiente, por exemplo, um professor ou um colega (Hohenstein & Manning, 2010).

A ideia fulcral de Vygotsky é que os indivíduos aprendem melhor quando colaboram com outros durante os processos de aprendizagem, ou seja, é através de um esforço dos alunos com os professores que os alunos aprendem e internalizam novos conceitos, ferramentas psicológicas e conhecimentos (Shabani, Kahtib e Ebadi, 2010). Roosevelt defende que o objetivo principal da perspetiva de Vygotsky é manter os alunos na sua ZPD dando-lhes tarefas interessantes e culturalmente significativas a nível de aprendizagem e problemáticas mais difíceis para que procurem a ajuda de outros alunos ou professores para terminar a tarefa (citado por Shabani, Khatib & Ebadi, 2010).

Bruner defende processos educativos de aprendizagem por descoberta. Partindo da hipótese de que *“é possível ensinar qualquer assunto, de uma maneira honesta, a qualquer criança em qualquer estágio de desenvolvimento”*, o que é mais relevante no ensino é a forma como este está estruturado, isto é, como a matéria é estruturada, apresentada e transmitida aos alunos (Ostermann e Cavalcanti, 2011).

Numa perspectiva construtivista, o foco da aprendizagem está no aluno ao invés do professor (citado por Vasconcelos, Praia & Almeida, 2003), ou seja, o professor é um facilitador da aprendizagem: pode criar situações de aprendizagem para que os alunos possam relacionar os conhecimentos que já detém com o que de novo o professor está a ensinar (Ostermann & Cavalcanti, 2011). Bruner enaltece o processo de aprendizagem por descoberta através da exploração de alternativas e de um currículo em espiral. Isto significa que, quando o professor recorre a todas as ferramentas necessárias para que o aluno descubra o que deve aprender, o processo de aprendizagem é menos penoso, com maior motivação para que o aluno consiga compreender os conceitos e relacioná-los entre si (Ostermann & Cavalcanti, 2011). Este tipo de aprendizagem pode tornar-se mais demorado, pois cabe ao aluno procurar e saber o que pretende aprender. No entanto, segundo Bruner, este tipo de aprendizagem, oferece a todos os alunos idênticas oportunidades de aprendizagem, ajustando-se ao seu nível de desenvolvimento, independentemente das dificuldades de aprendizagem de cada um (Ostermann & Cavalcanti, 2011).

2. Concepções de Aprendizagem e de Dificuldade de Aprendizagem

As concepções podem ser definidas de várias formas. Fischl & Hoz enfatizam os aspetos cognitivos (Richardson, 1996). Gunstone concentra-se na componente mais afetiva, sugerindo que *“crença”* é por isso um melhor descritor do que *“concepção”* (Gorodestky, Keiny & Hoz, citado por Richardson, 1996). Por outro lado, Goodenough descreve crenças como proposições que são consideradas verdadeiras e são *“aceites como guias para avaliar o futuro, são citadas no suporte de decisões.”* (Richardson, 1996). Eisenhart, Shrum, Harding e Cuthbert acrescentam o elemento de atitude na definição de Goodenough *“uma crença é uma maneira de descrever a relação entre uma tarefa, uma ação, um evento ou outra pessoa, e uma atitude de pessoal...”* (p. 53) (citados por Richardson, 1996). Por último, Dweck afirma que as crenças das pessoas incluem as suas representações mentais sobre a natureza e o funcionamento do Eu,

sobre os seus relacionamentos e o mundo. Estas crenças e representações são desenvolvidas desde a infância e são parte importante da personalidade da mesma (Dweck, 2008a). Resumindo, as concepções são formas de pensar que cada pessoa tem ao longo da vida e é algo que vai sendo alterado tendo em conta o momento em que se encontram. Esta forma de pensar, ou mentalidade de cada pessoa, é baseada nas experiências e crenças.

Foram identificadas diferentes concepções pessoais sobre a aprendizagem (Duarte, 2002). Numa perspetiva “fenomenográfica” – área de pesquisa que investiga o modo como os indivíduos representam a aprendizagem – todos estamos mergulhados numa cultura, o que faz com que a nossa aprendizagem seja uma experiência social mediatizada (Duarte, 2002). A concepção que os alunos têm da aprendizagem levou à construção de sistemas ou taxionomias descritivas, ou seja, a diferentes formas de representar a aprendizagem (Duarte, 2002), nomeadamente:

- 1) Aprendizagem como aumento de conhecimento - esta concepção é definida através de sentidos vagos, recorrem a sinónimos da palavra “aprendizagem”, entendida como um sistema de aquisição por adição de novos conhecimentos a saberes que o aluno já detém;
- 2) Aprendizagem como memorização e aplicação – forma de ver a aprendizagem como um mero fenómeno de aquisição, armazenamento e aplicação da informação, ou seja, a aprendizagem consiste em recuperar e utilizar os conhecimentos que já foram armazenados;
- 3) Aprendizagem como compreensão – a aprendizagem é entendida pelos alunos como um processo de compreensão e extração de significado, através do exame crítico da matéria, por análise da relação entre partes da matéria e outras fontes e informações, relacionando a matéria com conhecimentos já adquiridos por desenvolvimento de uma nova perspetiva, ou seja, tentar perceber a matéria por outro ponto de vista.

Paralelamente, Gonçalves (2002) afirma que existem diferentes concepções e formas intuitivas de pensar acerca das dificuldades de aprendizagem. Se não podemos considerar que existe uma única definição aceite por toda a comunidade científica sobre o que são dificuldades de aprendizagem, em termos de crenças e concepções de senso comum, verifica-se que também não existe na comunidade uma forma única ou consensual de conceber as dificuldades na aprendizagem.

Com o aumento da escolaridade obrigatória, e apesar da multiplicação dos apoios disponíveis, o número de alunos identificados com dificuldades de aprendizagem tem vindo a aumentar ao longo dos anos (Gonçalves, 2012).

Dweck (2008) defende que existem dois tipos de mentalidade (“*mindset*”). Por mentalidade entendemos a forma que uma pessoa ou um grupo pensa. Algumas pessoas focam-se nos pontos positivos da vida, outras focam-se nas dificuldades da vida e podem desistir mais ou menos facilmente. A mentalidade da pessoa muda conforme as circunstâncias da vida. As dificuldades em relação à escola e à própria aprendizagem devem-se muitas vezes à forma como o aluno encara a disciplina ou a matéria que está a ser lecionada. Dweck (2008) defende que as pesquisas que tem feito nos últimos anos demonstram que as crenças têm um papel fundamental no funcionamento e estratégias utilizadas pelos alunos. Afirma que a mentalidade (*mindset*) dos alunos tem um papel chave, por exemplo, no desempenho nas disciplinas de Ciências e Matemática. De acordo com esta autora, os estudantes que acreditam que a inteligência ou capacidade matemática ou científica é um traço fixo (*fixed mindset*), têm uma desvantagem em relação aos alunos que acreditam que as suas competências podem ser desenvolvidas (*growth mindset*) através de treino (Dweck, 2008).

Dweck defende que se o aluno considera uma determinada (in)competência ou (in)capacidade como algo que lhe é inerente, fixo e não passível de mudança, não se empenhará em progredir, não chegando a realizar todo o seu potencial. Por outro lado, tudo o que é percebido como algo que pode ser desenvolvido, é mais provável que venha a evoluir, ou mesmo a atingir todo o seu potencial. Mas como se pode ajudar um aluno a acreditar que tem capacidade para melhorar o seu potencial de aprendizagem? Dweck (2008) diz-nos que elogiar alunos devido à sua inteligência e não elogiar pelo processo (esforço ou estratégias), faz com que os alunos percam a motivação e confiança quando a tarefa se torna difícil, prejudica o seu desempenho levando a uma omissão ou mentira de resultados, pois os alunos que acreditam que têm competências fixas evitam tarefas mais desafiadoras para manterem a imagem de inteligência. Por sua vez, o elogio ao processo (esforço, por exemplo) tende a levar a que os alunos procurem formas de se superar.

Beswick (2007) afirma que a relação entre as crenças e as práticas que os professores têm dentro da sala de aula é bastante complexa e muito poderosa. As crenças que os professores têm são reconhecidas como cruciais na atitude do professor

dentro da sala de aula e como tal, têm sido alvo de vários estudos. Os professores que acreditam que as competências dos alunos podem ser melhoradas são mais facilmente encontrados a dar incentivo ao aluno, oferecendo estratégias para melhorar o desenvolvimento do mesmo, algo que não é encontrado em professores de matemática (Dweck, 2008).

3. Ensino Profissional

O ensino profissional, também chamado de cursos profissionais, é, segundo a Agência Nacional para a Qualificação e o Ensino Profissional, “um dos percursos do nível secundário de educação, caracterizados por uma forte ligação com o mundo profissional”. Os cursos profissionais foram criados em 1989 (Azevedo, 2014) por iniciativa do Ministério da Educação e do Trabalho, passando depois a ser responsabilidade do Ministério da Educação. Segundo Azevedo (2014), esta criação teve origem na publicação no Diário da República, o Decreto-Lei nº 24/89 de 21 de Janeiro.

Os cursos profissionais são uma opção para indivíduos que acabaram o 9º ano de escolaridade ou uma formação equivalente, que pretendem um ensino mais prático e voltado para o mundo do trabalho em que não há uma exclusão do ensino superior. Estes cursos têm diversos objetivos, sendo eles contribuir para o desenvolvimento de competências pessoais e profissionais para o exercício de uma profissão, privilegiar as ofertas formativas que correspondem às necessidades de trabalho e preparar para uma formação superior. Os cursos profissionais têm uma estrutura curricular formada por módulos, o plano de estudos inclui três componentes de formação, sendo eles a sociocultural, científica (teórica) e técnica (prática). Todos têm a opção de entrada no ensino superior, se este for o desejo do aluno.

Azevedo (2014) afirma que a formação profissional deve ser encarada como uma primeira fase de preparação para um contexto socioprofissional marcado pela instabilidade. Como sabemos, nos dias de hoje, as carreiras longas e emprego estável, não existem, dando lugar a uma sociedade em que existe emprego de curta duração com diversas alterações ao longo da vida profissional. Esta instabilidade leva a que seja necessário uma maior preocupação no que toca às competências profissionais de um aluno, promovendo não só o conhecimento científico mas também a capacidade de adaptabilidade e profissional.

A primeira avaliação interna das escolas profissionais aconteceu em 1993, de acordo com os alunos destas escolas, os inquiridos afirmam que as escolas demonstram uma organização e funcionamento global satisfatórios, sendo um espaço cativante que reúne as condições para uma maior motivação por parte do aluno. Na grande maioria, os alunos consideram que estas escolas, detêm um projeto de formação dinâmico e apresentam uma modalidade de funcionamento mais atraente do que o ensino regular. Afirmam que as escolas profissionais correspondem às expectativas de formação dos jovens que as frequentam, sendo uma derradeira oportunidade para alunos que, na sua maioria, estavam marcados pelo insucesso escolar.

4. Aprendizagem facilitada por animais

A interação entre os seres humanos e os animais têm ganho não só atenção na área da aprendizagem, mas também da assistência que os animais podem dar a crianças com diversos problemas. Ao longo dos últimos anos, os animais têm sido alvo de interesse na investigação na área da aprendizagem e dos seus benefícios, tendo surgido já diversos estudos acerca desta temática. O campo da intervenção com animais está agora a transformar-se a partir da exploração de relações que eram pouco compreendidas para um campo de investigação emergente, que leva a uma melhor compreensão da nossa relação com os animais (e.g. Fine & Gee, 2017). Os professores integram os animais nas salas de aula como forma de corresponder às necessidades educacionais dos seus alunos. Os animais mais utilizados pelos professores são os peixes pois este tipo de animais promove um ambiente mais relaxado dentro da sala de aula (Fine & Gee, 2017).

A importância dos animais na vida escolar tem aumentado, sendo reconhecida por educadores que incorporam os animais para aumentar a atenção e interesse dos alunos (Beck; Melson, Schwartz & Beck, citados por Gee, Griffin & McCardle, 2017). Daniels e Hoffman acreditam que a ligação entre os animais e os humanos pode oferecer oportunidades de aprendizagem únicas ao longo da vida (citados por Gee, Griffin & McCardle, 2017). Também a nível emocional e social, os investigadores acreditam que possam existir mudanças em crianças que interagem com animais, por exemplo, a companhia de um animal pode estimular o crescimento cognitivo da criança através da curiosidade, podendo também ser um suporte emocional. Acreditam que os animais na sala de aula podem facilitar também a interação entre pares, incluindo

crianças com algum tipo de défices associados com o desenvolvimento. Os animais influenciam a motivação intrínseca melhorando a *performance* das pessoas na atividade (Gee, Griffin & McCardle, 2017).

Os seres humanos têm uma menor capacidade de aprendizagem quando estão ansiosos, enervados ou emocionalmente desequilibrados, daí a emergência de tornar a sala de aula, um lugar onde os alunos se sintam seguros, compreendidos e relaxados, de forma a potenciar a aprendizagem. Vários professores reportaram que animais dentro da sala de aula dão-lhe uma atmosfera mais “caseira” e familiar. Os professores acreditam que os animais promovem a linguagem, imaginação e a reflexão, especialmente em crianças mais novas. Segundo Fine e Gee (2017) existem provas que os animais promovem a motivação, o envolvimento na própria aprendizagem e o envolvimento em processos terapêuticos.

Os animais nas salas de aula têm sido razão de vários benefícios, como por exemplo, melhorias na atenção dos alunos, a motivação para aprender; aumento do investimento por parte da criança na disciplina, o que melhora a capacidade de retenção da informação; uma otimização da aprendizagem, melhorias no desenvolvimento socioemocional e na empatia e fornecimento de uma experiência educacional mais relevante, aumentando o bem-estar psicológico (Fine & Gee, 2017).

Ter um cão dentro da sala de aula parece alterar o comportamento dos alunos, como, por exemplo, um aumento de atitudes positivas (sorrisos e risos) durante atividades de leitura, mais motivação, entrega e confiança nas tarefas pedidas, diminuindo problemas de comportamento e ansiedade (Gee, Griffin & McCardle, 2017). Estes autores referem ainda que estes animais oferecem um maior suporte social e de companheirismo com as crianças na sala de aula.

4.1. Equinos como Facilitadores da Aprendizagem

A equitação terapêutica (aprender a andar de cavalo) tem sido apontada como um contributo para um comportamento positivo e socioemocional em crianças em risco de insucesso escolar (Kaiser, Smith, Heleski, & Spence, citado por Fo, Zhou, Fung & Kua, 2017). No entanto, os resultados de estudos de terapia com equinos em jovens em risco de insucesso escolar ou social são limitados pelas pequenas amostras (Bachi, Terkel & Teichman; Kaier et al., citado por Fo et al., 2017). Para alguns autores, uma das melhores formas de promover competências em crianças é através da aprendizagem

facilitada com equinos que combina a experiência de lidar com cavalos com estratégias para melhorar a atenção, controlo de emoções, cognições e comportamento (Pendry & Roeter, 2013). No entanto, ainda existe pouco conhecimento dos efeitos deste tipo de intervenção. Embora este tipo de estudos ainda esteja numa fase muito precoce, existem já estudos que têm sido feitos para tentar suprir a falta de informação existente e têm demonstrado resultados bastantes promissores. Pendry e Roeter (2013) sugerem a existência de associações significativas entre a aprendizagem facilitada com equinos e um ajustamento nos domínios socioemocionais, cognitivos e comportamentais, incluindo depressão, comportamentos positivos, comportamentos e problemas de humor, autoestima, sentimentos de aceitação pelos pares, comunicação interpessoal, sensibilização em relação aos outros, raiva e linguagem (citado por Pendry & Roeter, 2013). Também Fo et al. (2017) afirmam que através do movimento do cavalo existem melhorias nos sistemas sensoriais e musculares e estas provocam benefícios psicológicos e sociais e promovem a capacidade do aluno de aprender (Granados & Agís, citado por Fo et al., 2017).

Embora não haja nenhuma teoria que demonstre que a interação com equinos pode facilitar o desenvolvimento das crianças, Pendry e Roeter (2013) afirmam que a teoria sociocognitiva de Bandura oferece um quadro de referências bastante interessante. A teoria de Bandura defende que as crianças aprendem com observação dos outros, com o ambiente e com a cognição. Estes três fatores não são estáticos ou independentes, funcionam em conjunto. Este tipo de teoria tem implicações na aprendizagem facilitada por equinos uma vez que o cavalo possui atributos intrínsecos e físicos que influenciam fortemente as cognições e os ambientes das pessoas que interagem com eles (McGreevy & McLean, citado por Pendry & Roeter, 2013).

A interação com equinos no contexto de atividades entre crianças e cavalos promove a aprendizagem e o reconhecimento de comunicação não-verbal (por exemplo: postura corporal, pressão, libertação), o que leva a que a criança possa refletir sobre o seu próprio comportamento e intenção (Pendry & Roeter, 2013). A interação com o cavalo permite também que as crianças consigam observar e interpretar as pistas não-verbais, uma vez que o animal dá um *feedback* imediato ao que se está a passar ao seu redor (Pendry & Roeter, 2013). A teoria de atividade social de Brickel fornece, também, uma perspetiva importante na explicação dos efeitos positivos da relação do cavalo com a criança, promovendo o seu desenvolvimento. A teoria de Brickel defende que quando um indivíduo assume um papel positivo que difere do que normalmente tem, ocorrem

mudanças positivas no seu comportamento (Lemon, Bengston & Peterson, citado por Pendry & Roeter, 2013).

A interação com cavalos no aconselhamento assistido por estes pode ajudar os indivíduos de todos os contextos e idades a tornarem-se mais fortes na comunicação, resolução de problemas, confiança em si, resolução de conflitos e relações (Kersten & Thomas, citados por Trotter, Chandler, Goodwin-Bond & Casey, 2008). Trotter et al. (2008) afirmam que a interação e facilidade em controlar um animal de grandes dimensões, dá uma sensação de poder (*empowerment*), aumenta a autoestima e a confiança.

Quanto à qualidade e atributos das interações que têm sido documentadas nos estudos feitos com crianças e cavalos, referem-se o autocontrolo, uma relação equilibrada, capacidade de tomar decisões rapidamente, pensamento positivo, competências importantes numa comunicação positiva com outros humanos e animais.

Em suma, as características dos equinos podem ter uma importância significativa na promoção das competências sociais através da prática de comportamento pró-social e através da reestruturação das cognições, comportamentos e emoções das crianças (Pendry & Roeter, 2013). A participação em programas educacionais com cavalos parece contribuir para uma redução de cortisol em estudantes que participaram no programa ao longo de 11 semanas.

Tal como postulado pelas teorias construtivistas sobre a aprendizagem, os resultados de investigações neste domínio sugerem a importância de aprofundar o contributo educacional de intervenções, programas e contextos em que as aprendizagens são facilitadas pela introdução de animais (Fine & Gee, 2017). Os resultados conhecidos sugerem a possibilidade de a inserção em programas e contextos assistidos por animais, poder ser de utilidade para a superação de múltiplas situações de dificuldade e insucesso, possivelmente em casos de insucesso repetido, de desânimo aprendido, de desmotivação, de desvalorização pessoal e baixa autoestima. Questões que carecem de investigação e estudo complementar, em diferentes níveis de escolaridade, em diferentes contextos educacionais, e que motivaram e estiveram na origem do presente estudo.

Objetivos da Investigação:

Os principais objetivos deste estudo exploratório são:

1. Identificar as concepções e perspetivas pessoais face à escola;
2. Identificar as concepções face ao estudo e dificuldades na aprendizagem;
3. Compreender a importância atribuída pelos alunos ao contacto com o equino e da proximidade da natureza para a sua formação profissional;
4. Analisar de forma comparada quanto ao seu estudo

As principais questões de investigação que guiaram este estudo foram:

1. Quais são as perspetivas sobre a escola antes de entrar no ensino profissional e depois?
2. Como é que os participantes referem as suas práticas de estudo antes e depois da entrada na escola profissional?
3. Quais são as perceções dos participantes sobre o contributo do equino na sua aprendizagem?
4. Como é que os percursos de aprendizagem destes alunos, se relacionam com os seus projetos e expectativas de vida?
5. Na perspetiva dos participantes, como é que a inserção neste curso profissional modificou as suas experiências, motivações e expectativas face à aprendizagem?

Capítulo II

Metodologia

Método

Nesta secção descreve-se a população, o contexto, os procedimentos e os instrumentos utilizados neste estudo, realizado com base numa amostra oportunista de alunos de uma escola profissional em contexto rural num pequeno concelho com cerca de 3500 habitantes.

O presente estudo é uma investigação exploratória que se enquadra na metodologia qualitativa, pois existe uma necessidade de conhecer o contexto e os fenómenos que nele estão enquadrados.

Neste sentido foram escolhidas quatro turmas da escola para nos dar uma maior compreensão do contexto.

Considerando os objetivos deste estudo, foram escolhidas as seguintes questões mais específicas que guiaram a recolha e análise dos resultados:

1. Qual/Quais foram os principais motivos pelo qual escolheu a escola?
2. Como te sentias na escola anterior e na atual? A forma de ver e pensar a escola foi alterada após a entrada no ensino profissional?
3. Um exemplo de uma dificuldade na escola anterior e nesta. Como foram as dificuldades superadas? O que é uma dificuldade de aprendizagem?
4. Quais são os pontos mais positivos na escola? O que achas que pode melhorar?
5. Quais são os teus planos quando saíres daqui? O que tens pensado?
6. Como é, na tua opinião, que a relação com os animais modifica ou influência a qualidade e sucesso da tua aprendizagem?

População /Participantes

Esta escola tem um total de aproximadamente 160 alunos que estudam entre o 8º ano e o 12º ano de escolaridade obrigatória. A população desta escola tem cerca de 85 alunos do sexo masculino e 75 alunas do sexo feminino, das informações que recolhemos em relação à escolaridade das mães, 5 frequentaram o primeiro ciclo, 12 o 2º ciclo enquanto 2 mães obtiveram o bacharelato e outra o mestrado, 34 dos inquiridos têm o 3ºciclo, 38 o secundário e 11 a licenciatura. Em relação à escolaridade dos pais, obtivemos a informação que 8 frequentaram o 1º ciclo, 22 o 2º ciclo, um pai tem um doutoramento enquanto 6 tem um grau de licenciatura, o 3º ciclo foi frequentado por 32 pais e 24 frequentaram o secundário. Nas informações recolhidas da escola, cerca de

19,4% dos alunos tem um diagnóstico de necessidades educativas especiais e cerca de 41,25% (+/- 66 alunos que chumbaram – $66 \times 100 / 160$) da população desta escola já experienciou pelo menos uma reprovação ao longo do percurso escolar antes de entrar na escola profissional. Dos 109 alunos que temos informação, 2 residem na zona norte do país, 14 na zona do centro, 26 na zona de Lisboa, 60 do Alentejo, 3 do Algarve e 1 de Espanha.

Neste primeiro estudo exploratório realizaram-se oito entrevistas a alunos do 12º ano com idades compreendidas entre os 17 e 21 anos e duas entrevistas a professores desses alunos. Todos os alunos desta escola eram alunos da escola profissional, estando a residir nos concelhos próximos. Esta escola possui duas turmas do 12º ano num total aproximado de 40 alunos, ou seja, cerca de 25% dos alunos da escola. Destes 40 alunos, entrevistámos um total de 11 alunos, o que equivale a 10% dos alunos do ensino secundário que frequentam um curso ligado ao trabalho e relação com equinos.

Nesta segunda amostra de 11 alunos, um participante era de Espanha, quatro da área metropolitana de Lisboa, um do Norte, dois da zona do Ribatejo e três do Alentejo. Em relação às habilitações literárias das mães, três têm o 3º ciclo do ensino básico, três do ensino secundário, uma mãe com nível de bacharelato, três mães com licenciatura e uma sem informação. Em relação às habilitações literárias dos pais, quatro pais tem o 3º ciclo do ensino básico, quatro têm o ensino secundário, um licenciado e dois pais sem informação. Destes 11 alunos, existem diversos diagnósticos de necessidades educativas especiais, tais como, défice de atenção (1), défice de atenção, disgrafia e gestão de tempo (1), dificuldades visuais (1), dislexia (1), dislexia severa (1) e défice de atenção e dislexia (1), os restantes alunos não apresentam qualquer diagnóstico. Destes 11 alunos, 6 tiveram retenções ao longo do percurso escolar, sendo que, 1 aluno reprovou no 6º e no 11º ano, outro repetiu o 9º ano, dois reprovaram o 10º ano, um aluno o 8ºano, outro aluno no 4º e 8º ano e os restantes 5 alunos não reprovaram nenhum ano.

Aos alunos que foram entrevistados foi-lhes pedido novamente que se reunissem com o investigador com o objetivo de confirmar as respostas das entrevistas anteriores e aprofundar alguns temas da mesma que não foram aprofundados inicialmente. Nesta segunda entrevista, voltámos a entrevistar 6 dos 8 alunos da primeira amostra e conseguimos alargá-la, conseguindo entrevistar mais 4 alunos, 2 do sexo feminino e 2 do sexo masculino com idades compreendidas entre os 18 anos e os 19 anos de idade. As segundas entrevistas tiveram entre 15 minutos e os 25 minutos e ocorreram na escola dos alunos durante as aulas, sem os prejudicar e tiveram lugar no mês de Maio de 2019.

Estes alunos que terminam o 12ºano podem progredir para as universidades, seguindo, habitualmente, os cursos de auxiliar veterinário, engenheiro agrónomo, cursos de treinadores ou seguem o caminho profissional em Portugal ou no estrangeiro. Todos estes alunos, independentemente das suas dificuldades optaram por escolher esta escola e o trabalho com equinos. Os estudantes podem optar para se formarem enquanto cavaleiros olímpicos, cavaleiros de obstáculos, cavaleiros de *dressage*, ou podem optar por treinar cavalos para provas, dar aulas de equitação a crianças ou optar por um caminho de hipoterapia em centros hípicas ou com privados.

Instrumentos

As entrevistas em Psicologia são uma técnica bastante difundida em investigação qualitativa, uma vez que este tipo de técnica permite aceder aos conhecimentos, crenças, valores e atitudes do indivíduo. Segundo Bingham e Moore, “*a entrevista é uma conversa com objetivo*” (citado por Marques Pinto, 2018).

Existem vários tipos de entrevista, porém neste estudo optamos por uma entrevista semiestruturada, pois as suas características pareceram mais adequadas à população e aos objetivos principais deste estudo. A entrevista semidiretiva ou semiestruturada é uma entrevista na qual existe um guião com algumas questões em que o indivíduo pode responder não se impondo a nenhum quadro referência nem teoria.

Os métodos qualitativos, segundo Silva e Veiga Simão (2016), facilitam a resposta a questões como “o quê?”, “como?”, “porquê?” e “quando?” e estas perguntas dão origem a respostas mais complexas e pormenorizadas, que podem ou não ter uma argumentação por parte do entrevistado (Patric & Middleton, citado por Silva & Veiga Simão, 2016).

O guião de entrevista foi construído com base em seis temas, havendo para cada um deles algumas perguntas que permitiram aprofundar algum tema que o entrevistado ou entrevistador achasse necessário. O primeiro guião da entrevista encontra-se dividido em seis temas sendo eles: 1) escolha da escola; 2) perceção pessoal; 3) diferenças entre esta escola e anteriores; 4) motivações afetivas; 5) expetativas para o futuro; 6) sugestões. Estas entrevistas tiveram lugar na escola, durante o período letivo de aulas, com uma duração média de 30 minutos, tendo sido a mais curta de 15 minutos e a mais longa de 40 minutos. Tendo em conta as idades dos participantes do estudo, de forma a

promover um ambiente que potencia-se a partilha das experiências optou-se por tratar os alunos por “tu”.

O guião da segunda entrevista foi alterado de modo a focar e aprofundar os aspetos mais importantes com o objetivo de responder mais claramente às questões de investigação. Este guião tem 6 temas, existindo perguntas exemplo para aprofundar os temas: 1) caracterização do aluno; 2) razões de escolha da escola profissional em estudo; 3) conceções pessoais sobre dificuldades na aprendizagem; 4) perspetivas pessoais sobre a escola; 5) perspetiva pessoal sobre a presença de animais em contexto educacional; 6) expectativas para o futuro.

O guião de entrevista encontra-se na totalidade no anexo 1 e 2.

Procedimento

Foram feitos contactos informais com a direção da escola em questão para saber se haveria disponibilidade por parte da escola para a colaboração no estudo, dando a sua autorização e tendo em conta as características e objetivos do estudo em questão. A fase de recolha de dados decorreu entre o mês de Novembro de 2018 e o mês de Maio de 2019. Todos os alunos foram informados que a participação neste estudo era completamente voluntária, pediu-se a colaboração dos professores para que fosse possível a elaboração das composições numa aula de português e mais tarde o espaço para possibilitar a entrevista aos 11 alunos da escola e aos 2 professores da nossa amostra.

Foram observadas algumas aulas nas quais os alunos se encontravam dentro das salas de aula, com o objetivo de perceber e compreender a forma como estes estavam dentro da sala de aula e aulas práticas onde os alunos estavam fora da sala de aula mas no recinto escolar. A observação das aulas decorreu na aula de Português onde os alunos escreveram as suas composições e as aulas práticas decorreram no dia da recolha de composições e nos dias das entrevistas.

Estas entrevistas foram feitas assegurando a privacidade dos alunos, tendo sido feitas em locais privados e individualmente onde apenas estava presente o indivíduo e o entrevistador. As primeiras oito entrevistas foram feitas com um guião teste com o objetivo de conhecermos o contexto escolar e os seus alunos. Ao analisarmos o seu conteúdo percebeu-se a necessidade de voltar ao terreno, alargar a amostra e confirmar as primeiras entrevistas. Esta segunda entrevista tem como objetivo o aprofundamento da informação que já tínhamos adquirido nas primeiras entrevistas, mas que se revelara

insuficiente. Para tal, foram feitas questões com o objetivo de acedermos aos pensamentos dos alunos sobre as suas conceções e perspetivas acerca da escola, aprendizagem e das dificuldades que tinham.

Procedimento de Análise de Dados

Assim que as entrevistas cessaram, foram transcritas para o programa Microsoft Word e o seu conteúdo foi analisado. Nenhuma das categorias estava criada à priori, tendo surgido do decorrer das análises das entrevistas. No entanto, não foi feita uma análise exaustiva das mesmas por uma questão de tempo, ao invés foi feita uma análise preliminar existindo a opção de mais tarde o conteúdo ser analisado exaustivamente. Utilizou-se, então uma abordagem de análise indutiva. Esta escolha deveu-se à preservação dos possíveis temas emergentes, mas também à reduzida investigação com este tipo de população em específico.

Nesta investigação, para efeitos da análise e pela falta de tempo, optou-se por escolher alguns temas emergentes, não tendo sido, por exemplo alvo de análise de conteúdo a primeira escolha dos alunos ou antigas experiências escolares. Segundo Amado (2014) o processo de análise de conteúdo requer um conjunto de fases que devem obedecer a uma ordem e sistematicidade, é um processo circular que não tem um fim claro.

Inicialmente foram percorridas todas as entrevistas para perceber se existiam respostas para as perguntas, sendo que depois é que foram agrupadas as unidades de sentido. A cada categoria foi dada uma designação que a representasse para num momento seguinte serem comparadas de forma completa para garantir a consistência das mesmas (Anexo 5). Para garantir a consistência do sistema de categorias que foi construído, recorremos ao método de juízes, isto é, um segundo juiz criou uma categorização independente de modo a comparar com a do primeiro juiz, tendo sido discutidos critérios de segmentação, análise e categorização, e analisadas cuidadosamente todas as situações de desacordo, até à obtenção de um número máximo de consensos.

Capítulo III

Apresentação e Análise de Resultados

Apresentação de Resultados

Nesta secção serão apresentadas as categorias emergentes da análise qualitativa, dentro de parênteses estará um número que corresponde ao número de participantes que mencionaram a categoria. Adicionalmente, as citações dos participantes serão identificadas pelo código associado às entrevistas dos participantes que foi dado aleatoriamente e corresponde ao total de 11 participantes. A análise de resultados foi feita de forma indutiva, isto é, não existe uma teoria por detrás da mesma, tal como não existiam categorias prévias. Por análise temática de conteúdo entende-se um processo de procura e organização sistemática de entrevistas transcritas – ou outros dados recolhidos – com o objetivo de alargar o conhecimento e compreensão dos materiais e do tema investigado (Bogdan & Biklen, 1994).

As entrevistas foram lidas e relidas, por dois juízes, que procuraram chegar a um conjunto de temas de análise mais relevantes e mais claramente enunciados pelos participantes. Nomeadamente:

1. Motivos pelos quais escolheram a escola profissional que frequentam.
2. Diferenças percebidas pelos entrevistados entre a sua atual escola e a(s) anterior(es).
3. Perspetiva dos alunos sobre as dificuldades de aprendizagem atualmente sentidas.
4. Pontos positivos e menos positivos da escola profissional que frequentam
5. Identificação das suas expectativas e projetos de vida.
6. Perspetiva dos participantes sobre o contributo da presença dos animais, nomeadamente equinos, para a sua aprendizagem, sucesso e qualidade na aprendizagem.

Havendo consenso entre juízes sobre a seleção destas temáticas, todas as entrevistas foram de novo percorridas, tendo-se procedido à extração de todas as unidades de significado associadas a estas seis temáticas, e todas as unidades foram analisadas e agrupadas no menor número possível de categorias. Apresentam-se em seguida os resultados deste processo de análise.

Quadro 1. Motivos de Escolha da Escola

Designação	Definição	Exemplos
Excelência/Qualidade	Cotam-se nesta categoria todos os segmentos referentes a qualidade da escola	<i>“(...)disseram que era uma das melhores escolas e que oferecia uma melhor oferta educativa, era superior comparado às outras (...).gostei das condições, gostei das instalações (...), pareceu-me a melhor escola mesmo estando longe de casa”(A.10); “(...) [outro motivo da escolha foi] ser uma das melhores, com mais profissionais, com mais qualificações.” (A.11)</i>
Formação Equinos	Cotam-se nesta categoria todos os segmentos referentes a formação com equinos	<i>“(...) escolhi a escola, mas não foi mesmo pelo ensino ser mais facilitado ou não, foi mais por montar.” (A.5); “(...) [o principal motivo de escolher esta escola foi?] foram os cavalos” (A.2); “(...) eu dizia que queria tirar um curso que tinha haver com cavalos e depois desde que conheci esta escola, fui indo a net pesquisar desde o meu 9 ano” (A.9);</i>
Bem-Estar Bom Ambiente	Cotam-se nesta categoria todos os segmentos referentes a bom ambiente escolar, sentimentos positivos ou qualidade de formação	<i>“(...) sempre soube que este era o sítio ideal, um ambiente onde eu me sentiria confortável em aprender.” (A.10); “[uma escola é um espaço em] Que eu me sinto bem. É muito bom, as árvores... ver os animais a passar. (...) Talvez a liberdade... o ar... como a sua colega há bocado disse, o ar puro, isto (...) É isto mesmo que eu gosto, é aqui.” (A.1)</i>
Insucesso Repetida	Cotam-se nesta categoria todos os segmentos referentes reprovações repetidas	<i>“(...) eu reprovei três vezes o 9 ano, eu não sabia o que é que iria fazer, não ia tentar novamente porque achava que não iria ser bem-sucedido... então, o meu pai procurou e descobriu aqui a escola “(...) já não dava mais [para ficar naquela escola]” (A.1)</i>
Condições Financeiras	Cotam-se nesta categoria todos os segmentos referentes condições financeiras	<i>“(...) não tinha muitas capacidades económicas e esta era a que se adaptava mais a nós (...)” (A.7)</i>
Motivos Mistos	Cotam-se nesta categoria todos os segmentos em que é referido mais do que um motivo para escolher esta escola	<i>“(...) foi um-dois em um, os cavalos, escola profissional, curso profissional, curso fácil, fazer o que gosto, é aqui, é aqui.” (A.2); “(...) sempre quis os cavalos e havia duas escolas que eu estava interessado, (...) aconselhou esta escola...disse que era a que tinha mais condições, mais condições no país. (...), vim para aqui, gostei das condições e o ambiente até é fixe. Acho que foi a melhor escolha para mim.” (A.8)</i>

1. Motivos pelos quais escolheram a escola

No Quadro 1 indicam-se 5 categorias e uma categoria de motivos mistos tendo sido seleccionados alguns exemplos de cada categoria. Em síntese, os alunos escolhem a escola profissional por múltiplos motivos, cada aluno enumerou os seus motivos de escolha, sendo que seria possível a existência de mais de um motivo ou a coexistência de vários motivos que determinaram a escolha.

Na categoria de:

- **“motivos mistos”** - encontram-se frases nas quais os alunos mencionaram mais do que um motivo para a escola, por exemplo: *“(...) o que me motivou mais foi a preparação para o mercado de trabalho e o ambiente que encontrei aqui.”* (A.10), neste caso o participante indica não só a excelente preparação para o futuro enquanto trabalhador nesta área, mas também o ambiente que encontrou na escola profissional. Outro participante menciona: *“Tinha aquilo que eu gostava que eram os cavalos para quando saísse daqui ter um objetivo de trabalho”* (A.11), que mostra novamente dois motivos estão inerentes à escolha do aluno, nomeadamente a formação de equinos que era aquilo que o aluno pretendia seguir bem como o facto de sair da escola como um bom profissional na área que estuda.

- **“qualidade e excelência”** – por muito que tenha sido mencionada apenas por dois participantes de forma clara, torna-se bastante importante: *“(...) disseram que era uma das melhores escolas e que oferecia uma melhor oferta educativa, era superior comparado às outras, (...) gostei das condições, gostei das instalações (...) para ficar em casa e ir para outra escola, pareceu-me a melhor (...) mesmo (...) longe de casa”* (A.10), este aluno menciona a superioridade da escola a nível das oferta educativa e o facto de ser uma das melhores escolas do país nesta área, assim como: *“(...)[outro motivo da escolha foi] ser uma das melhores, com mais profissionais, com mais qualificações.”* (A.11). Novamente este participante menciona o facto de esta escola ser uma das que tem os melhores profissionais e com mais qualificações, sendo esse um motivo importante no que o fez escolher esta escola.

- **“formação com equinos”** - ou seja, a formação que esta escola dá não só na arte de montar a cavalo mas também tudo o que ensina sobre o cavalo (constituição, doenças, ciclo de vida, entre outros), esse motivo foi falado também por diversos alunos, como por exemplo: *“Sempre tive o objetivo de ir para uma escola profissional (...) foi uma ideia vir para uma escola profissional e para este curso em específico*

(Gestão Equina)(...) Desde tão cedo porque sempre tive a paixão pelos cavalos (...)” (A.10) ou: *“(...)procurei vários cursos, lá na zona havia várias fábricas, mas eu gostava de estar com os animais, eu achava que que uma fábrica não era para mim”* (A.1), ou ainda: *“(...) eu disse aos meus pais quando acabei o 9º ano que queria seguir uma área ligada a cavalos...nem sequer sabia que esta escola existia. (...) depois, entretanto ouviram-me e descobriram esta escola ligado a c... com os cavalos lusitanos...e eu ah! Que espectáculo.”* (A.6).

- **“bem estar e o bom ambiente”** – os participantes afirmam que se sentiram confortáveis ao visitar a escola pela primeira vez e como se sentiram nesse primeiro contacto com a escola: *“(...)quando eu vim cá com os meus pais, gostei muito do espaço, gostei da forma como eles me apresentaram a escola, como estava na altura de aulas pude ver o ambiente entre os alunos e a forma como os professores e os alunos interagiam era muito...uma família e não havia a separação, tu és aluno, tu és professor...há uma familiaridade mas com respeito”* (A.3), este participante mencionou a familiaridade da escola que sentiu, esse foi um factor fulcral na escolha da escola. Outro participante mencionou que apenas visitou esta escola e não houve a necessidade de ir visitar mais pois percebeu logo que aquela escola era a melhor para si: *“(...) vim cá e em vez de ir procurar outras escolas, vim cá e só de ver as instalações fiquei a pensar que era o meu sítio, queria mesmo voltar.”* (A.4).

- **“insucesso escolar”** - um dos participantes do estudo afirmou que o insucesso que tinha experienciado ao longo do 3ºciclo do ensino básico foi um motivo importante para procurar uma nova escola: *“(...) eu reprovei três vezes o 9 ano, eu não sabia o que é que iria fazer, não ia tentar novamente porque achava que não iria ser bem sucedido... então, o meu pai procurou e descobriu aqui a escola “(...) já não dava mais [para ficar naquela escola]”* (A.1).

- **“condições financeiras”** – este foi outro motivo que surgiu ao longo das entrevistas. Este tipo de cursos são cursos dispendiosos, onde na maioria das escolas é exigindo um cavalo para trabalhar, mas, nesta escola em particular, não é obrigatório que o aluno seja proprietário do cavalo. Desta forma, as condições financeiras da família foi também um dos motivos que pesaram na escolha deste participante: *“(...) na altura optei por esta, (...) não tinha muitas capacidades económicas e esta era a que se adaptava mais às que os meus pais tinham na altura. (...) na altura não tínhamos tantas e esta foi a que se adequou mais.”* (A.7).

Quadro 2. Diferenças Percebidas entre Escolas

Designação	Definição	Exemplos
Diferenças percebidas entre escolas	Cotam-se nesta categoria todos os segmentos referentes às diferenças percebidas pelo aluno entre esta e as escolas anteriores	“(…) estamos todos a passar pelo mesmo... estamos todos aqui sem os nossos pais, só nos temos a nós e aos amigos (...) todos nos apoiamos uns aos outros” (A.10); “era diferente, era no meio dos prédios, ouve-se carros a passar a apitar. [e aqui?] Aqui ouve-se pássaros a assobiar (risos) é muito bom.” (A.1); “Só mesmo por entrarmos aqui e vermos o espaço que isto tem., não tem nada a ver com as outras escolas.” (A.9)
Forma de ver a escola	Cotam-se nesta categoria todos os segmentos referentes à forma como o aluno vê a escola	a escola era uma prisão para mim, era mesmo a prisão, não gostava nada daquilo [era uma sensação de estar fechado?] era uma sensação de obrigação, estava lá por obrigação e como estava por obrigação não gostava” (A.8)
Forma de ver o estudo	Cotam-se nesta categoria todos os segmentos referentes à forma como o aluno vê o estudo	“tinha de andar com tudo atrás, levar tudo para casa e voltar talvez a fazer os trabalhos de casa, fora isso não estudava muito mais, para os testes lia e pronto [e agora?] Só estar atenta na aula, não estudo.” (A.2)
Sentimentos associados à escola	Cotam-se nesta categoria todos os segmentos referentes aos sentimentos associados à escola	“[como te sentias na outra escola?] sentia(-me) abandona... (...) por isso é que tinha explicação... a explicação era um “anda cá que eu ensino-te” [e aqui?] sinto como me sentia na explicação. Só que de forma colectiva, todos os professores.” (A.5)
Relação com o professor	Cotam-se nesta categoria todos os segmentos referentes à relação com o professor	“Não, aqui nós se tivemos alguma dúvida, alguma pergunta nós vamos ter com o professor ao corredor, à sala de professores, podemos falar de tudo... pode ser de uma coisa da aula, pode não ser. Uma pergunta ou uma questão ... é mais a vontade” (A.11)
Motivos Mistos	Cotam-se nesta categoria todos os segmentos em que é referido mais do que um motivo para escolher esta escola	“[onde estudavas antes?] em casa [e agora?] na escola (...) [e como vias a escola antes?] uma chatice, aborrecida [e agora?] Agora não, é importante, é para aprender, saber o essencial” (A.11); “basicamente a escola era super rotineira, era tudo igual(...) eu tinha as aulas sempre na mesma sala depois íamos almoçar...sempre triste (...) ia para a mesma sala, com os mesmos professores desde das 8h30 ate as 17h30h eu nunca gostei, era uma rotina triste, cansativa” (A.2)

2. Diferenças Percebidas entre as Escolas

No Quadro 2 assinalam-se 5 categorias e uma categoria de motivos mistos tendo sido selecionados alguns exemplos de cada categoria. Em síntese, os alunos sentem a escola profissional como uma escola diferente das escolas que frequentaram anteriormente em vários aspetos.

- **“diferenças sentidas pelos alunos”** - o participante A.10 dá-nos logo um motivo misto de diferenças entre as escolas por exemplo: *“(...) este curso oferece a proximidade com o cavalo que eu preciso (e) que numa escola normal não tinha, não me adaptaria, iria desmotivar... não teria este contacto directo que tenho, desde daqui de cima até lá abaixo são 500 metros e estou nos estábulos com os animais, tenho um sítio para espaiar”* (A.10). Este aluno afirma que a principal diferença entre a escola que frequenta atualmente e a anterior prende-se com a proximidade com o animal que necessita para continuar os estudos, afirma também que sem esta proximidade que existe na escola iria desmotivar e não se adaptaria à escola, opinião pessoal que advém da experiência anterior que teve. O mesmo participante afirma também outra diferença importante entre as escolas que frequentou: *“No ensino normal, sinto que, normalmente o grau de dificuldade é mais elevado e as opções que eu tinha nesse ensino não reflectiam o que eu queria aprender (...) cursos profissionais que são cursos práticos, onde nós podemos de facto aprender na parte teórica e na parte prática. A parte prática é a mais importante, o que eu preciso de facto aprender para estar pronto”* (A.10). Neste trecho o aluno afirma que o que desejava aprender não estava contemplado nos planos do ensino regular, nenhum dos cursos científicos tinha a componente prática que ele precisaria para ir trabalhar e nenhum reflectia de facto o que queria aprender, pois eram mais teóricos.

Outro participante afirma que a principal diferença entre as escolas onde esteve e a atual foi o ambiente, categoria nova nas entrevistas, no qual estava *“Mas era diferente, era no meio dos prédios, ouve-se carros a passar a apitar. [e aqui?] Aqui ouve-se pássaros a assobiar (risos) é muito bom.”* (A.1). Para este aluno, o facto de a escola atual ser no meio do campo, puder ver animais e “ouvir os pássaros a assobiar” é algo que o deixa mais feliz e mais aberto às aprendizagens, enquanto na escola anterior estava no meio dos prédios e não se sentia tão livre. Ao ser questionado sobre o que era diferente entre esta escola e as anteriores, outro aluno realçou uma diferença também importante *“[o que é diferente entre as escolas?] a liberdade [mais alguma coisa?] a*

ligação com os professores, lá não tinha quase nenhuma e aqui sim.” (A.9). Também nesta linha de pensamento, outro participante deste estudo mencionou a relação com os professores como algo de diferente e positivo a favor da escola profissional. “[qual é a maior diferença entre esta escola e a anterior?] A relação entre professor e aluno ... é “me(s)mo” diferente ainda por cima a minha escola era privada, (...) aquilo era um bocadinho rígida, não havia relação e eu acho importante haver relação entre aluno e professor, (...) o que fez mais diferença foi mesmo a relação. [aqui a relação é?] muito melhor” (A.8). Outro participante mencionou que a relação pessoal com os professores é mais fácil com os professores da escola profissional e que na escola anterior sentiam-se mais desconfortáveis a pedir ajuda ao professor, optando por não o fazer algumas vezes “[como eram os professores?] (...) eles focavam-se mais naqueles que conseguiam ter boas notas e os outros ficavam assim um bocadinho para trás. Ficávamos desconfortáveis a pedir ajuda.” (A.3).

Outro participante mencionou outro tipo de diferença entre as escolas que ainda não tinha sido falado nas entrevistas anteriores “[como vias a escola antes?] (...) antes eu via a escola como(...)e uma seca e tínhamos de estar lá presos o dia todo e aqui não, aqui... já, já fico contente a vir para (a) escola... porque é diferente [porque é diferente?] (...)como é um ambiente mais pequeno do que numa escola normal, toda a gente se conhece, as aulas, pronto, temos que ter aulas não é, mas... quando (es)tamos nos intervalos... toda a gente se conhece e, (...) é muito mais familiar[então a grande diferença é?] - O ambiente aqui é muito... é muito melhorzinho (...) que na outra. A outra é como se fosse uma prisão (risos) esta aqui... é como se fosse uma casa.” (A.3).

Ao longo das entrevistas, a ideia de a escola ser uma prisão foi algo que foi surgindo, como o participante (A.3) menciona: antes a escola era algo chato, onde eram obrigados a estar a maior parte do dia e a fazer algo que não gostavam, a escola era algo que lhes causava desconforto e era sentido como uma prisão na qual não tinham qualquer liberdade. Pelo contrário, esta escola é vista como um espaço de mais liberdade, de maior proximidade entre a comunidade escolar. Novamente a mesma ideia de prisão é trazida na entrevista por outro participante “[e a tua visão da escola, mudou?] sim, sim, mudou imenso [como é que vias a escola] era uma prisão para mim basicamente [porque uma prisão?] Porque (...) odeio estar fechada numa sala de aula um dia inteiro, não sair dali o dia todo, do recinto escolar... não haver mais nada a não ser aquilo. Todos os dias víamos a mesma coisa e aqui não, temos o campo, temos sempre coisas diferentes (...)” (A.7).

Questionados acerca da forma como viam a escola antes e hoje em dia, também foram apontadas diferentes formas de ver a escola pelos alunos “*[como te sentias na outra escola?] eu sentia-me bem porque não conhecia isto agora se eu voltasse para a minha antiga escola estava lá triste, como é óbvio. (...) na altura, eu achava que era o normal, as minhas amigas estavam lá e estava contente até. Não gostava muito de estar nas aulas mas também não é triste. [sentias-te realizada?] Não... não muito. Eu sentia que aquilo não era para mim e não gosto (...)*” (A.4). Esta aluna afirma que estava feliz na antiga escola pois não conhecia esta escola profissional, se conhecesse afirma que seria infeliz na escola, não se sentia realizada na mesma e afirma que aquele ensino regular não seria para ela.

Estes mesmos sentimentos são falados por outro participante “*[e como te sentias na escola anterior?] Na escola anterior...sentia-me muito pressionada, principalmente porque...acaba por ser bom não termos os nossos pais mas também mau porque ninguém mais do que eles se preocupa connosco, (es)tão todos os dias a massacrar, porque é que não temos aquela disciplina feita e não sei que. Acabamos por ser muito pressionados pelos nossos pais. [e isso deixava-te mais desmotivada?] sim, lá está se estamos desmotivados não temos vontade de aprender. [e como te sentes nesta?] Sinto que se passei três anos aqui com pessoas que estavam o dia todo comigo, acho que os vou levar para a vida toda (...)*” (A.7). Este participante afirma que na antiga escola se sentia pressionado (tanto pelos pais como pela escola) e que toda essa pressão para ter boas notas e passar às disciplinas dificultava o seu processo de aprendizagem, deixando-o desmotivado. Ao contrário desta escola, onde o participante afirma que se sente bem, motivado e com vontade de aprender, com pessoas que irá levar para a vida toda, algo que não aconteceu na escola anterior.

- “**diferentes formas de estudar**” - os alunos mencionaram bastantes diferenças relacionadas consigo próprios, mas também ligadas à motivação que sentem agora ao estudar algo que lhes agrada. “*Não conseguia, nem olhava para o caderno do meu colega do lado ficava ali no satisfaz, às vezes uma negativa ou outra, mas pronto, ficava sem interesse na mesma, enquanto que aqui até peço ajuda ao colega do lado, até me motivo.*” (A.2).

- “**sentimentos face à escola**” - foi outro ponto de destaque, sendo que essa pode ser uma forma de promoção da aprendizagem. “*Não gostava de estudar, não gostava de estar lá a seca, estava sem fazer nada, não me valia de nada. [e nesta escola?] aqui não, aqui é como se (es)tivéssemos em casa. (...) Porque aqui podemos*

andar por onde quisermos, não estamos presos, fazemos muitas coisas, brincamos, divertimo-nos... e lá não... era chato, não se podia fazer nada. [esta escola motiva-te mais?] (...) *Sim do que qualquer uma*” (A.11).

- **“forma como falam da escola”** - na grande maioria dos participantes estes afirmam falar da escola aos seus amigos das escolas anteriores. No entanto, o participante A.5 menciona não falar com os antigos colegas pois a escola antiga era bastante grande e impessoal. Afirma também não se ter sentido bem na escola anterior o que difere da escola atual, onde sente que a escola é um sítio que promove a aprendizagem e a evolução ao contrário da anterior. Na escola profissional este participante afirma que as turmas trabalham com um objetivo, embora trabalhem para si próprios existe entreajuda, enquanto que na escola anterior isso não existia *“[o que costumavas dizer acerca da escola aos teus amigos?] (...) não costumo falar muito com as pessoas, porque dado a escola ser tão impessoal nunca tive muitos amigos lá, (...). a todas as pessoas que eu falo da escola, eu digo que a escola é um ótimo sítio para evoluir, para aprender além de montar, conhecer novas pessoas...(...) conhecer (...) bondade, a amizade, a cooperação em que algumas escolas, isso não acontece por causa da impessoalidade da escola...de cada um estar a trabalhar para si próprio e aqui não há isso, cada um trabalha para si, nós trabalhamos para nós e para o cavalo mas cada turma é como se fosse uma equipa, é um conjunto de pessoas que trabalham para um mesmo fim que é o amor aos cavalos (...)*” (A.5).

Fazendo uma comparação entre as escolas na sua totalidade, o participante A.6 afirma que existem diversas diferenças começando pela facilitação da matéria e estudo. Para este participante facilita o facto de ser algo mais prático do que teórico, mas também constata que existem aspetos menos positivos na escola profissional. A distância que existe durante o ano letivo da família é complicado e outro ponto negativo são as brigas que existem que, na sua opinião, não acontecem no regular, pois o regular dá menos liberdade e é mais rigoroso do que o profissional:

“Era o que eu estava a dizer... é mais fácil para mim, facilitam a nível de matéria, de nível de estudo, prefiro muito mais, é mais fácil para mim lidar com a situação, é mais fácil ser por módulos do que estudar um calhamaço enorme (...) nesse prisma é tudo mais fácil. Noutro prisma, preferia muito mais o regular, estava mais perto dos meus pais, não tinha chatices de miúdos mal-educados (...) aqui há brigas por tudo e por nada, (...) isto no regular não acontece, levávamos com a direção em cima e se for preciso somos expulsos...aqui são mais tolerantes.”(A.6).

Quadro 3. Dificuldades de Aprendizagem Sentidas pelos Alunos

Designação	Definição	Exemplos
Conceções de dificuldade	Cotam-se nesta categoria todos os segmentos referentes à conceção dos participantes acerca do que é uma dificuldade de aprendizagem	<i>“Para mim uma dificuldade de aprendizagem é quando nós não conseguimos aprender alguma coisa, seja por alguma dificuldade física ou mental” (A.10); “Demorar muito tempo a perceber alguma coisa” (A.3); “É fazer todos os dias a mesma coisa e não haver progresso” (A.7)</i>
Exemplos de dificuldade	Cotam-se nesta categoria todos os segmentos referentes às dificuldades que os participantes experienciaram no percurso escolar	<i>“Lá em baixo é pedir ajuda para uma dificuldade, agora para o grau 1 que é para o ensino e assim não... não. [tens dificuldades a montar?] Não é a montar, é na teórica. [que dificuldades tens nas disciplinas cá em cima?] Tinha dificuldades no inglês, mas já supere, era a ler. Mas de resto” (A.11); “[e na outra escola que dificuldades tinhas?] talvez a matemática e a inglês também.” (A.2)</i>
Estratégias de superação	Cotam-se nesta categoria todos os segmentos referentes às estratégias que os participantes utilizam para superar as próprias dificuldades de aprendizagem	<i>“ [como superas as dificuldades na prática?] O professor ou então tenho de ir eu ver sozinho a outros sítios. [e na teórica?] Falo com os professores, se ficar esclarecido se não peço ajuda [como superas a dificuldade de inglês?] A minha professora sabia e punha-me sempre a ler textos para me ajudar.” (A.11); “[que apoio recebeste depois de reprovares?] lembro-me que quando tínhamos negativa a algumas disciplinas a testes que depois havia umas aulas de apoio com os professores, extra.” (A.1); “[como superavas as dificuldades a matemática?] por acaso não, só tinha um bocado de sorte nos testes. Não estudava muito nem tinha aulas por fora, simplesmente chegava ao mínimo para passar e deixei de ter quando passei para o 11º e 12º deixei de ter matemática [mas sempre conseguiste passar?] sim, sim, com sorte [então para superar as dificuldades fazias o mínimo ou mais?] Não, eu estudava, mas não estudava muito... eu estudava só o suficiente e com sorte tinha mais e pronto. [e aqui como superaste?] treinando e ouvindo os professores.” (A.4)</i>

3. Dificuldades de Aprendizagem Sentidas pelos Alunos

No quadro acima sugerem-se 3 categorias, sujeitas ao tema dificuldades de aprendizagem, tendo sido selecionados alguns exemplos de cada categoria. Em síntese, os alunos afirmam ter tido dificuldades de aprendizagem ao longo do percurso escolar, dificuldades essas que de alguma forma, foram ultrapassadas ou diminuíram com a mudança para um ensino profissional. Primeiramente tornou-se importante compreender o que estes participantes definiam enquanto dificuldades de aprendizagem, isto é, qual é a sua conceção acerca das dificuldades de aprendizagem.

- **“conceção de dificuldade de aprendizagem”** - designa-se como estar na aula e não conseguir estar concentrado no que o professor está a ensinar: “*(...) É (es)tar na aula e não conseguir estar a prestar a atenção a nada.*” (A.2), mas para o participante A.5 as dificuldades de aprendizagem são diferentes. Para o participante em questão, uma dificuldade de aprendizagem consiste em não conseguir assimilar as informações que o professor está a tentar transmitir, mesmo querendo percebê-las: “*Para mim é mesmo de (es)ta(r)mos a tentar mesmo e ter vontade de aprender, porque podemos ter dificuldade de aprendizagem e não ter vontade de aprender mas mesmo com vontade e com interesse não conseguimos assimilar o que o professor nos transmite, mesmo tentando e tentando e esforçando para aprender...eu sempre tive esse problema de matemática.*” (A.5); nesta mesma linha de pensamento o participante A.6 define uma dificuldade de aprendizagem como: “*para mim uma dificuldade de aprendizagem é quando uma pessoa que quer aprender de facto e não consegue, ou pelos outros ou porque realmente tem dificuldades, acho que a pior coisa que se pode fazer é não dar atenção a essa pessoa.*” (A.6). Para este participante uma dificuldade acontece quando a pessoa não consegue adquirir conhecimentos, mesmo querendo e estando aberto para tal. Outra perspetiva acerca das dificuldades de aprendizagem surge com o participante A.7 que afirma que uma dificuldade de aprendizagem acontece quando um aluno está sistematicamente a fazer a mesma coisa e não há qualquer evolução: “*É fazer todos os dias a mesma coisa e não haver progresso*” (A.7).

- **“exemplos de dificuldades”** - estes alunos tinham experimentado ao longo do seu percurso escolar e como superavam as dificuldades durante o ensino regular bem como o tipo de dificuldades que têm presentemente.

O participante A.10 afirma que uma das maiores dificuldades que tinha era na disciplina de físico-química, era uma disciplina que não tinha aplicação prática na vida do aluno: “(...) *(Físico-química) era uma disciplina que eu sempre, em primeiro lugar tinha sempre desinteresse porque não vejo utilidade naquela disciplina no meu futuro e isso levava sempre à minha desatenção nas aulas*” (A.10). O facto de o aluno não ver aplicação na sua vida prática, levou a que este tivesse desinteresse pela mesma, levando a uma desatenção nas aulas da disciplina, o que pode ter levado a que a dificuldade na disciplina aumentasse. O participante A.9 afirmou também ter dificuldades nas escolas anteriores: “[*na escola anterior que dificuldades tinhas?*] *Inglês...matemática, gostava muito de matemática mas também sei que tinha muitas dificuldades [o que eram essas dificuldades?] Era de conseguir compreender as coisas. Não conseguia. E tinha que estudar muito, muito, muito para conseguir e explicações [e agora se tiveres dificuldades nessas disciplinas são porque?] São porque primeiro porque não me apetece ter atenção, mas eu aqui...pode ser estranho, mas eu aqui consigo compreender muito melhor... a maneira dos professores nos explicarem as matérias é diferente do que no regular. Porque... principalmente em português*” (A.9). Este participante mencionou que as disciplinas de inglês e matemática eram disciplinas que causavam alguma dificuldade embora afirmasse que gostava da disciplina de matemática. Este participante afirma que tinha dificuldades de compreensão, tinha de estudar bastante e recorrer a explicações para tentar superar a dificuldade na antiga escola. Na escola profissional, estas dificuldades foram-se diluindo devido à forma como os professores lhe explicam a matéria. Face ao exposto, o participante afirma que se existirem dificuldades é apenas por falta de atenção durante as aulas.

Por outro lado, o participante A.4 afirma que tem algumas dificuldades na escola profissional, nomeadamente na parte prática da equitação. Uma vez que esta escola é bastante exigente na parte prática é natural que alguns dos alunos tenham dificuldades tendo em conta as características do cavaleiro e do próprio cavalo, isto é, muitos cavalos não estão ensinados a saltar e ensiná-los a saltar faz parte do trabalho do cavaleiro, faz parte da evolução na aprendizagem: “[*o que é mais difícil de aprender aqui?*] *não sei [alguma disciplina? Técnica de montar?] saltar, saltar sempre foi um bocado difícil para mim. Nunca tinha feito isso na minha vida até chegar cá, nunca tinha saltado e é uma coisa que parece fácil (...) mas tens muita parte técnica que não é fácil mas na parte das disciplinas na sala de aula, nada. [e na antiga escola?] Tinha em matemática, era péssima*” (A.4).

- “**estratégias de superação das dificuldades**” – foca-se nas estratégias que os participantes tinham, surgiram vários tipos de estratégias, neste aspeto torna-se importante compreender a variedade existente. O participante A.6 menciona que se tem dificuldades de aprendizagem tenta procurar ajuda, nomeadamente esclarecendo as dúvidas que tem, nesta escola afirma ter um método de estudo que funciona bastante bem para si, que é estar atenta nas aulas e tentar captar a informação apenas para dar uma revisão em casa: *“As minhas dificuldades... procuro procurar ajuda a quem me quer ajudar, ou seja, se os meus colegas não me estão a ajudar e ainda fazem mais barulho, no final da aula peço ao professor para esclarecer as dúvidas que tenho. [o que me dirias se eu te perguntasse dois motivos para essa mudança?] (...). Eu por exemplo arranjei um método impecável, é se eu captar da aula perfeito é só depois dar uma revisão (...)”* (A.6).

Por outro lado, a participante A.7 menciona que o principal fator que a ajudou a superar as suas dificuldades foi as turmas na escola profissional serem bastantes mais pequenas e, como tal, o professor tem uma maior capacidade de ajudar cada aluno tendo em conta as dificuldades de cada um: *“[como superaste as tuas dificuldades anteriores?] a matéria é muito mais fácil e como aqui as turmas são mais pequenas, eu notei imensa diferença nisso...lá nas escolas onde eu estava no regular, as turmas eram muito grandes, passavam sempre os 30 alunos, ficava sempre entre os 25 e os 35 alunos. E aqui não, não passa dos 20 alunos e os professores têm muito mais facilidade em ajudar os alunos.”* (A.7).

Quadro 4. Aspetos Positivos e Menos Positivos da Escola

Designação	Definição	Exemplos
Aspetos Positivos	Cotam-se nesta categoria todos os segmentos referentes aos pontos positivos da escola profissional	“(…) escola que nos ajuda muito, os professores são ajudantes de todos nós, um aluno que quer passar, passa (...)” (A.10); “A disponibilidade do professor e ter mais ajuda... ser mais fácil (...) aqui somos unidos e lá (nas outras escolas) é cada um por si (...) sim muito mais livre [e dentro da sala também te sentes livre?] sim, é bom.”(A.11); “[o que mais gosta aqui?] o que mais gosto? Os cavalos [os cavalos?] Sim, do esforço, das aulas de equitação, do trabalho para melhorar, de alcançar os nossos objetivos e eu acho que os professores na parte técnica nos ajudam bastante nisso.” (A.1); “(...) nós temos dúvidas, não apertam logo connosco, nós temos tempo para conseguir tirar essas dúvidas, (...) os professores podem repetir muitas vezes, até porque a gente... vai perceber melhor a matéria...” (A.3)
Aspetos menos Positivos	Cotam-se nesta categoria todos os segmentos referentes aos pontos menos positivos encontrados na escola profissional	“Houve aqui mudanças, muitos dos professores saíram e puseram cá alguns professores que não deviam cá estar... já não levam tanto a sério, são mais eu é que sou o professor eu é que mando, é tudo como eu quero! Acho que está um bocadinho a descambar para a escola que era antes, os caloiros do primeiro ano também tão a querer mudar por causa disso... as coisas estão a descer.” (A.11); “podia melhorar o aspeto de estar pouco focada nos obstáculos... acho que devia ser um pouco mais variado” (A.4); “É a parte prática ... a parte prática é o mais importante... mas nós vamos perdendo isso um bocadinho, eu acho que nós devíamos ter mais prática (...) vim para cá não sabia muito e aprendi cá muito... mas há alunos que vem para cá e já sabem muita coisa e depois não evoluem (...) eu às vezes já sinto isso e já começo... às vezes a escola já começa a ficar um bocadinho para trás porque não puxa muito pelos alunos” (A.8).

4. Pontos Positivos e Menos Positivos da Escola

No Quadro 4 indicam-se 2 categorias tendo sido selecionados alguns exemplos de cada categoria. Em síntese, os alunos afirmam que a escola profissional tem diversos pontos positivos, mas também existem aspetos menos positivos que poderiam ser melhorados na opinião dos mesmos.

-“**pontos mais positivos**” - a participante A.4 afirma que o ponto mais positivo foi o facto de estar a fazer o que gosta, por esse motivo, agora sentia-se com mais vontade de vir para a escola e aprender, já não se sente obrigada a frequentar a escola e atualmente a escola está mais focada no que pretende fazer para o resto da vida: *“É gostares do que fazes.(...) Claro, agora venho com mais vontade para a escola, antes eu ia por ir...(...) eu venho porque gosto, porque gosto de tratar do cavalo, de montar, de melhorar e antes ia lá só para passar chegava.[qual é melhor para ti?] o profissional, claro [porque tens a componente prática do animal?] sim e porque está muito mais focado naquilo que eu quero ser na minha vida”* (A.4). Outro ponto positivo chega-nos do participante A.5 que afirma que o mais positivo nesta escola é o que mais gosta é o facto de ser uma escola bondosa, isto é, é uma escola que apoia, que inclui as pessoas todas e que tenta ajudar os alunos com os problemas que têm. *“[o que mais gostas desta escola?] a bondade (...) é uma escola muito, muito inclusiva”* (A.5).

Outro ponto positivo que um dos participantes frisou foi a diversidade de saídas profissionais e possibilidade de continuar os estudos ao frequentar esta escola. Para este participante o facto de puder fazer diversas provas que facilitem a sua vida enquanto cavaleiro profissional, pode também ser professor de equitação, cavaleiro profissional, pode ser veterinário de reprodução, cuidar de cavalos com lesões ou pode continuar os estudos na faculdade: *“(...) tirando este curso, não era só como profissional, um cavaleiro profissional, podia dar aulas, e fazer provas eu fiz aqui para a sela 4 e a sela 7, a sela 7 dá oportunidade de «concursar» (...) também me abre portas para a veterinária, super importante na parte da reprodução. (...) [e pode ir para a faculdade?] (...) Posso ser professor, cavaleiro de concursos...profissional, posso ser veterinário de reprodução, veterinário de cuidar de cavalos que estão aleijados, há muita coisa, é todas as áreas, mas viradas para o cavalo”* (A.8).

Outro ponto positivo a realçar é também a forma como esta escola lida com os alunos quando têm dúvidas, um ponto positivo que foi realçado pelo participante A.3. Para este participante o facto de o professor poder repetir a mesma matéria várias vezes e não existir muita urgência no cumprimento do programa facilita não só a sua aprendizagem, como também a faz sentir bem na escola: “(...) *nós temos dúvidas, não apertam logo connosco, nós temos tempo para conseguir tirar essas dúvidas, (...) os professores podem repetir muitas vezes, até porque a gente... vai perceber melhor a matéria...*” (A.3).

No entanto, a escola não é perfeita e estes alunos apontam também pontos menos positivos com o intuito de melhorar a escola no seu todo. Como em todas as escolas, esta também apresenta problemas de indisciplina, quando confrontados com o que alteravam na mesma para esta ser melhor, a resposta dos participantes A.5 e A.8 foi na mesma direção: “(...) *[mudavas alguma coisa aqui?] sim, mudava primeiro... a parte da direção, a meu ver acho que devia haver um braço mais forte*” (A.5); “(...) *[tens alguma sugestão para melhorar esta escola?] se calhar a disciplina [no sentido de?] Respeito e amor a escola porque há pessoal que odeia a escola e não faz nada por ela.. talvez por causa da direção, está um bocadinho fraca.*” (A.8).

- “**pontos menos positivos**” - foi falado ao longo das entrevistas o facto de existirem faltas de respeito entre os alunos e de estes estragarem o material comprado pela escola, isto leva a diversas consequências, como por exemplo, em eventos de hipismo não ser permitido a farda da escola, perdas de apoios da C que está junto à escola, entre outros: “(...) *Gozarem com os colegas, (...) mandarem cocó para as camas dos cavalos. (...) faltas de respeito entre os próprios colegas, que em vez de ajudar e serem um só, ninguém apoia “ah foi ele foi ele” a acusarem-se uns aos outros, a acusarem-se injustamente muita vez, faltarem ao respeito aos professores, (...), é triste os miúdos entrarem numa escola que é boa, a escola gasta dinheiro em material para nós e eles estragam.*” (A.6).

Outro motivo que podia ser melhorado na opinião dos nossos participantes é a pouca variedade de práticas de equitação. A equitação é um desporto bastante vasto e com várias disciplinas e na opinião do participante A.4, esta escola está muito focada nos obstáculos não tendo tanta atenção nas outras disciplinas do desporto: “*podia melhorar o aspeto de estar focada nos obstáculos... acho que devia ser um pouco mais variado*” (A.4), isto poderá prejudicar alguns alunos que não pretendem seguir a área de obstáculos. O participante A.11 menciona que também existiram mudanças no corpo

docente da escola nomeadamente nas disciplinas práticas. Esta mudança de professores foi vista por alguns alunos como algo pouco positivo pois, na opinião deste participante, estes novos professores não compreendem a forma de funcionar da escola. *“Sim...(es)tão a ficar, como é que hei de dizer, é tudo só para o bem deles e com os professores que a gente tinha sempre valia a pena que ajudaram e agora (es)tá assim um bocado assim no ritmo. [o que é diferente entre o antes e o agora?] Os professores eram todos iguais... tratavam-nos todos iguais e agora não, têm uma cara, uns podem e outros não podem, há ali outras coisas de interesses e isso... cada vez (es)tá a piorar”* (A.11). O participante A.8 volta a mencionar também a parte da exigência da escola como algo menos positivo, na sua opinião, estão a perder a parte prática e atualmente afirma que a escola não puxa tanto pelos alunos, isto é, os alunos não são desafiados e não evoluem na sua aprendizagem prática: *“(...)a parte prática é o mais importante... mas nós vamos perdendo isso um bocadinho, eu acho que nós devíamos ter mais prática (...) vim para cá não sabia muito e aprendi cá muito... mas há alunos que vêm para cá e já sabem muita coisa e depois não evoluem (...) eu às vezes já sinto isso e já começo... às vezes a escola já começa a ficar um bocadinho para trás porque não puxa muito pelos alunos”* (A.8).

Quadro 5. Expetativas de Vida/Planos de Vida

	Definição	Exemplos
Trabalho	Cotam-se nesta categoria todos os segmentos referentes a planos em envolvem a transição para o mercado de trabalho	<p><i>“Que entre no mundo do trabalho [e ires para a faculdade?] não [então queres fazer o que?] Trabalhar com animais, ensinar cavalos, qualquer tipo de animais. [queres trabalhar em Portugal ou no estrangeiro?] Portugal” (A.11); “Gostava de trabalhar [já pensaste em ir para a faculdade?] Tenho 22 anos, tenho que ir trabalhar. (risos) [gostava de trabalhar em quê?] cavalos [em Portugal ou no estrangeiro?] Portugal, estrangeiro, eu quero é trabalhar com os cavalos. Era o meu sonho era trabalhar com os cavalos” (A.1); “Ir para o estrangeiro, tirar um bom estágio e ficar lá a trabalhar para ir evoluindo gradualmente nem que seja começar por tratador, mas o meu sonho é montar cavalos e treinar cavalos todos os dias [o teu trabalho de sono é?] trabalhar com cavalos... bons de preferência” (A.2); “Já tenho à partida, um trabalho em França e um na Holanda... agora tenho de decidir qual é o melhor contrato. “ (A.8)</i></p>
Continuação dos Estudos	Cotam-se nesta categoria todos os segmentos referentes à continuação dos estudos	<p><i>“[quando estavas no regular, tinhas alguma coisa planeada?] eu acho que... eu tinha a ideia de veterinária..., mas depois vi que as minhas médias não estavam a dar e pronto e depois essa ideia fugiu-me um bocado, depois isso queria acabar o secundário, se conseguisse.” (A.3); “[então agora estás a acabar o 12º ano, projetos?] agora quero ver as coisas da faculdade. [então queres ir para a faculdade?] Sim, tenho dois anos de CERESP para não fazer os exames porque não há bases para fazer o exame. [que curso pretendes?] auxiliar veterinária” (A.5);</i></p>

5. Expetativas/Projetos de Vida

No Quadro 5 indicam-se 2 categorias tendo sido selecionados alguns exemplos de cada categoria. Em síntese, os alunos que saem desta escola têm duas hipóteses de caminho, o primeiro é seguir para o mercado de trabalho e o segundo é continuar os estudos na faculdade. Dependendo dos anos esta escola envia alunos para o mercado de trabalho mas também consegue colocar diversos alunos no ensino profissional, tirando, na sua maioria cursos de agronomia ou de auxiliar veterinária.

- **“entrada no mundo do trabalho”** - O participante A.10 afirma que inicialmente pensou em prosseguir estudos na faculdade tirando uma licenciatura em equinicultura, no entanto ao ler o plano curricular da mesma chegou à conclusão que este tipo de licenciaturas dá mais prestígio à chamada equitação de escritório, isto é, cavaleiros que estão na preparação de provas mas que não têm verdadeiro contacto com provas na maioria das vezes. Sendo que este não era o objectivo o participante afirma que deseja ser cavaleiro profissional: *“(…) minha profissão no futuro que desejo que seja cavaleiro profissional. (...) escolhi não ir para a licenciatura e ir para o mercado de trabalho, aprender no mercado de trabalho na parte prática. E já tenho duas ofertas de trabalho, uma na Áustria outra na Alemanha, (...) [e queres ir trabalhar lá para fora?] Garantidamente, na Áustria já lá fui mas na Alemanha tenho mais oportunidades e uma é melhor”* (A.10).

O participante A.3 também afirma ter planos de ingressar no mercado de trabalho após a conclusão do ensino profissional, este participante afirma querer ser profissional de obstáculos, ou seja, participar em provas de obstáculos profissionalmente. No entanto, sabe que este ramo é um ramo bastante fechado e que no início de carreira, o mais provável é ter de começar por baixo, ou seja, fazer camas aos cavalos, limpar as boxes - local onde o cavalo vive – entre outros: *“[o que queres fazer quando acabares o 12º ano?] (...) gostava de trabalhar... tem de se começar por baixo, fazer camas, montar... [o que gostavas de ser?] Gostava muito de ser profissional de obstáculos...saltar obstáculos [aqui ou no estrangeiro?] No estrangeiro, gostava de ir para fora e conhecer pessoas novas.”* (A.3). Isto também é o sonho do participante A.4 que afirma que pretende trabalhar no estrangeiro e entrar em provas com cavalos. Para este participante, o objetivo é estar a trabalhar num centro hípico onde pode treinar cavalos de outras pessoas e fazer provas de hipismo (*dressage*, obstáculos): *“Agora, é ir*

buscar trabalho no estrangeiro [qual é o teu trabalho de sonho?] acho que ter um centro hípico com cavalos de outras pessoas e entrar em provas com eles” (A.4).

Por outro lado, o participante A.6 afirma que pretende concorrer para a GNR e montar cavalos bravos, um gosto que descobriu ao longo dos três anos que frequentou o ensino profissional. Posteriormente pretende prosseguir os estudos e tirar um curso de assistente veterinária: *“Eu vou concorrer para a GNR para a parte dos cavalos porque é uma coisa que eu sempre quis [é o teu trabalho de sonho?] É mais ou menos, eu não tinha isso em mente mas depois comecei a ganhar mais gosto porque é assim eu montava... mas nunca tinha montado assim cavalos bravos, só mesmo quando vim para aqui. E eu ganhei uma espécie de gosto (...) depois vou tirar um curso de assistente veterinária porque acho que faz sempre falta” (A.6).*

- **“continuação dos estudos”** – existem também participantes que pretendem prosseguir os estudos para o ensino superior, no entanto, na nossa amostra não existem muitos participantes com este sonho. Os participantes A.5 e A.7 são os únicos que pretendem prosseguir os estudos para a faculdade e fazer formação profissional, respetivamente. Outros participantes tinham a ideia de prosseguir estudos como plano B ou se não considerasse que a equitação fosse algo em que fossem considerados bons e competentes. *“[então agora estás a acabar o 12º ano, projetos?] agora quero ver as coisas da faculdade. [então queres ir para a faculdade?] Sim, tenho dois anos de CERESP para não fazer os exames porque não há bases para fazer o exame. [que curso pretendes?] auxiliar veterinária” (A.5).*

Como foi dito anteriormente, o participante A.7 pretende seguir os estudos, no entanto não na faculdade, mas sim fazendo um curso para evoluir nas suas capacidades e aumentar as suas competências enquanto profissional do hipismo. Este participante pretende tirar um curso e fazer um estágio para solidificar a sua aprendizagem, tendo depois o plano de ingressar no mercado de trabalho após a conclusão do curso e estágio: *“a escola dá-nos a oportunidade de tirarmos um curso (...) que é ajudante de treinador, grau 1 e depois podemos tirar o grau 2 ou 3. E o que é que esse curso nos dá? A possibilidade de darmos aulas, é como se fosse um certificado normalmente as pessoas não ligam, mas é sempre importante. Vou fazer esse curso para ficar de consciência tranquila, (...) [fazemos o exame] e temos um curso (...) para saber mais sobre a segurança no trabalho. Fazemos isso online, é um e-learning e depois temos um exame de ensino, obstáculos, físico. [e depois disso?] faço o estágio e espero ficar lá a trabalhar” (A.7).*

Quadro 6- Aprendizagem facilitada por animais

Definição	Exemplos
Cotam-se nesta categoria todos os segmentos referentes à facilitação da aprendizagem por parte dos equinos	<p><i>“Influência bastante, ganho muita motivação, todos os dias tem de haver uma melhoria no cavalo, tenho de ver resultados no meu trabalho. [isso significa que estás mais motivada?] sim [e se estiveres lá em cima, achas que ajuda a aprender português, matemática?] possivelmente, acho que sim.” (A.6); “no meu caso é um caso em que ele é um professor. Ou seja, é um cavalo que me ensina, que me diz ‘olha’, uma reacção dele, estranha é pa(ra) te avisar ‘olha não faças isso’ ou ‘tem cuidado (...) [e quando vens de lá de baixo, é mais fácil aprenderes?] É mais... é mais tolerável porque nós vimos bem, não vimos saturados. É uma forma... os cavalos é uma forma de descarga de energias.” (A.5); “[teres os cavalos lá em baixo...] dá-me força...para adquirir novos conhecimentos tanto a nível de equitação como a outro nível... parece eu ganho vontade para aprender mais” (A.6); “[achas que pode influenciar a tua aprendizagem?] se as aulas de equitação calharem... de manha, por exemplo, e se a aula nos correr bem já ficamos mais contentes e já vamos confortáveis para as aulas da tarde. Por exemplo, hoje foi a manhã quase toda de equitação. É logo um alívio de manhã... fizemos o que gostámos... Ou também quando temos aulas de equitação à tarde... pensamos “finalmente vamos montar”[então, estás a dizer-me que é uma motivação?] (...) [Achas que depois de estares com o cavalo, aprendes mais facilmente?] Sim, modifica um bocado também a nossa... a nossa parte intelectual.” (A.3).</i></p>

6. Aprendizagem Facilitada por Equinos

Um dos pontos de interesse das entrevistas foi também ouvir, perceber e compreender qual era a relação com o animal e como esta, poderia facilitar ou não a aprendizagem dos alunos da escola profissional. Como tal, perguntamos aos participantes deste estudo se o facto de lidarem com animais diariamente teria algum efeito na sua aprendizagem, se de facto, estarem em contato com um animal todos os dias facilitaria a sua aprendizagem de alguma maneira. Ao contrário de todas as outras questões analisadas, esta questão teve 100% de concordância de todos os participantes do estudo.

Questionados sobre a sua opinião todos os indivíduos afirmam que o facto de lidar com animais os deixa mais abertos à aprendizagem. O participante A.2 afirma que o facto de lidar com os animais, no caso o cavalo, aumenta a sua motivação pois diariamente tem de existir uma evolução no trabalho. Afirmar também que o cavalo ajuda-o a aprender nas disciplinas mais teóricas pois começou a ver mudanças, ou seja, começou a perceber que se está atenta nas aulas pode melhorar as notas, o que acontece também com o cavalo: *“Influência bastante, ganho muita motivação, todos os dias tem de haver uma melhoria no cavalo, tenho de ver resultados no meu trabalho. [isso significa que estás mais motivada?] sim [e se estiveres lá em cima, achas que ajuda a aprender português, matemática, etc.?] (...) acho que sim. Quer dizer, eu mudei a minha forma de pensar sobre as aulas quando vim para aqui. [como te sentes cá em cima] com sono [depois de montar também?] e antes, não há motivação, não há desafio. Não há uma relação especial como a que tenho com o meu cavalo. [achas que a relação com o cavalo ajuda-te a aprender lá em cima?] eu diria que sim. [o que ele faz que te pode ajudar?] talvez, como o trabalho que eu tenho com o cavalo eu vejo evolução, vejo diferença no que estou a fazer, talvez transmita isso lá para cima, como se prestares atenção as aulas tiras boas notas.”* (A.2). Para este participante outra coisa também bastante importante é a relação que tem com o cavalo. Se a relação for boa, sente-se mais apta a trabalhar, a evoluir e a aprender mais.

Outro participante, o A.9 afirma que não só o cavalo facilita a sua aprendizagem de várias disciplinas e técnicas, como ensina bastantes coisas. No caso deste participante o cavalo ensinou-a a saltar obstáculos e a lidar com o medo *“[o cavalo ensina-te?] ensina... muito. (...) vim para a escola sem saltar um obstáculo, eu não sabia, eu cada vez que saltava, eu caia... o cavalo atual que tenho, foi o cavalo que me meteu a saltar,*

a fazer percursos, a fazer provas e depois, quem em ensinou foi o meu cavalo [ensinou-te a lidar com o medo?] sim ... a lidar com o medo dos saltos, (...)” (A.9). Na mesma linha tentámos perceber como é que a relação que o participante tem com o animal facilitava a aprendizagem das disciplinas teóricas “*(...) porque... como é que hei de explicar... é uma recompensa que nós temos, se nos esforçarmos aqui a recompensa que temos é a seguir e ir trabalhar os nossos cavalos e... e termos aulas com eles e conseguir ensiná-los, eles a nós, e nós a eles. [e depois de montar, se tiveres aula cá em cima como te sentes?] venho cansada mas... se a professora conseguir nos dar a volta... sim, torna-se mais fácil. [achas que estás mais aberta a aprender?] sim, sim” (A.9).*

Outro participante que afirma que os animais influenciam a sua aprendizagem de forma positiva foi o participante A.10: *“influência...bastante, bastante porque para mim, são os cavalos que nos tornam seres humanos excelentes, humildes, aprendemos muita humildade com os nossos cavalos. E influência bastante a aprendizagem de uma forma positiva, porque estamos aqui por causa deles, para aprender a manejar com eles a interagir com os cavalos e se queremos acabar o curso temos de fazer as outras disciplinas que são um bocadinho mais chatas. Se queremos isto mesmo para a nossa vida, se queremos lidar com os cavalos para o resto da nossa vida, temos de ter aquela motivação para acabar estas disciplinas e os cavalos dão-nos essa motivação.” (A.10).* De uma forma geral, para este participante o animal é uma fonte de motivação pois para terminar o curso é necessário passar nas disciplinas que o participante considera mais chatas, como por exemplo, português, matemática, físico-química, entre outros.

Por outro lado, este participante afirma que também o facto de ter o animal a pouca distância de si lhe dá mais motivação no entanto, por vezes entra nas aulas teóricas a pensar na aula prática de equitação e como poderia melhorar: *“às vezes quando estamos aqui depois de uma aula de equitação e vamos pra a sala de aula, o pensamento ainda está na aula de equitação, “o que é que podíamos fazer melhor?” ou porque é que o meu cavalo teve aquela reacção e já estamos a pensar na aula de amanhã, o que vamos fazer e como melhorar e nos sabemos que até aquela aula de amanhã, temos de cumprir aquela aula de português ou de química, seja do que for. Estamos motivados à espera do próximo dia, desde aguentar mais um dia e vir para o próximo.” (A.10).*

Os cavalos são também vistos como uma motivação para ficar na escola e continuar a vir no dia seguinte: *“vice-versa, mesmo quando temos a aula de equitação nos últimos dois tempos, estamos de manhã a pensar o que é que eu vou fazer hoje, será que vou fazer um exercício novo hoje e estamos sempre com motivação para chegar ao fim do dia e depois vamos fazer o que estivemos a pensar o dia todo”*. (A.10).

Perguntámos também se o participante ficava mais descontraído na presença do animal: *“sim, sim, até porque lidar com os animais requer algum trabalho físico, temos de fazer a gestão das camas, limpeza das boxes e ajuda até ali para tirar aquelas energias extras que os adolescentes às vezes sentem. Chegamos às aulas um bocadinho mais cansados em vez de chegarmos em estado de excitação, estamos ali, estamos calmos e estamos sempre um bocadinho mais relaxados.”* (A.10).

Discussão de Resultados

O presente estudo propôs investigar as percepções de alunos do ensino profissional sobre a escola, as próprias dificuldades de aprendizagem e a proximidade do animal. Considerando as questões de investigação e a análise de conteúdo efetuada, discutem-se, nesta secção os principais resultados e implicações do mesmo.

Tentando perceber se de facto as perspetivas acerca da escola ou não após a entrada na escola profissional, podemos afirmar que existiu uma mudança na forma de pensar e ver a escola dos nossos participantes. Muitos deles viam a escola como uma prisão, um local onde eram obrigados a estar o dia todo, não tinham liberdade e sentiam-se desmotivados diariamente. Durante o percurso nas escolas regulares, os alunos afirmam que viam a escola como: *“Uma prisão.”* (A.2); *“A outra é como se fosse uma prisão (...) era uma obrigação ter que lá estar, tínhamos de nos forçar a ir para a escola outra vez... não era uma coisa boa.”* (A.3); Atualmente essa ideia também foi alterada *“esta aqui... é como se fosse uma casa”* (A.3); *“desde do primeiro ano que... que isto é como se fosse uma segunda família, (...) é como se fosse uma segunda família”* (A.5); *“Senti-me bem, gostei muito.”* (A.9); nesta escola os alunos sentem-se apoiados, tanto pelos professores como pelos pares, afirmam que se sentem bastante bem, sentem-se livres não havendo limites de espaço nos quais não podem estar. Isto corrobora também os dados encontrados por Vieira e Azevedo (2008) que afirma que a grande maioria dos alunos acha o funcionamento da escola profissional mais satisfatório, reunindo as condições para uma maior motivação do aluno.

Esta escola é muitas vezes vista como um “último recurso” para muitos pais e alunos tendo uma elevada percentagem de alunos com experiência de insucesso escolar. Isto vai de acordo com Vieira e Azevedo (2008) que afirma que este tipo de ensino profissional é muitas vezes, uma derradeira oportunidade para terminar a escolaridade sendo que muitos deles já experienciaram insucesso escolar. De entre os 11 participantes, a maioria (6) já experienciou pelo menos uma reprovação ao longo do percurso escolar, sendo que dois dos seis alunos reprovaram mais do que uma vez ao longo do percurso, dos restantes 5 não reprovaram nenhum ano. Estes participantes também afirmam que escolheram esta escola devido à componente prática e que essa parte prática ajudou na mudança na forma de ver e pensar a escola.

Tentamos também perceber se as práticas de estudo destes participantes tinham sido alteradas após a entrada na escola profissional, tentando perceber como os alunos

estudavam e como estudam atualmente. Tendo por base as teorias construtivistas, Piaget defende que o professor deve ser um facilitador da aprendizagem, dando oportunidades para o aluno aprender da melhor forma. Muitos participantes afirmam que era totalmente impensável pedir ajuda aos professores, alguns participantes afirmam que antes não se esforçavam tanto e não estudavam muito, ao contrário dos colegas *“quer dizer, também não me esforçava muito, estudava só umas duas horas as minhas amigas estudavam ‘prai 5 ou 6 horas por dia.’*” (A.4). Anteriormente estes alunos afirmam tentar estar atentos na sala e terem de estudar em casa, na maioria recorrendo a um explicador para tentar superar as dificuldades, algo que atualmente foi alterado. Muitos participantes afirmam não estudar na escola profissional *“Não estudo.”* (A.4); *“Matemática, eu não estudo... o que eu faço nas aulas, é o que eu faço nos testes e biologia... há muitas disciplinas que eu não estudo”* (A.9); *“não estudo porque consigo captar tudo o que é preciso na sala de aula, estou atento, estou motivado, quero aprender, estou aberto a novos conhecimentos”* (A.10). No entanto, é importante compreender o que estes alunos querem dizer quando afirmam que não estudam, estes afirmam não necessitar de estudar pois conseguem perceber e apreender a informação que o professor lhes transmite enquanto estão na aula. Afirmam compreender melhor a forma como a matéria é dada no ensino profissional, conseguem sentir-se mais apoiados e menos julgados quando têm alguma dificuldade e mais motivados para a aprendizagem. Também é importante referir que os alunos afirmam não precisar de estudar fora da sala de aula pois o ensino profissional é mais prático, mesmo nas aulas teóricas. Isto é, dentro da sala de aula fazem bastantes exercícios acompanhados pelo professor. O facto de fazerem muitos exercícios durante os tempos de aula leva a que os alunos peçam mais apoio do professor, compreendendo e praticando a disciplina, o que faz com que exista menos necessidade de estudar fora da escola. Na preparação para os testes, os alunos afirmam que anteriormente tinham de estudar bastante tempo, algo que atualmente não acontece pois captam a informação na aula e se existir algum tipo de dificuldade num determinado módulo, os alunos recorrem uns aos outros para superar as dificuldades e ao professor. Nesta área, os alunos afirmam que o professor está mais disponível e, ao contrário do que acontecia nas escolas regulares, o professor é visto como um facilitador da aprendizagem o que vai de acordo com a teoria encontrada. Bada (2015) afirma que os defensores da perspetiva construtivista da aprendizagem acreditam que quando o indivíduo quer aprender, este é alterado pelo contexto e

podemos afirmar que estes alunos pretendem aprender mais sobre o que estão a estudar, mostrando-se mais abertos às aprendizagens e motivados para tal.

O facto de estarem mais motivados para a aprendizagem, pode ser apontado como um motivo para a superação das dificuldades que têm e para o sucesso enquanto profissionais da área de estudo. Nesta escola os estudantes são construtores ativos do seu conhecimento, o que vai de acordo com os princípios orientadores da Escola Ativa defendida por Piaget (Shabani, Khatbi & Ebani, 2010). Estes alunos sentem-se mais motivados não só pelo facto de estudarem algo que gostam, mas também por sentirem que podem optar por trabalhar na área que estudam ou continuar os estudos. De valorizar que este ensino respeita os interesses dos alunos e a entreajuda entre professores e alunos, o que são pontos de valorização. O facto de existir uma valorização da entreajuda, é, segundo a teoria de Vygotsky, uma mais-valia para a sua aprendizagem e a sua motivação. Também se notou uma provável alteração das crenças facilita a aprendizagem, anteriormente os alunos não se sentiam muito competentes no ensino regular, atualmente com as alterações na escola, os alunos consideram-se mais competentes com base nas notas e no *feedback* que têm dos professores, levando também a uma alteração do *mindset* dos alunos.

De um modo geral, é possível compreender que a forma como nós sentimos e percebemos o mundo ao nosso redor afeta a nossa aprendizagem. O facto de não nos sentirmos bem no local onde devemos aprender dificulta a nossa aprendizagem e a forma como tentamos superar as dificuldades. As dificuldades são inerentes à nossa vida, numa perspetiva construtivista, só é possível aprender quando existe uma dificuldade pois só assim poderemos evoluir.

No que toca às perceções que estes participantes têm sobre o contributo do equino na sua aprendizagem, as respostas vão ao encontro ao que foi encontrado na literatura. Estudos de Zasloff, Hart e DeArmond afirmam que animais dentro ou perto das salas de aula têm sido apontados como benéficos não só na atenção dos alunos mas também na motivação dos alunos para a aprendizagem (Fine & Gee, 2017). O facto de lidarem com os animais os ajuda a sentir-se bem e, na opinião deles, facilita a sua aprendizagem. Isto vai ao encontro da literatura encontrada, nomeadamente os estudos de Fine e Gee (2017) que afirmam que o facto de os professores incluírem um animal dentro da sala de aula promove um ambiente mais relaxado e calmo. *“E influência bastante a aprendizagem de uma forma positiva, porque estamos aqui por causa deles, para aprender (...) a interagir com os cavalos e se queremos acabar o curso temos de*

fazer as outras disciplinas que são um bocadinho mais chatas.” (A.10). Para este participante o animal é uma motivação para fazer as disciplinas mais teóricas que normalmente não gostam tanto.

Em relação ao cavalo, a equitação tem sido apontada como um contributo para um comportamento positivo em crianças em risco de insucesso escolar, algo que estes alunos tinham experienciado. O trabalho com o cavalo é também uma das melhores formas de promover estratégias para melhorar a atenção, controlo de emoções e do comportamento (Prendy & Roeter, 2013), competências que os alunos afirmam ter melhorado, especialmente o comportamento dentro da sala de aula. Está estudado por Fo et al. (2017) afirma que os movimentos do cavalo promove melhorias nos sistemas musculares e levam a benefícios psicológicos, promovendo a capacidade do aluno aprender (Granados & Agís, citado por Fo et al., 2017).

Estes alunos afirmam que se sentem bastantes mais calmos após terem estado com o animal, o que também vai em concordância com a literatura encontrada e a sua interação promove não só a aprendizagem, mas também o reconhecimento de comunicação não-verbal. Esta última também foi falada pelos alunos quando afirmam que após uma aula de equitação sentem-se mais cansados, mas ao verem que a professora da aula seguinte está a tentar captar a atenção deles, é-lhes mais fácil aprender. *“Sim, já estamos mais descontraídos. [depois de estar com o cavalo é mais fácil aprender?] Sim”* (A.11); *“Venho cansada mas... se a professora conseguir nos dar a volta... sim, torna-se mais fácil.”* (A.9), mais uma vez, um participante a afirmar que o equino facilita a sua aprendizagem especialmente se a professora os conseguir cativar.

Tentando perceber se o percurso escolar destes alunos tinha alguma influência nos projetos de vida dos mesmos. De um modo geral, a maioria destes alunos afirma que se continuasse no ensino regular, continuariam a ter as mesmas dificuldades ou estas seriam aumentadas. Consequentemente, isto levava a que não pretendessem continuar os estudos, por não se sentirem competentes para tal. Com a entrada no ensino profissional, muitos destes alunos pretendem continuar a aprender na prática, pois após já ter tido contato com a prática não pretendem voltar para a teoria. Afirmam que aprendem melhor com a prática e pretendem começar a trabalhar com equinos. Podemos então afirmar que estes alunos pretendiam abandonar os estudos enquanto andavam no ensino regular e atualmente, pretendem continuar a estudar através de formações práticas na área de interesse, aprofundando o seu conhecimento da área.

Parece bastante claro que os percursos escolares têm bastante influência nos projetos de vida.

Por último, pareceu importante compreender se a inserção destes alunos num curso profissional teve alguma influência na forma de pensar a escola, na sua motivação e experiências pessoais. Os participantes deste estudo afirmam que anteriormente se sentiam desmotivados e pouco competentes na aprendizagem ao frequentarem o curso regular. Como já foi falado, a entrada neste curso melhorou bastante a motivação destes alunos, pois não só se sentiram mais apoiados mas também se sentiram mais competentes na própria aprendizagem. Ao estarem nesta escola e neste curso em específico, os alunos começaram a preparar um projecto de vida, começaram a preparar-se para a entrada no mundo do trabalho. Para estes alunos, o símbolo da escola é bastante importante, sinónimo de prestígio e de bons profissionais, e ao longo das entrevistas foi visível o orgulho que sentem por ser parte da escola e o objetivo de levar o nome da escola para os locais de estágio e trabalho. As experiências escolares e pessoais também sofreram alterações, pois muitos destes participantes tiveram de se mudar para uma nova casa, uma nova aldeia e isso deu-lhes bastante responsabilidade e ajudou-os a crescer como foi mencionado pelos participantes entrevistados.

Capítulo IV

Limitações do Estudo e Conclusão

Limitações do Estudo

Ao longo da elaboração desta investigação foram encontradas algumas limitações que poderão ser evitadas noutras investigações.

A primeira limitação que foi encontrada para a elaboração deste estudo foi o número de participantes entrevistados, sendo todos os participantes de uma só escola, não é possível generalizar as respostas para toda a população. Esta pequena amostra permite apenas uma análise exploratória dos resultados.

Outra limitação encontrada foi o tempo necessário para a análise de todos os dados recolhidos neste estudo, o que forçou a que apenas alguns fossem analisados em prejuízo de outros. A limitação temporal deveu-se a constrangimentos de tempo o que também levou à impossibilidade de aumentar a amostra que seria possível pois a escola mostrou-se bastante disponível para esta investigação.

Futuras investigações

Apesar dos contributos desta investigação para a compreensão e conhecimento desta escola, assinalam-se também algumas limitações de modo a que futuras investigações possam aprofundar os conhecimentos, colmatando-as.

A partir da análise das entrevistas dos alunos, torna-se claro as diferenças sentidas entre o ensino profissional e o ensino regular, os alunos afirmam que o facto de estarem numa escola mais pequena existe uma maior proximidade da comunidade escolar o que nas outras escolas não existia, afirmando que a escola era demasiado impessoal e não se sentiam importantes na escola. Torna-se também claro através dos diálogos dos alunos, mas também da revisão literária feita da importância que os animais podem ter na aprendizagem facilitando não só a aprendizagem, mas promovendo um ambiente mais relaxado, promovendo a atenção e a motivação.

Outro assunto que poderia também ser estudado nesta escola prende-se com um estudo longitudinal acerca da mudança de crenças e perspetivas ao longo do percurso escolar na escola, seria interessante confrontar perspetivas de alunos que frequentaram a escola durante 6 anos com os que frequentaram a escola durante apenas 3 anos. Percebendo quais eram os planos antes de entrar na escola e como estes planos foram alterados ao longo dos anos de frequência na escola. Outro assunto interessante seria a análise da evolução das narrativas dos próprios alunos, tentando perceber como as narrativas eram alteradas ao longo do ano, podendo começar com uma narrativa no

início do ano, outra no meio e no final do ano lectivo. Poderia ser possível também a elaboração de uma proposta de formação de professores tendo em vista a facilitação da sua adaptação à escola profissional, uma vez que os professores demonstram alguma dificuldade de adaptação no início do ano letivo, pois esta é uma escola com uma cultura diferente à qual têm de se adaptar para ensinar os alunos da melhor forma.

Implicações para a Prática

Este estudo exploratório traz pistas importantes acerca do papel do psicólogo nas escolas portuguesas. Mostra a relevância de ajudar alunos com insucesso escolar e desânimo aprendido nas escolas e a importância de um trabalho colaborativo entre alunos, corpo docente, comunidade educativa e famílias.

As crenças que temos têm um grande peso na forma como percebemos a escola e a nossa própria competência perante determinada disciplina. Um aluno que não se sente competente nas disciplinas sofre um aumento da desmotivação, insucesso escolar, aumento de retenções e abandono escolar. O facto de a escola ser uma instituição muitas vezes com um elevado número de alunos leva a que se possa sentir menos apoiado e com receio de pedir ajuda para superar as próprias dificuldades que sente. Torna-se então importante a criação de uma identidade institucional e de uma identificação pessoal com a imagem da escola. Quanto mais aceite o aluno se sentir na escola, pelos pares e pelos professores mais facilmente conseguirá pedir ajuda, ao se identificar com a escola e se sentir apoiado sentir-se-á mais competente na superação das dificuldades que tem. No caso desta escola profissional em particular, todos os alunos mencionaram o quão importante era o símbolo da escola, o quão importante para eles era ser parte daquela escola e levar o seu símbolo mais além. Este sentimento de aceitação e de amor ao símbolo não acontecia nas escolas anteriores. Nas escolas anteriores os alunos afirmavam não se sentirem importantes, ninguém os conhecia e não mudavam nada na escola ao contrário do que acontecia na escola profissional, onde se sentiam bem e onde conseguiam mudar alguma coisa quando fosse necessário.

O ensino profissional está envolto em diversas crenças erróneas, crenças de que o ensino profissional é apenas para jovens que não têm capacidade para aprender as disciplinas no ensino regular pois o ensino profissional é mais fácil. Ideias erradas acerca do ensino profissional que levam a preconceitos que devem também ser

modificados. É importante contribuir para um repensar destas ideias erradas e mostrar que este tipo de ensino é igualmente válido, sendo um percurso escolar completamente aceitável para alunos que já têm uma profissão pensada e que aprendem melhor praticando. É então necessário mostrar que o ensino prático facilita a aprendizagem.

Hoje em dia, com a nova legislação torna-se mais importante monitorizar os progressos dos alunos do que diagnosticar insucessos e problemas de aprendizagem. É mais importante encontrar formas de os ajudar a superar as dificuldades e encontrar estratégias para estudarem melhor, para se manterem calmos e descontraídos do que diagnosticar-lhes algum tipo de problema. O papel do Psicólogo Educacional centra-se agora muito mais na vertente da promoção do sucesso, do trabalho colaborativo e em permanente interação com a equipa multidisciplinar, numa abordagem mais sistémica, numa abordagem multinível.

Referências Bibliográficas

- Agência Nacional para a Qualificação e o Ensino Profissional (2019). *Cursos Profissionais*. Retirado de <http://www.anqep.gov.pt/aaaDefault.aspx?f=1&back=1&codigono=56225802AAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAA> (retirado a 23 de Abril de 2019)
- Amado, J. (2014). *Manual de investigação qualitativa em educação* (3rd ed.). Imprensa da Universidade de Coimbra (Ed.), Coimbra. doi:10.14195/978-989-26-0879-2
- Azevedo, J. (2014). *Ensino profissional em Portugal, 1989-2014: os primeiros vinte e cinco anos de uma viagem que trouxe o ensino profissional da periferia para o centro das políticas educativas*. Consultado a 10 de Junho de 2019, em http://www.joaquimazevedo.com/Images/BibTex/Escolas_profissionais_Livro_VFinal.pdf
- Bada, S. (2015). Constructivism learning theory: A paradigm for teaching and learning. *IOSR Journal of Research & Method in Education*, 5, 66-70. doi: 10.9790/7388-05616670
- Bernard, M. (2006). It's time we teach social-emotional competence as well as we teach academic competence. *Reading & Writing Quarterly*. 22, 103-119. Doi: 10.1080/10573560500242184
- Bernard, M. (2016). Teacher beliefs and stress. *Rational-Emotive & Cognitive-Behavior Therapy*, 34, 209–224, doi: 10.1007/s10942-016-0238-y
- Beswick, K. (2007). Influencing teachers' beliefs about teaching mathematics for numeracy to students with mathematics learning difficulties. *Mathematics Teacher Education and Development*, 9, 3-20.
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*. Lisboa: Porto Editora
- Bostwick, K. & Becker-Blease, K. (2018). Quick, easy mindset intervention can boost academic achievement in large introductory psychology classes. *Psychology Learning & Teaching*, 17(2), 177–193. doi: 10.1177/1475725718766426
- Brelsford, V., Meints, K., Gee, N. & Pfeffer, K. (2017). Animal-assisted interventions in the classroom – A systematic review. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 14, 1-33. doi:10.3390/ijerph14070669

- Brooks, R. & Goldstein, S. (2008). The mindset of teachers capable of fostering resilience in students. *Canadian Journal of School Psychology*, 23(1), 114-126.
- Claro, S., Pauneskub, D. & Dweck, C. (2016). Growth mindset tempers the effects of poverty on academic achievement. *PNAS*. vol. 113, 3
- Cook, E. (2015). Understanding adolescent shame and pride in a school context: The impact of perceived academic competence and a growth mindset (Tese de Doutoramento em Psicologia Educacional). Universidade de Southampton, Reino Unido
- Cook, E., Wildschut, T. & Sander Thomas. (s.d). Understanding adolescent shame and pride at school: Mind-sets and perceptions of academic competence. *Educational & Child Psychology*, 34(3), 119-129.
- Decreto-Lei nº 54/2018 (2018). Estabelece o regime jurídico da educação inclusiva. *Diário da República*, Série I, 129, 2918 – 2928.
- Decreto-Lei nº 55/2018 (2018). Currículo dos Ensinos Básico e Secundário e os Princípios orientadores da Avaliação das Aprendizagens. *Diário da República*, Série I, 129, 2928 – 2943.
- Duarte, A. (2002). *Aprendizagem, ensino e aconselhamento educacional Uma perspectiva cognitivo-motivacional*. Coleção Ciências da Educação. Lisboa: Porto Editora
- Dweck, C. (2008). *Mindsets and Math/Science Achievement*. New York: Stanford University
- Dweck, C. (2008a). Can personality be changed? The role of beliefs in personality and change. *Current Directions in Psychological Science*, 17(6), 391-394. doi: <https://doi.org/10.1111/j.1467-8721.2008.00612.x>
- Fine, A. & Gee, N. (2017). Introducing a roadmap for action. In N. Gee, A. Fine, & P. McCardle (Eds), *How Animals Help Children Learn* (pp 3- 11). Routledge: Taylor & Francis Group.
- Fo, N., Zhou, J., Fung, D. & Kua, P. (2017). Equine-assisted learning in youths at-risk for school or social failure. *Cogent Education*. 4, 1-18
- Gee, N., Griffin, J. & McCardle, P. (2017). Human – animal interaction research in school settings: Current knowledge and future directions. *AERA Open*. 3(3), 1-9. doi: 10.1177/2332858417724346
- Ghiglione, R. & Matalon, B. (1977/1998). *O inquérito: Teoria e prática*. Oeiras: Celta

- Gomes, L., & Bellini, L. (2009). Uma revisão sobre aspetos fundamentais da teoria de Piaget: Possíveis implicações para o ensino de físico. *Revista Brasileira de Ensino de Física*, 31(2), 2301-1 – 2301-10.
- Gonçalves, M. D. (2002). *Concepções Científicas e Concepções Pessoais sobre o Conhecimento e Dificuldades de Aprendizagem*. (Tese de Doutoramento em Psicologia da Educação). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.
- Gonçalves, M.D. (2012). *Encontros IDEA Investigação de Dificuldades para a Evolução na Aprendizagem*. Lisboa: Sinapis Editores.
- Gorodetsky, M., Keiny. S. & Hoz, R. (1997). Conceptions, practice and change. *Educational Action Research*, 5(3), 423-433.
- Hohenstein, J., & Manning, A. (2010). Thinking about learning – Learning in science. In J. Osborn & J. Dillon. (Eds), *Good Practice in Science Teaching: What research has to say* (pp. 68-81). England: McGraw Hill.
- Kavale, K. & Forness, S. (2000). What definitions of learning disability say and don't say a critical analysis. *Journal of Learning Disabilities*, 33, 239-256.
- Kavale, K., Spaulding, L. & Beam, A. (2009). A time to define: making the specific learning disability definition prescribe specific learning disability. *Learning Disabilities Quarterly*, 32, 39-49.
- Lyon, G. (2005). Why scientific research must guide educational policy and instructional practices in learning disabilities. *Learning Disabilities Quarterly*, 5, 140 -143.
- Marques Pinto, A. (2019). Seminário de Tese: Entrevistas e Focus Group. Universidade: Faculdade de Psicologia.
- Miranda, G. & Bahia, S. (Eds). (2005). *Psicologia da Educação Temas de Desenvolvimento, Aprendizagem e Ensino*. Lisboa. Relógio de Água.
- Morgado, L. (2005). Jean Piaget: Um Pedagogo? In G. Miranda & S.Bahia. (Eds), *Psicologia da Educação Temas de Desenvolvimento*. (pp. 25-42). Lisboa, Relógio de Água.
- Observador. (2019). INE. Abandono escolar atinge mínimo histórico em 2018. Retirado de <https://observador.pt/2019/02/06/ine-abandono-escolar-atinge-minimo-historico-em-2018/>
- Organização dos Estados Ibero-Americanos. (2018). 2016/2017: Mais alunos no ensino secundário, mais adultos em formação e redução global do insucesso escolar.

- Retirado de <https://www.oeiportugal.org/Oei/Noticia/estatisticas-da-educacao-em-portugal-em-2016-2017-mais-alunos-no>
- Organização dos Estados Ibero-Americanos. (2018). Nota à Comunicação Social - Estatísticas da Educação 2016/2017: Mais alunos no ensino secundário, mais adultos em formação e redução global do insucesso escolar. Retirado de <https://www.oeiportugal.org/uploads/files/news/Oei/172/comunicado-do-ministerio-da-educacao.pdf>
- Organização dos Estados Ibero-Americanos. (s.d). Estatísticas da Educação 2016/2017 Educação Pré-escolar, Ensinos Básico e Secundário. Retirado de <https://www.oeiportugal.org/uploads/files/news/Oei/172/relatorio-anual-de-estatisticas-da-educacao.pdf>
- Ostermann, F. & Cavalcanti, C. (2011). *Teorias da aprendizagem*. Porto Alegre: Evangraf.
- Pendry, P. & Roeter, S. (2013). Experimental trial demonstrates positive effects of equine facilitated learning on child social competence. *Human-Animal Interaction Bulletin*, 1(1), 1-19.
- Pordata (2019). Consultado no dia 30 de Maio em <https://www.pordata.pt/Portugal/Alunos+matriculados+no+ensino+secund%C3%A1rio+total+e+por+modalidade+de+ensino-1042-8426>
- Projeto Educativo EPDRAC 2018-2021. Retirado em 19 de Fevereiro de 2019 de: https://docs.wixstatic.com/ugd/dbbd3e_fc4bbe9c946148a489bdcbbcba8577730.pdf
- Richardson, V. (1996). The role of attitudes and beliefs in learning to Teach. In J. Sikula (Ed.), *Handbook of research on teacher education* (2nd ed., pp. 102-119). New York: Macmillan.
- Sarrasi, J., Nenciovici, L., Foisy, L., Allaire-Duquette, G., Riopel, M., & Masson, S. (2018). Effects of teaching the concept of neuroplasticity to induce a growth mindset on motivation, achievement, and brain activity: A meta-analysis. *Trends in Neuroscience and Education*, 12, 22-31.
- Shabani, K., Khatb, M. & Ebadi, S. (2010). Vygostky's zone of proximal development: Instructional implications and teachers' professional development. *English Language Teaching*, 3(4), 237-248.

- Sousa, C. (2005). A teoria sociocultural e Vygotsky. In G. Miranda & S. Bahia. (Eds), *Psicologia da Educação Temas de Desenvolvimento* (pp. 43-51). Lisboa: Relógio de Água.
- Trotter, K., Chandler, C., Goodwin-Bond, D. & Casey, J. (2008). A comparative study of the efficacy of group equine assisted counseling with at risk children and Adolescents. *Journal of Creative in Mental Health*, 3(8). doi: 10.1080/154013202202356880
- Valentiner, D., Mounts, N., Durik, M., Gier-Lonsway, S. (2011). Shyness mindset: Applying mindset theory to the domain of inhibited social behavior. *Personality and Individual Differences*, 50, 1174 – 1179.
- Vasconcelos, C., Praia, J., & Almeida, L. (2003). Teorias de aprendizagem e o ensino/aprendizagem das ciências: da instrução à aprendizagem. *Psicologia Escolar e Educacional*, 7(1), 11-19. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572003000100002&lng=pt&tlng=pt.
- Veiga Simão, A.M. & Silva, J (2016). Entrevista com tarefa na identificação de processos na aprendizagem autorregulada. *Psicologia Escolar e Educacional*, SP. Vol20 1, Janeiro/Abril de 2016: 89-100.
- Vieira, M & Azevedo, J. (2008). Factores que promovem o sucesso educativo nas escolas profissionais. Consultado no dia 25 de Junho de 2019, em <http://joaquimazevedo.com/Images/BibTex/0540222208Azevedo%20-%20revisto.pdf>
- Zeng, G., Hou, H. & Peng, K. (2016). Effect of growth mindset on school engagement and psychological well-being of Chinese primary and middle school students: The mediating role of resilience. *Frontiers Psychology*. 7, 1-8. doi: 10.3389/fpsyg.2016.01873

Anexos

Anexo 1 – Guião da Primeira Entrevista

Guião de Entrevista Individual Semiestruturada para alunos:

Ser Aluno da

Objetivos da entrevista:

- Recolher informação sobre a caracterização da escola e dos seus alunos – descrição do percurso escolar e identificação de dificuldades encontradas ao longo do percurso escolar;
- Identificação de conceções pessoais face à escola, aprendizagem e dificuldades;
- Sugestões de mudanças na escola;

Amostra:

Pretende-se realizar uma entrevista com duração de aproximadamente 20 a 30 minutos, cuja amostra será de alunos do 12º ano. O processo de entrevista será individual.

Guião da Primeira Entrevista

Designação do Bloco	Objetivos Específicos	Observações e questões
A. Introdução	<p>Explicar os objetivos do estudo, agradecer a sua participação e a sublinhar a importância da participação no estudo;</p> <p>Assegurar: Confidencialidade; Anonimato; Autorização para gravar (Consentimento informado)</p> <p>Adquirir informações pertinentes do aluno</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Explicar os objetivos do estudo; 2. Agradecer a participação do aluno e sublinhar a importância 3. Garantir o anonimato e a informação + pedir autorização para gravar.
B. Escolha da Escola	<p>Compreender o motivo pelo qual escolheu esta escola;</p> <p>Perceber se optou por esta escola ou pelo ensino profissional;</p> <p>Perceber se a escolha está ligada ao campo e aos cavalos</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. O que escolheste primeiro? O ensino profissional ou esta escola? 2. Que razão é que te levou a escolher o ensino profissional / esta escola? 3. O que achas mais benéfico para ti no ensino profissional?
C. Perceção Pessoal	<p>Compreender as características da escola;</p> <p>Perceber o que é mais importante para eles na escola</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Imagina que agora chega aqui um colega meu, nunca veio a escola, como descreverias esta escola? (esta escola é...; nesta escola sinto-me...) 2. O que valorizas mais nesta escola?
D. Diferenças entre esta escola e anteriores	<p>Conhecer o tipo de escola que o aluno frequentava anteriormente;</p> <p>Perceber as diferenças mais importantes entre as escolas;</p> <p>Compreender os sentimentos associados a cada uma das escolas</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Em que escola andaste anteriormente? Gostavas da escola? Podes descrever-me um dia teu nessa escola? 2. Como te sentias nessa escola? 3. E como te sentes nesta? 4. Podes me, nesta folha escrever-me o que tu mais gostas na e o que menos gostas e depois dizer-me o que gostavas mais e menos na antiga escola.

E. Motivações afectivas	<p>Perceber como se sente nesta escola</p> <p>Compreender os sentimentos associados à</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Desde que aqui chegaste já pensaste em desistir? Porquê? 2. Sentes-te mais motivado(a) nesta escola ou na anterior? Qual é a diferença? 3. Como te sentes a lidar com os animais todos os dias?
F. Expetativas para o futuro	<p>Perceber quais são os objetivos escolares do aluno</p> <p>Perceber quais são os objetivos de vida do aluno</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Quando terminares o 12º ano, pretendes continuar a estudar? Se sim, queres ir para a faculdade? Tirar que Curso? Se não, pretendes começar já a trabalhar? O que queres fazer? 2. Qual é o teu trabalho de sonho? Achas que esta escola te ajuda a chegares ao teu objetivo?
G. Sugestões	Sugestões do aluno para melhorar a escola	<ol style="list-style-type: none"> 1. Na tua opinião, achas que esta escola podia ser ainda melhor? Porquê? 2. Que sugestões tens para a melhorar?
Finalização	<p>Perguntar se há alguma informação que queira adicionar que considere pertinente.</p> <p>Agradecer a participação no estudo e o tempo que disponibilizou</p> <p>Finalizar a entrevista</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Para terminarmos, queres acrescentar alguma coisa ao que falamos? Algo que aches importante? 2. Agradeço imenso a tua participação e a tua ajuda neste estudo

Anexo 2 – Guião da Segunda Entrevista

Designação do Bloco	Objetivos Específicos	Observações e questões
Introdução	<p>Explicar os objetivos do estudo, agradecer a sua participação e a sublinhar a importância da participação no estudo;</p> <p>Assegurar: Confidencialidade; Anonimato; Autorização para gravar (Consentimento informado)</p>	<p>Explicar os objetivos do estudo – eu estou aqui para compreender para perceber o que os alunos pensam sobre esta escola por comparação com outras, sobre o que pensam sobre as suas próprias dificuldades antes e depois de virem para esta escola. Gostava também de saber qual é o papel do cavalo e do campo tem nesta escola; Agradecer a participação do aluno e sublinhar a importância Garantir o anonimato e a informação + pedir autorização para gravar.</p>
A. Caracterização do aluno	Adquirir informações pertinentes do aluno	<ol style="list-style-type: none"> 1. Como é que te chamas? Vens de onde? 2. Porque é que escolheste esta escola? 3. Como é que foi o teu percurso antes desta escola? (idade, profissões)
B. Escolha da Escola	<p>Compreender o motivo pelo qual escolheu esta escola;</p> <p>Perceber se optou por esta escola ou pelo ensino profissional;</p> <p>Perceber se a escolha está ligada ao campo e aos cavalos</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. O que escolheste primeiro? O ensino profissional ou esta escola? 2. Que razão é que te levou a escolher o ensino profissional / esta escola? 3. O que achas mais benéfico para ti no ensino profissional? 4. Qual foi o motivo pelo qual escolheste esta escola?
C. Conceções pessoais sobre dificuldades na aprendizagem	<p>Compreender o que aluno pensa sobre esta escola e anteriores e sobre a diferença:</p> <p>Conceções pessoais sobre as suas próprias dificuldades de aprendizagem antes e depois de vir para esta escola.</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Dá me um exemplo de uma dificuldade de aprendizagem tua nesta escola 2. Agora que estás nesta escola, o que é que tu pensas sobre as tuas dificuldades? (quais são, como supera?) 3. O que pensas hoje das tuas dificuldades de aprendizagem que tinhas nas escolas anteriores? 4. O que é que tu pensas que mudou? 5. Se tivesses de mencionar dois motivos que contribuíram para essa mudança, quais foram?

		6. Como e que a tua forma de estudar e de ver a escola foi alterada? 7. Que mudanças ocorreram entre esta escola e a escola anterior?
D. perspetivas pessoais sobre a escola	Perceber as diferenças mais importantes entre as escolas; Perceber o que é mais importante para eles na escola	1. O que é que tu pensas sobre esta escola? 2. O que é que tu pensas desta escola em comparação com o que pensas das escolas anteriores onde andaste? 3. Como te sentias na escola anterior? 4. E como te sentes nesta?
Animais em contexto educacional	Perceber se o animal facilita a aprendizagem do aluno	1. Como é que, na tua opinião, que a relação com os animais modifica ou influencia a qualidade e sucesso da tua aprendizagem?
F. Expetativas para o futuro	Perceber quais são os objetivos escolares do aluno Perceber quais são os objetivos de vida do aluno	2. Quais são as tuas expetativas para o trabalho? 3. O que pensas fazer depois?
Finalização	Perguntar se há alguma informação que queira adicionar que considere pertinente. Agradecer a participação no estudo e o tempo que disponibilizou Finalizar a entrevista	1. Para terminarmos, queres acrescentar alguma coisa ao que falamos? Algo que aches importante? 2. Agradeço imenso a tua participação e a tua ajuda neste estudo

Anexo 3 – Consentimento Informado

Aos Encarregados de Educação e estudantes da Escola Profissional

O presente estudo, surge de uma parceria estabelecida entre a Escola Profissional e a Faculdade de Psicologia. Este estudo foi submetido à Comissão Especializada de Deontologia do Conselho Científico da FP-UL.

Eu, Mariana Cardoso Santos Carreira da Cruz, estudante do Mestrado Integrado em Psicologia, Secção de Psicologia da Educação e da Orientação, na Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, venho por este meio solicitar a sua autorização para que o seu educando participe numa entrevista acerca da escola em que estuda, no âmbito da minha Dissertação de Mestrado, orientada pela Professora Doutora Maria Dulce Gonçalves.

Cada aluno(a) será entrevistado **individualmente**, durante cerca de 20 a 30 minutos, com o objetivo compreender melhor as motivações de escolha da escola, as suas características, diferenças em relação a experiências escolares anteriores, aspetos que os alunos mais gostam (ou desgostam) e possíveis sugestões. Esta escolha dos alunos para posterior entrevista, deve-se a uma composição feita no mês de Novembro na qual o aluno se identificou e esta entrevista procura então, aprofundar as crenças do seu educando acerca da escola e da sua própria aprendizagem.

Para posterior análise, esta entrevista será gravada (áudio), sendo estas gravações destruídas no final do estudo de modo a salvaguardar a confidencialidade, no entanto como existe registo de voz, o estudo não será anónimo. Os dados obtidos serão utilizados respeitando todas as normas de privacidade e sigilo.

A entrevista terá lugar na escola durante o período lectivo, sem prejuízo para a aprendizagem do aluno. Serão também recolhidos alguns dados sociodemográficos da família para o estudo em curso, como por exemplo, local de origem e notas escolares. Todos os resultados serão trabalhados de forma confidencial e sigilosa, não sendo em momento algum questionado qualquer tipo de informação que não seja relevante para o presente estudo.

Informo também que, da participação, não resultará qualquer dano, físico ou mental, e o participante pode desistir livremente a qualquer altura se assim o entender.

Encontro-me disponível para qualquer esclarecimento e fornecimento de informação sobre o estudo em curso. Se desejarem poderão receber a informação geral sobre os resultados globais do estudo.

Grata pela sua colaboração e atenção dispensada

Anexo 4 – Pedido de Colaboração aos Professores

Estimado/a Professor/a,

No âmbito do projeto de tese: *Concepções Pessoais de alunos do Ensino Profissional sobre a Escola: estudo exploratório num contexto rural com alunos do 12º da sua escola* solicito a sua colaboração para compreender o seu ponto de vista acerca desta escola

Este estudo está a ser feito por Mariana Cardoso Santos Carreira da Cruz, estudante do Mestrado Integrado em Psicologia, Secção de Psicologia da Educação e da Orientação, na Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, no âmbito da minha Dissertação de Mestrado, orientada pela Professora Doutora Maria Dulce Gonçalves.

Solicitamos então, a sua colaboração numa entrevista de aproximadamente 20 a 30 minutos sobre as suas concepções acerca da escola onde lecciona. Os dados recolhidos serão confidenciais apenas para efeitos de análise. Estes serão armazenados numa base de dados à qual, somente a investigadora poderá aceder. Os resultados da análise poderão ser partilhados com a comunidade escolar e utilizados para sugestões de melhoria dos resultados e monitorização dos progressos ao longo do ano escolar.

A sua participação e resposta são voluntárias, mas a sua opinião é fundamental e especialmente importante para este estudo. Para informação adicional não hesite em contactar.

Grata pela sua colaboração e atenção dispensada

Mariana Santos Cruz.

Anexo 5 – Exemplificação do Sistema de Segmentação e Codificação: Excertos de Entrevistas

Participante A.10	
E – Quero que me fales um bocadinho sobre ti, quem és, de onde vens.	
A.10 – O meu nome é A.10, tenho 19 anos, sou de T, estou no curso de Técnico de Gestão Equina.	Caracterização do Sujeito
E – Vens de T... ainda é um bocadinho longe daqui, qual foi o principal motivo que te fez escolher esta escola?	
A.10 – O principal motivo que me fez escolher esta escola foi que me <u>disseram que era uma das melhores escolas e que oferecia uma melhor oferta educativa, era superior comparado às outras escolas</u> . Vim cá <u>visitar a escola</u> , recebi uma visita guiada da professora M, <u>gostei das condições, gostei das instalações</u> da escola pareceu-me... embora tenha tido oportunidades <u>para ficar em casa e ir para outra escola, pareceu-me a melhor escola mesmo estando longe de casa</u> .	Motivo da escola (categoria da qualidade e excelência da escola)
E – Tu vieste para aqui com que idade?	
A.10 – 17 anos	Caracterização do Sujeito
E – Vieste para aqui completamente sozinho, a tua adaptação a viveres sozinho, a uma escola nova, foi fácil?	
A.10 – Acho que a adaptação foi fácil devido a estar numa turma em que <u>estamos todos a passar pelo mesmo...</u> estamos todos aqui sem os nossos pais, <u>só nos temos a nós e aos amigos</u> e não foi tão difícil como se eu tivesse cá sozinho e os meus colegas tivessem cá os pais... <u>todos nos apoiamos uns aos outros</u> e no fundo foi uma transição da escola e para viver sozinhos, foi uma transição suave.	Diferenças percebidas entre a escola atual e a anterior.

E- E pergunto-te agora um bocadinho sobre o teu percurso escolar anterior, como é que foi?	
A.10 – <u>Fiz do 5º ao 9º ano, chumbei no 7º ano por maus comportamentos, faltas de atenção e essas coisas, mas foi um 5º ao 9º normais.</u>	Caracterização do sujeito
E – E chumbaste no 7º ano, por questões de atenção, faltas.	
A.10 – Não foi por faltas, estávamos todos naquela altura da rebeldia, acho que foi por comportamento, falta de atenção nas aulas e foi isso que levou a que as minhas notas não fossem suficientes para progredir de ano.	
E – E então o que é que te passou pela cabeça?	
A.10 – Passou-me pela cabeça o que já me tinha passado pela cabeça antes, <u>sempre tive o objetivo de ir para uma escola profissional</u> . Inicialmente era a escola nas M em A. Depois quando cheguei ao 9º ano já comecei a pensar, comecei a ver escolas, planear o futuro e acabei aqui.	Motivo da escolha da escola profissional
E – Já era uma ideia tua vires para uma escola profissional?	
A.10 – <u>Sim, desde o 5º ou 6º ano foi uma ideia vir para uma escola profissional e para este curso em específico. (Gestão Equina)</u>	Motivo da escolha da escola profissional
E – Porquê desde tão cedo?	
A.10 – <u>Desde tão cedo porque sempre tive a paixão pelos cavalos e este curso oferece a proximidade com o cavalo que eu preciso (e) que numa escola normal não tinha, não me adaptaria, iria desmotivar... (diferenças entre escolas) não teria este contato direto que tenho, desde daqui de cima até lá abaixo são 500 metros e estou nos estábulos com os animais, tenho um sítio para espairer. Acho eu desde sempre soube que este era o</u>	Motivo da escolha da escola profissional e Diferenças Percebidas entre a escola atual e a anterior

<u>sítio ideal, um ambiente onde eu me sentiria confortável em aprender.</u>	
E – O que é que os teus pais fazem?	
A.10 – A minha mãe é professora de EVT na escola onde eu andava, o meu pai na altura em que eu andava no 5º até ao 9º era maquinista da CP e agora está reformado.	Caracterização do Aluno
M – Quando tu disseste logo no 5º ano aos teus pais que querias ir para o ensino profissional, qual é que foi a reacção deles?	
A.10 – O meu pai sempre me apoiou e a minha mãe também, sempre disse que se era isto que eu queria, para seguir as coisas e vai pelos teus sonhos até porque o meu primo já tinha estudado no mesmo curso na escola das M, a minha mãe já sabia como é que funcionavam mais ou menos as coisas. O meu pai também conhecia mas ele saía cedo para trabalhar, mas sempre me apoiaram na minha decisão, nunca houve nenhuma tentativa de me convencer a vir para este curso.	
E – Então tens esta decisão tomada desde tão cedo, mas o que é que tu achas que escolheste primeiro... ensino profissional ou este curso?	
A.10 – O ensino profissional na altura do 5º ano, ainda não tinha conhecimento desta escola, tinha conhecimento do curso mas não desta escola. Portanto, foi de certeza o ensino profissional que eu escolhi, foi a minha alternativa.	
E – E que razão é que tu achas que te levou a escolher o ensino profissional e não o ensino regular?	
A.10 – <u>No ensino normal, sinto que, normalmente o grau de dificuldade é mais elevado e as opções que eu tinha nesse ensino não reflectiam o que eu</u>	Diferenças percebidas entre a escola anterior e a escola atual

<p><u>queria aprender para poder executar a minha profissão no futuro que desejo que seja cavaleiro profissional. Sinto que os cursos profissionais que são cursos práticos, onde nós podemos de facto aprender na parte teórica e na parte prática. A parte prática é a mais importante, o que eu preciso de facto aprender para estar pronto (para poder executar a minha profissão no futuro) para o mercado de trabalho e acho que os cursos normais, não há nenhum curso que me ensinasse de facto o que eu precisava para estar pronto</u></p>	Expetativas para o futuro
<p>E– O que é que achas que foi mais benéfico para ti ao vires para o curso profissional, agora que está a acabar?</p>	
<p>A.10 – <u>O que foi mais benéfico para mim, foi estar aqui... estar aqui com colegas da turma num ambiente que é quase igual no mercado de trabalho, trabalhamos todos juntos, os objetivos iguais. Estamos aqui num curso profissional, como estamos num curso normal, num ambiente de trabalho a fazer o que havemos de fazer no futuro, a única diferença é que estamos a ser ensinados... aqui mesmo o que me motivou mais foi a preparação para o mercado de trabalho e o ambiente que encontrei aqui.</u></p>	<p>Diferenças percebidas entre esta Escola e a anterior´</p> <p>Motivos para escolha da escola Profissional</p>
<p>E – Tu há bocadinho disseste-me que a tua primeira opção eram as M, certo?</p>	
<p>A.10 – Sim</p>	
<p>E – Então qual foi o motivo pelo qual deixaste as M e escolheste esta?</p>	
<p>A.10 – O meu primo como eu referi, estudava nas M e eu falei com ele. Falei sobre o que ele achava da escola, como é que era a escola, como é que eram os preços, os professores, as aulas... e ele disse-me os prontos bons e os prontos maus. Mas no final acabou por aconselhar aqui a escola profissional de desenvolvimento rural pelo</p>	

que eu visitei, cheguei a ir às M uma vez visitar, também lá fiz uma visita e não gostei muito do aspeto das instalações, achei que as coisas estavam mal organizadas. Aqui, cheguei aqui fui bem recebido pela Prof. M, gostei do aspeto as instalações, parecia-me que as instalações estavam a ser bem mantidas...e foi isto que me fez escolher aqui esta escola para além das críticas positivas daquela altura.	
M – Sentiste-te mais em casa, digamos assim, aqui do que nas M?	
A.10 – Sim	
E – Agora eu queria que tu pensasses um bocadinho no teu percurso nesta escola, e me dissesse uma dificuldade de aprendizagem que tens tido nesta escola.	
A.10 – Uma dificuldade de aprendizagem,...	
E – Ou o que é para ti uma dificuldade de aprendizagem?	
<p>A.10 – <u>Para mim uma dificuldade de aprendizagem é quando nós não conseguimos aprender alguma coisa, seja por alguma dificuldade física ou mental.</u></p> <p><u>Uma dificuldade de aprendizagem que eu possa ter aqui, talvez seja por falta de atenção... simplesmente nas aulas aqui de cima estamos sempre a pensar na aula de equitação que vai decorrer ao final da tarde ou que já decorreu. E por vezes pode-nos distrair do que está a acontecer dentro da sala de aula, mais propriamente em relação há matéria senti facilidade em aprender, não senti muita dificuldade em aprender, até porque é uma escola que nos ajuda muito, os professores são ajudantes de todos nós um aluno que quer passar, passa. Só não passam os módulos os alunos que não querem.</u></p>	<p>Conceção de Dificuldade de Aprendizagem</p> <p>Exemplo de Dificuldade de Aprendizagem</p> <p>Aspetos positivos da Escola</p>
E – Agora que estás aqui nesta escola, dizes-me que não tens assim tantas dificuldades, mas as dificuldades que	

tu tens, como é que tu superas?	
J – As dificuldades aqui em cima ou na parte prática?	
E – Aqui em cima	
A.10 – Supero...as dificuldades que eu supero aqui, vou dar um exemplo, na disciplina de química. <u>Era uma disciplina que eu sempre, em primeiro lugar tinha sempre desinteresse porque não vejo utilidade naquela disciplina no meu futuro e isso levava sempre à minha desatenção nas aulas ...a maneira como eu superava essas dificuldades, por exemplo quando chegava à altura dos testes recorriamos ao que todos fazemos, recorriamos a todos nós, uns aos outros para ajudar na progressão do módulo. Recorriamos sempre às pessoas que estavam mais confortáveis com aquelas disciplinas, estudávamos sempre na casa uns dos outros...era assim que nós passávamos as nossas dificuldades.</u>	Exemplo de Dificuldade de Aprendizagem Como Superava as Dificuldades
E – E hoje em dia, o que é que tu pensas das dificuldades que tu tinhas entre o 5º e o 9º ano?	
A.10 – O que é que eu penso das minhas dificuldades que eu tinha entre o 5º e o 9º ano, (silêncio e risos) já foi há algum tempo, mas do que eu me lembro foi sempre falta de atenção, falta de interesse, falta de motivação para o que nos era ensinado porque realmente na minha cabeça eu só tinha os cavalos e na minha cabeça, no mundo dos cavalos... <u>não havia espaço para matemática, inglês, química, português, nem para o camões. No 5º e no 6º ano, na minha cabeça não havia espaço para estas coisas, estudava por obrigação porque sei que senão não chegaria aqui ao ensino profissional.</u>	Diferenças Percebidas entre a escola anterior e a atual
E – Então, as tuas dificuldades eram mais de estares desatento, com falta de motivação mesmo tendo o objetivo de vires para aqui?	
A.10 – Sim.	

E – O que é que pensas que mudou em ti... antes eras desmotivado e agora já não és.	
A.10 – <u>Agora aqui no curso, mudou tudo porque estamos num ambiente que gostamos, com pessoas que gostam do que estão a fazer e é nosso ambiente... ambiente que estamos dentro da sala de aula, como estamos lá fora, ou temos uma aula lá fora que vamos desanuviar um bocadinho... e é isso. O ambiente que nós estamos... o ambiente que temos entre o 5º e o 9º ano é diferente, entramos as 8h e saímos as 17h e estamos sempre na mesma sala, no mesmo sítio, mesmas pessoas e depois a partir de uma certa altura já parece tudo igual até a matéria parece igual. Aqui há sempre variações de ambiente, sempre variações amigáveis e de aprendizagem.</u>	Diferenças Percebidas entre a escola anterior e a atual
E – E achas que isso te ajudou?	
A.10 – <u>Ajudou, ajudou, ajudou-me no meu nível de concentração, sinto-me muito mais motivado e sinto que consigo aprender as coisas com muito mais facilidade.</u>	Pontos positivos da Escola Profissional
E – Então tu na antiga escola tinhas uma dificuldade, como a superaste?	
A.10 – <u>Aí... aí senti ... já não sentia tanto o espírito de camaradagem, não recorria tanto aos meus colegas, simplesmente quando tinha uma dificuldade, tinha de fazer o que não gostava, tinha de me agarrar aos livros, via na internet coisas para me ajudarem e era assim que eu tentava. Quando tinha uma dificuldade, tinha de estudar sozinho...e depois quanto mais eu estudava sozinho mais falta de motivação tinha. Tinha de ser assim e foi assim.</u>	Diferenças Percebidas entre a escola anterior e a atual
E – E aqui como superas?	
A.10 – <u>Aqui, como referi, é sempre com ajuda dos meus</u>	Como superam as

<u>camaradas, um grande ambiente de camaradagem e é sempre assim que tentamos estudar na casa daquele que está mais confortável na matéria.</u>	Dificuldades
E – E a ideia de pedir ajuda ao professor, na antiga escola?	
A.10 – <u>A ideia de pedir ajuda ao professor... pedia, pedia, as vezes podia não compreender a resposta à primeira que é para os professores não pensarem mal de mim ou não pensarem que eu era de compreensão lenta ou assim, não sei ..., mas com os professores, eles eram mais rígidos a nível de aprendizagem. Aqui cada professor tem o seu ritmo e o ritmo da aprendizagem nesta escola é diferente das outras escolas.</u>	Diferenças Percebidas entre a escola anterior e a atual
E – Achas que é mais fácil pedires ajuda ao professor aqui do que na outra escola?	
A.10 – <u>Exacto, aqui os professores são muito mais abertos, temos uma relação completamente diferente com os professores e é muito mais fácil nós chegarmos ao pé dos professores e nos ajudarem... e ajudam, com todo o gosto.</u>	Diferenças Percebidas entre a escola anterior e a atual
E – Então, tendo isto tudo em conta, como é que a tua forma de estudar e de ver a escola mudou?	
A.10 – <u>Antigamente a escola era a coisa que me obrigava a levantar todos os dias às 7h30 da manhã, agora a escola é a motivação pelo que me levanto dos os dias as 7h30 da manhã porque temos cá um cavalo, cá em baixo nas boxes e estamos sempre com a ânsia de ir ver o nosso cavalo, ânsia de aprender, aprender hipologia, gestão de espaços hípicas... essas disciplinas práticas que no motiva muito que nos ajudam a passar peãs disciplinas um bocadinho mais teóricas.</u>	Diferenças Percebidas entre a escola anterior e a atual
AE – Como é que tu estudavas na tua escola anterior?	
A.10 – <u>Estudava... com os manuais que nos eram</u>	Diferenças Percebidas entre a

<p><u>fornecidos que aqui nesta escola são diferentes, aqui são sebentas não temos manuais. Naquela escola era pelos manuais que eu estudava, muitas vezes tinha de recorrer à ajuda de um explicador de matemática para passar nos exames, recorria às explicações e quando o estudo não estava a funcionar recorriamos sempre a cabula...era sempre. Tinha de ser.</u></p>	<p>escola anterior e a atual</p>
<p>M – E aqui?</p>	
<p><u>A.10 – Aqui... para ser sincero não há... não estudo porque consigo captar tudo o que é preciso na sala de aula, estou atento, estou motivado, quero aprender, estou aberto à novos conhecimentos e chego a casa sei perfeitamente o que é que aprendi na escola e chego ao teste e sei perfeitamente o que é que tenho de fazer, o que estou a escrever e pronto, não há necessidade de estudar porque consigo captar todos os conhecimentos dentro da sala de aula. Quando há necessidade de estudar para uma disciplina mais teórica é como já referi na casa do colega que está mais a vontade na disciplina.</u></p>	<p>Diferenças Percebidas entre a escola anterior e a atual</p>
<p>E – Comparando esta escola com a tua anterior, existem assim tantas diferenças? Porquê?</p>	
<p><u>A.10 – A diferença é que estamos aqui inseridos, estamos aqui inseridos numa c... lá na outra escola, estávamos num espaço, confinado por barras, não nos deixavam sair nem para ir para o café, tínhamos sempre os horários estipulados... não havia qualquer liberdade, sempre o mesmo ritmo, a mesma monotonia todos os dias aqui, podemos sair, podemos ir à vila se for possível, podemos ir lá abaixo... por exemplo agora como temos três horas de português, chegamos ao fim do primeiro tempo e “pff Já ‘tou farto de estar ali” vamos ali passear um bocadinho e chegamos a sala já</u></p>	<p>Diferenças Percebidas entre a escola anterior e a atual</p>

<u>com outro espirito. É um ambiente mais libertino aqui.</u>	
E – Então lá era como se fosse uma prisão e aqui e mais liberdade.	
A.10 –Exactamente.	
E – Como é que tu te sentias na tua escola anterior?	
A.10 – <u>Sentia-me... as vezes sempre em concorrência com os meus colegas. Aqui, temos todos cada um a sua forma, calças de montar, o nosso polo verde, vestimos-mos todos de igual. Há igualdade entre toda a gente, nas outras escolas, como é normal da adolescência há sempre tens aquilo vestido daquela marca, tens aqueles sapatos daquela marca e não sei que, sou melhor que tu...aqui somos todos iguais, somos uma família. – Como se sentia na escola anterior</u>	Diferenças Percebidas entre a escola anterior e a atual
E – E agora focando ali um bocadinho nos animais, como é que a relação com os animais modifica ou influência as tuas aprendizagens?	
A.10 – <u>Influência... bastante, bastante porque para mim, são os cavalos que nos tornam seres humanos excelentes, humildes, aprendemos muita humildade com os nossos cavalos. E influencia bastante a aprendizagem de uma forma positiva, porque estamos aqui por causa deles, para aprender a manejar com eles a interagir com os cavalos e se queremos acabar o curso temos de fazer as outras disciplinas que são um bocadinho mais chatas. Se queremos isto mesmo para a nossa vida, se queremos lidar com os cavalos para o resto da nossa vida, temos de ter aquela motivação para acabar estas disciplinas e os cavalos dão-nos essa motivação.</u>	Aprendizagem Facilitada Por Animais
E – Então, o cavalo lá em baixo, dá-te mais motivação para aprenderes aqui em cima.	
A.10 –Certo.	Aprendizagem Facilitada Por

	Animais
E – E como é que tu te sentes numa aula aqui em cima, depois de uma aula de equitação ou teres estado com o teu cavalo?	
A.10 – <u>Às vezes quando estamos aqui depois de uma aula de equitação e vamos pra a sala de aula, o pensamento ainda está na aula de equitação, “o que é que podíamos fazer melhor?” ou porque é que o meu cavalo teve aquela reacção e já estamos a pensar na aula de amanhã, o que vamos fazer e como melhorar e nos sabemos que até aquela aula de amanhã, temos de cumprir aquela aula de português ou de química, seja do que for. Estamos motivados à espera do próximo dia, desde aguentar mais um dia e vir para o próximo.</u>	Aprendizagem Facilitada Por Animais
E – Então, motiva-te o facto de já teres tido a aula e estás a pensar no que podes melhorar amanhã e motiva-te a vires no dia seguinte e motiva-te a aprender também aqui.	
A.10 – <u>E vice-versa, mesmo quando temos a aula de equitação nos últimos dois tempos, estamos de manhã a pensar o que é que eu vou fazer hoje, será que vou fazer um exercício novo hoje e estamos sempre com motivação para chegar ao fim do dia e depois vamos fazer o que estivemos a pensar o dia todo.</u>	Aprendizagem Facilitada Por Animais
E – E o facto de lidarem com animais, deixa-vos, por exemplo mais descontraídos, mais relaxados.	
A.10 – Sim, sim, até porque lidar com os animais requer algum trabalho físico, temos de fazer a gestão das camas, limpeza das boxes e ajuda até ali para tirar aquelas energias extras que os adolescentes as vezes sentem. Chegamos as aulas um bocadinho mais cansados em vez de bem, eu no início tinha a ideia de fazer uma licenciatura em equinicultura na escola de	Expetativa para o futuro

<p>Elvas, mas depois, <u>como eu quero ser cavaleiro profissional de obstáculos, pensei e fui ver o que é que a licenciatura em equinicultura oferecia e senti que era um pequeno degrau para obter... que fazer a licenciatura em equinicultura era a obtenção do grau 1 e que nos poderia dar um bocadinho mais de portas abertas no mundo de equitação numa parte mais de escritório.. de gestão de espaços hípicas ou de organização de eventos. Como eu quero a parte mais prática, escolhi não ir para a licenciatura e <u>ir para o mercado de trabalho, aprender no mercado de trabalho na parte prática. E já tenho duas ofertas de trabalho, uma na Áustria outra na Alemanha, onde vou fazer uma entrevista de emprego daqui a duas semanas chegarmos em estado de excitação, estamos ali, estamos calmos e estamos sempre um bocadinho mais relaxados.</u></u></p>	
<p>M – Hmhm. Então agora que estás a acabar o 12º ano, o que é tu queres fazer, que expectativas tens? Possivelmente queres trabalhar e trabalhar lá fora.</p>	
<p>A.10 – <u>Garantidamente... na Áustria já lá fui mas na Alemanha tenho mais oportunidades e uma melhor.</u></p>	<p>Expectativas para o Futuro</p>

Anexo 6 – Quadros com respostas das entrevistas e a respetiva codificação: excertos das entrevistas

Quadro 1 – Motivos da Escolha desta Escola Profissional

1. Excelência/Qualidade

“(…) disseram que era uma das melhores escolas e que oferecia uma melhor oferta educativa, era superior comparado às outras (...). Vim cá visitar a escola, (...) gostei das condições, gostei das instalações (...) para ficar em casa e ir para outra escola, pareceu-me a melhor escola mesmo estando longe de casa” (A.10);

“(…) [outro motivo da escolha foi] ser uma das melhores, com mais profissionais, com mais qualificações.” (A.11)

2. Formação com Equinos

“(…) [o principal motivo de escolher esta escola foi?] foram os cavalos” (A.2)

“Sempre tive o objetivo de ir para uma escola profissional (...) desde o 5º ou 6º ano foi uma ideia vir para uma escola profissional e para este curso em específico (Gestão Equina) (...) Desde tão cedo porque sempre tive a paixão pelos cavalos (...)” (A.10)

“(…) procurei vários cursos, lá na zona havia várias fábricas, mas eu gostava de estar com os animais, eu achava que que uma fábrica não era para mim” (A.1)

“(…) escolhi a escola, mas não foi mesmo pelo ensino ser mais facilitado ou não, foi mais por montar.” (A.5)

“(…) eu disse aos meus pais quando acabei o 9º ano que queria seguir uma área ligada a cavalos...nem sequer sabia que esta escola existia. (...) depois, entretanto ouviram-me e descobriram esta escola ligado a c... com os cavalos lusitanos... e eu ah! Que espectáculo.” (A.6)

“(…) eu queria uma coisa a ver com isto, com a equitação” (A.8)

“(…) eu dizia que queria tirar um curso que tinha haver com cavalos e depois desde que conheci esta escola, fui indo a net pesquisar desde o meu 9 ano” (A.9)

“Escolhi esta escola porque já (...) frequentava aulas de equitação, gostava de cavalos e porque não me imaginava a fazer mais nada; na vida, não gostava de nenhum curso no ensino regular, (...) artes, não gostava de nada, não me via a fazer nada depois falei disto aos meus pais, “será que não existe nenhum curso profissional que tenha a ver com a equitação?” e depois os meus pais lá fizeram um esforço, viram algumas escolas no país que sim tinham um curso profissional com cavalos, vimos esta e pronto.” (A.7)

3. Bem Estar, Bom ambiente

“(…) sempre soube que este era o sítio ideal, um ambiente onde eu me sentiria confortável em aprender.” (A.10)

“ [uma escola é um espaço em] Que eu me sinto bem. É muito bom, as árvores... ver os animais a passar. (...) Talvez a liberdade... o ar... como a sua colega há bocado disso, o ar puro... isto (...) É isto mesmo que eu gosto, é aqui.” (A.1)

“(…)quando eu vim cá com os meus pais, gostei muito do espaço, gostei da forma como eles me apresentaram a escola, como estava na altura de aulas pude ver o ambiente entre os alunos e a forma como os professores e os alunos interagiam era muito...uma família e não havia a separação, tu és aluno, tu és professor...há uma familiaridade mas com respeito” (A.3)

“(…) vim cá e em vez de ir procurar outras escolas, vim cá e só de ver as instalações fiquei a pensar que era o meu sítio, queria mesmo voltar.” (A.4)

4. Insucesso Repetido

“(…) eu reprovei três vezes o 9 ano, eu não sabia o que é que iria fazer, não ia tentar novamente porque achava que não iria ser bem-sucedido... então, o meu pai procurou e descobriu aqui a escola “(…) já não dava mais [para ficar naquela escola]” (A.1)

5. Condições Financeiras

“(…) na altura optei por esta, (...) não tinha muitas capacidades económicas e esta era a que se adaptava mais às que os meus pais tinham na altura. (...) na altura não tínhamos tantas e esta foi a que se adequou mais.” (A.7)

“[escolhi esta escola porque é] relativamente perto de casa as outras que há cá, era tudo longe.” (A.11)

5. Motivos Mistos

“(…) o que me motivou mais foi a preparação para o mercado de trabalho e o ambiente que encontrei aqui.” (A.10) – vai para texto

“Não, esta escola... foi um-dois em um, os cavalos, escola profissional, curso profissional, curso fácil, fazer o que gosto, é aqui, é aqui.” (A.2)

“(…) eu quis sempre os cavalos e havia duas escolas que eu estava interessado, era esta e as M. e eu tinha um professor (...) que me aconselhou esta escola...disse que era a que tinha mais

condições, e é... mais condições no país. E depois vim para aqui... gostei das condições e o ambiente até é fixe. Acho que foi a melhor escolha para mim.” (A.8)

“Tinha aquilo que eu gostava que eram os cavalos para quando saísse daqui ter um objetivo de trabalho” (A.11)

“(...) eu sempre quis seguir isto e tive algumas professoras que me ajudaram na minha antiga escola e puseram-me a par de todas as escolas que existiam e...e esta foi a que eu gostei mais.” (A.9)

“(...)eu estive a ver escolas parecidas mas era mais longe e muito mais caro por isso não era possível(...) era bastante mais barato, permitiam-me ter um cavalo cá e como eu tinha cavalo lá em casa era mais fácil e era mais perto e basicamente era por causa dos preços e da distância e não tinha de levar um cavalo para tão longe... que também é caro.” (A.4)

Quadro 2. Diferenças Percebidas entre a Escola em estudo e a Anterior frequentada pelos alunos

1. Ambiente

“(…) mudou tudo porque estamos num ambiente que gostamos, com pessoas que gostam do que estão a fazer e é nosso ambiente... ambiente que estamos dentro da sala de aula, como estamos lá fora, ou temos uma aula lá fora que vamos desanuviar um bocadinho... e é isso. O ambiente que nós estamos... o ambiente que temos entre o 5º e o 9º ano é diferente, entramos às 8h e saímos às 17h e estamos sempre na mesma sala, no mesmo sítio, mesmas pessoas e depois a partir de uma certa altura já parece tudo igual até a matéria parece igual. Aqui há sempre variações de ambiente, sempre variações amigáveis e de aprendizagem.” (A.10)

“Mas era diferente, era no meio dos prédios, ouve-se carros a passar a apitar. [e aqui?] Aqui ouve-se pássaros a assobiar (risos) é muito bom.” (A.1)

“[a primeira sensação ao entrar nesta escola é?] Só mesmo por entrarmos aqui e vermos o espaço que isto tem... não tem nada a ver com as outras escolas. [e como te sentiste?] senti-me bem, gostei muito.” (A.9)

“A diferença é que estamos aqui inseridos, estamos aqui inseridos numa C... lá na outra escola, estávamos num espaço, confinado por barras não nos deixavam sair nem para ir para o café, tínhamos sempre os horários estipulados... não havia qualquer liberdade, sempre o mesmo ritmo, a mesma monotonia todos os dias aqui, podemos sair, podemos ir à vila se for possível, podemos ir lá abaixo (...) É um ambiente mais libertino aqui.” (A.10)

2. Forma de ver a Escola

“Antigamente a escola era a coisa que me obrigava a levantar todos os dias às 7h30 da manhã, agora a escola é a motivação pelo que me levanto todos os dias às 7h30 da manhã porque temos cá um cavalo, cá em baixo nas boxes e estamos sempre com a ânsia de ir ver o nosso cavalo, ânsia de aprender, aprender hipologia, gestão de espaços hípicas... essas disciplinas práticas que nos motivam muito que nos ajudam a passar pelas disciplinas um bocadinho mais teóricas.” (A.10)

“(…) todo motivado a falar de tudo e para eles era novidade, gosto de os trazer cá e eles gostam de cá vir é outra liberdade...” (A.1)

“[o que pensas da tua outra escola?] era uma escola normal, nem muito boa nem muito má. [e esta?] (...) Aqui eu tenho um interesse e isso vai ser importante na minha vida. Antes não tinha tantos objetivos como tenho agora, não tinha motivação para ir para a outra escola, agora tenho.” (A.4)

“[mudavas alguma coisa nas outras escolas?] hum.... Tem sempre aquele...como é que eu hei de explicar, quando eu andava no liceu havia sempre aqueles meninos mais privilegiados. E há sempre aquele pensamento que as escolas regulares são sempre mais rígidas...não sei explicar bem [mais exigentes?] Sim e nas escolas profissionais há aquela ideia que é tudo gente que não faz nada, mas não.” (A.3)

“eu saí daquela escola dizer que não queria ir mais pela escola, vamos para uma escola profissional enquanto agora tenho aulas de manhã, okay desde as 8h30 até ao 12h ou 13h... depois posso ter equitação, alívio um bocado a minha cabeça, faço o que gosto e depois outra vez para as aulas. Mas é uma coisa diferente, quer dizer, há muito mais espaços abertos há os cavalos e depois há as aulas... é uma motivação diferente” (A.2)

“Antes eu via a escola lá, via a escola má, o ambiente mau, os professores maus, não havia motivação nenhuma para ir para a escola e agora eu levanto-me às 7h para ir para a escola. (...) tinha o meu grupo de amigas (...) mas era diferente, chegava a hora da escola acabar e cada um ia para os seus lados e pronto combinávamos de vez em quando uma saída, aqui só nos temos a nós e se queremos combinar alguma coisa combinamos todos os dias (...) [e esta?] é uma escola que ajuda muito para os alunos ganharem motivação primeiramente, onde se consegue tirar boas notas se quiserem onde conseguem tirar boas notas se quiserem... depois como tem assim muitos espaços abertos, uma pessoa fica muito mais liberta, não fica nos corredores, não estamos sempre fechados ... o campo de visão é muito maior. As pessoas também são todas muito mais próximas, vivemos todos próximos, acabamos por ter só os amigos, (...) temos uns aos outros acho que as pessoas se apegam um bocadinho mais, mais amigas, mais próximas. E eu acho que isso ajuda muito também.” (A.2)

“[como estudavas antes?] como é que eu estudava... era ir para casa, fazer os trabalhos de casa, tentar perceber a matéria que tive no dia (...) [e agora] não estudo. (...) [porquê?] porque tenho facilidade (...) [como era na escola anterior?] Eram muito rígidos os professores, não havia assim muito contacto, nós aqui, como estamos longe

dos pais podemos falar com os professores e eles dizem “olha se calhar deves fazer isto ou aquilo” na outra escola não era bem assim. [e aqui o que fazes quando tens uma dificuldade?] aqui pede-se logo ajuda” (A.3)

“[como via a escola antes?] a escola era uma prisão para mim, era mesmo a prisão, não gostava nada daquilo [era uma sensação de estar fechado?] era uma sensação de obrigação, estava lá por obrigação e como estava por obrigação não gostava [e se precisasse de ajuda?] (...) se calhar nem pedia tinha tanto ódio aquilo que se precisasse de alguma coisa era fora da escola e tudo mais... já tive aqui nesta escola professores a dar-me conselhos” (A.8)

3. Forma de ver o Estudo

“Estudava... com os manuais que nos eram fornecidos que aqui nesta escola são diferentes, aqui são sebatas não temos manuais. Naquela escola era pelos manuais que eu estudava, muitas vezes tinha de recorrer à ajuda de um explicador de matemática para passar nos exames, recorria às explicações e quando o estudo não estava a funcionar recorriamos sempre a cábula...era sempre. Tinha de ser.” (A.10)

“Aqui... para ser sincero não há... não estudo porque consigo captar tudo o que é preciso na sala de aula, estou atento, estou motivado, quero aprender, estou aberto a novos conhecimentos e chego a casa sei perfeitamente o que é que aprendi na escola e chego ao teste e sei perfeitamente o que é que tenho de fazer, o que estou a escrever e pronto, não há necessidade de estudar porque consigo captar todos os conhecimentos dentro da sala de aula. Quando há necessidade de estudar para uma disciplina mais teórica é como já referi na casa do colega que está mais a vontade na disciplina.” (A.10)

“Não conseguia, nem olhava para o caderno do meu colega do lado ficava ali no satisfaz, às vezes uma negativa ou outra, mas pronto, ficava sem interesse na mesma, enquanto que aqui até peço ajuda ao colega do lado, ‘tá a ver, até me motivo.” (A.2)

“[como estudavas antes?] (...) tinha de andar com tudo atrás, levar tudo para casa e voltar, talvez a fazer os trabalhos de casa, fora isso não estudava muito mais, para os testes lia e pronto [e agora?] Só estar atenta na aula, não estudo.” (A.2)

“[o que faziam quando não era fácil na outra escola?] Aguentava-se. (...) acontece que a minha turma não era muito unida, não era como a que eu tenho agora e não havia aquela confiança [e com os professores?] Não muito...aluno aqui, professor ali [e

aqui?] Apoiamo-nos uns aos outros. [e isso inclui os professores?] Sim, inclui os professores. Não somos só nós que temos maus dias, eles também têm” (A.3)

“ [como estudavas?] Eu cá quase que não preciso de estudar e lá era muito diferente, se não estudava, não passava. Aqui não, passo sem estudar” [o que é que mudou?] não tinha muito interesse, eu queria passar, mas não passar com boas notas, não precisava das notas como as minhas amigas que estudavam (...) porque senão não tinham futuro porque não entravam na universidade e ia influenciar também o resto da vida, a mim não. Eu só queria passar porque o meu objetivo era só ter o 12º, não precisava de ter uma boa nota para nada basicamente.” (A.4)

“[como é que mudou a tua forma de estudar?] Primeiro, (...) aqui nesta escola nem sequer estudamos, nem sequer é preciso. Mas para um teste, juntamo-nos todos na sala e fazemos revisões todos porque somos poucos, não chegamos aos 30 (...). Juntamo-nos na sala com o professor e estudamos tudo o que precisamos de saber para o teste e acho que é muito mais fácil, não temos de levar tudo para casa e agarrarmo-nos aos livros e encher a nossa cabeça de problemas, basicamente. Acho que estudarmos em conjunto é muito melhor” (A.7)

“[como é que estudavas?] foi alterada da forma que eu antes tinha explicação e agora não tenho, mas agora... estudo sempre com, não consigo estudar com muitos colegas mas tipo, com uma colega minha, normalmente combinamos, ela vem para a minha casa ou eu para a dela, e estudamos e tiramos apontamentos e fazemos perguntas uma a outra e a outra...” (A.9)

4. Sentimentos associados às Escolas

“Sentia-me...às vezes sempre em concorrência com os meus colegas. Aqui, (...) vestimos-mos todos de igual. Há igualdade entre toda a gente, nas outras escolas, há sempre tens aquilo vestido daquela marca, tens aqueles sapatos daquela marca e não sei que, sou melhor que tu...aqui somos todos iguais, somos uma família.” (A.10)

[como te sentias na escola, como a vias?] “Lá é como se tivéssemos numa prisão (...) Sentia-me mal, não gostava de ir para lá. [porquê?] (...) Não gostava de estudar, não gostava de estar lá a seca, estava sem fazer nada, não me valia de nada. [e nesta escola?] aqui não, aqui é como se tivéssemos em casa. (...) Porque aqui podemos andar por onde quisermos, não estamos presos, fazemos muitas coisas, brincamos, divertimo-nos... e lá não... era chato, não se podia fazer nada. [esta escola motiva-te mais?] (...)

Sim, do que qualquer uma. Por isso é que já há mais alunos no profissional do que no regular.” (A.11)

“Isto é uma escola conceituada... vão sair daqui excelentes cavaleiros a nível mundial. (...) [ou seja aqui] Responsabilidade de... não é bem responsabilidade, eu gosto de ser bom, gosto que as pessoas olhem para mim e vejam alguém com valor. (...) [e a outra escola?] lá não havia foco [como se sentia lá?] (...) com vontade de sair [e aqui?] Com vontade de aprender para um dia ser melhor” (A.1)

“sinto-me uma pessoa, muito mais responsável porque na outra escola por exemplo, a minha mãe tinha de me ir acordar todos os dias senão eu não ia à escola dizia “vá levanta-te que está na hora” aqui não, aqui sou eu mesma que me levanto sozinha porque quero ir para a escola... quer dizer ganhei um nível de responsabilidade muito maior. Sou muito mais responsável... mais interessada talvez e mais crescida, mais adulta. [e na outra?] Não havia uma pessoa responsável, nem adulta, não havia nada... havia uma pessoa que tava ali... ‘tava nas aulas e pronto, tinha de chegar ao satisfaz só.” (A.2)

“[como te sentias na outra escola?] eu sentia-me bem porque não conhecia isto agora se eu voltasse para a minha antiga escola estava lá triste, como é óbvio. Mas agora não, na altura, eu achava que era o normal, as minhas amigas estavam lá e estava contente até. Não gostava muito de estar nas aulas mas também não é triste. [sentias-te realizada?] Não... não muito. Eu sentia que aquilo não era para mim e não gosto [pedias ajuda ao professor?] Não, ninguém fazia isso e eles também não se voluntariavam a ajudar os alunos. [e se tiveres uma dificuldade na parte pratica ou teórica aqui?] peço ajuda (...) Também, é possível ficar numa hora de almoço contigo a ajudar-te. ” (A.4)

“[sentes uma maior necessidade de exigência?] Também, maior exigência em termos de comportamentos, de conduta, porque eu como nós sabemos e alguns dos professores foram cá alunos, nomeadamente os das práticas,(...) e eles contam-nos como era na época deles, a escola era completamente diferente, havia mais rigidez, mais conduta.. mais... mais...andavam mais na linha e eu acho que este e um desporto que é tão... e uma coisa tão rigorosa que tem uma parte de imponência (...) acho que precisava de um bocadinho mais de (...) conseguir as regras que existem, fazer com que sejam respeitadas.” (A.5)

[como vias a escola?] a escola sempre foi algo que tem de ser. Continua a ser... agora em vez de ser, tem de ser é uma coisa que me agrada de certa forma, não é uma coisa

de gosto de ter aulas, mas como se está a tornar mais fácil a aprendizagem já não é tanto uma obrigação... é porque eu antes não entendia então ficava ali agora não... agora já é muito mais fácil assimilar aquilo que nos ensina, já passa melhor. [e como é esta escola?] Uma escola muito... abrangente porque (...), há pouca gente desta escola que é daqui. É uma escola com muita gente diferente com diferentes mentalidades, com diferentes opiniões e é uma escola... que tenta da melhor forma... como por exemplo, ‘né, somos todos diferentes, temos diferentes opiniões... possivelmente há mais... não há tanta... «coordenação» [então achas que?] é uma escola que tenta amenizar isto de uma forma [é inclusiva?] é muito” (A.5)

“[como te sentias na outra escola?] sentia(-me) abandona... (...) por isso é que tinha explicação... a explicação era um “anda cá que eu ensino-te” [e aqui?] sinto como me sentia na explicação. Só que de forma colectiva, todos os professores.” (A.5)

“[como te sentias na outra escola?] Até ao 5º ano, péssimo, a seguir foi sempre a melhorar porque as pessoas foram crescendo mentalmente e fisicamente (...) não posso deixar fazerem tudo, comecei a agir, a fazer queixa, a cuidar de mim, a defender-me. [e nesta escola?] Depende, tem dias. Às vezes sinto-me bem, porque (es)tou livre, sinto-me livre não me sinto presa. Na outra estava presa, então aquilo era um sítio fechado, (...) aqui ‘tou no campo, lá tinha logo a estrada. Aqui tenho espaço, tenho a barragem, tenho tudo é muito bom, (...)” (A.6)

“[e como te sentias na escola anterior?] Na escola anterior...sentia-me muito pressionada, principalmente porque...acaba por ser bom não termos os nossos pais, mas também mau porque ninguém mais do que eles se preocupa connosco, (es)tão todos os dias a massacrar, porque é que não temos aquela disciplina feita e não sei quê. Acabamos por ser muito pressionados pelos nossos pais. [e isso deixava-te mais desmotivada?] sim, lá está se estamos desmotivados não temos vontade de aprender. [e como te sentes nesta?] Sinto que se passei três anos aqui com pessoas que estavam o dia todo comigo, acho que os vou levar para a vida toda... (...). Quando acontece alguma coisa (...) juntou-se toda a gente, as pessoas que tinham estado na escola em anos anteriores, (...)” (A.7)

“[como te sentias na outra escola?] Uma aluna. Como todos os outros. Igual aos outros [e aqui?] Aqui não. Aqui todos os professores nos conhecem, sabem se calhar um bocadinho, sabem de onde é que nos viemos, sabem... sabem um pouco de toda a vida se calhar de cada um... e pronto. [aqui querem ajudar?] Sim. Os professores aqui são...

a nossa professora vem à nossa sala perguntar às pessoas se não se esqueceram de marcar o autocarro para irem para casa”. (A.9)

5. Relação com o professor

“Não, aqui nós se tivemos alguma dúvida, alguma pergunta nós vamos ter com o professor ao corredor, à sala de professores, podemos falar de tudo... pode ser de uma coisa da aula, pode não ser. Uma pergunta ou uma questão ... é mais a vontade.” (A.11)

“Sim é, ‘tá ali sempre presente, não é para ajudar, está ali para tudo.” (A.11)

“[como eram os professores?] (...) eles focavam-se mais naqueles que conseguiam ter boas notas e os outros ficavam assim um bocadinho para trás. Ficávamos desconfortáveis a pedir ajuda.” (A.3)

“A ideia de pedir ajuda ao professor... pedia, pedia, às vezes podia não compreender a resposta à primeira que é para os professores não pensarem mal de mim ou não pensarem que eu era de compreensão lenta ou assim, não sei ... mas com os professores, eles eram mais rígidos a nível de aprendizagem. Aqui cada professor tem o seu ritmo e o ritmo da aprendizagem nesta escola é diferente das outras escolas. (...) Exacto, aqui os professores são muito mais abertos, temos uma relação completamente diferente com os professores e é muito mais fácil nós chegarmos ao pé dos professores e nos ajudarem... e ajudam, com todo o gosto.” (A.10)

“[como estudavas na escola anterior?] Era com um explicador, muitas vezes tinha de ser com o explicador porque não conseguia... em casa não conseguia. [podias pedir ajuda ao professor?] estava fora de questão [porquê?] Porque não havia vontade de ensinar dos professores. (...) tinham a mesma visão que nós, sentiam-se numa prisão por não saírem de lá o dia todo, não tinham alunos aplicados. E aqui nós temos sempre motivação fora da sala de aula e eles vêem que somos motivados sempre e têm vontade de nos ensinar. Nas outras escolas o problema é mesmo esse, não vêem motivação nos alunos e acabam por não ter vontade nenhuma de ajudar. ” (A.7)

“[qual é a maior diferença entre esta escola e a anterior?] A relação entre professor e aluno ... é “me(s)mo” diferente ainda por cima a minha escola era privada, (...) aquilo era um bocadinho rígida, não havia relação e eu acho importante haver relação entre aluno e professor, mas nunca tirar o profissionalismo. Tem de haver aquela parte de educação e respeito porque isso é importante ... o que fez mais diferença foi mesmo a

relação. [aqui a relação é?] muito melhor” (A.8)

“[lembra-se de algum professor que tivesse uma boa relação consigo na escola anterior?] Hum, o meu professor de química que me ajudou a passar de ano... (...). E a de inglês também, porque ela sabia mesmo o que eu queria do mundo e ajudava-me e lembrava-me “estuda senão não consegues o que queres, já sabes o que é que os teus pais vão fazer. Não vais para o curso que queres, vais para micromecânica” e ainda tinha de estudar mais, mas também apanhei bons momentos nessa outra escola. (...) há pessoal aqui que não tem grande respeito pelos professores e faltam ao respeito e eu na minha antiga escola aprendi isso, havia respeito, não havia mesmo tolerância. Se faltasse ao respeito ou levantasse um bocadinho o tom era logo recado para casa ou então processo disciplinar... havia mesmo confusão para o nosso lado. [o que acontece se falta ao respeito aqui?] (...) é isso que falta um bocadinho aqui e eu acho que é importante aqui, há uns anos atrás estava com o senhor tenente MH que era uma pessoa respeitada por todos havia pessoal que estava a fumar, chegava o Sr. Tenente atiravam o cigarro ‘pro chão, mãos atrás das costas “como é que esta Sr. tenente, tudo bem?” e ele dizia, tu agora vens comigo e vamos para o campo trabalhar, tratar tudo por você, ninguém faltava ao respeito, se ele dizia nos fazíamos e calávamos... acho que começamos a perder.” (A.8)

6. Motivos Misto

“ (...) estamos todos a passar pelo mesmo... estamos todos aqui sem os nossos pais, só nos temos a nós e aos amigos (...) todos nos apoiamos uns aos outros”(...) este curso oferece a proximidade com o cavalo que eu preciso (e) que numa escola normal não tinha, não me adaptaria, iria desmotivar... não teria este contacto directo que tenho, desde daqui de cima até lá abaixo são 500 metros e estou nos estábulos com os animais, tenho um sítio para espairecer (...) O que foi mais benéfico para mim, foi estar aqui... estar aqui com colegas da turma num ambiente que é quase igual no mercado de trabalho, trabalhamos todos juntos, os objetivos iguais” (A.10)

“Não, na outra escola não se podia falar aos professores e aqui não, aqui as vezes até podemos sentar-nos todos não há cá grandes diferenças, há respeito.” (A.11) –

“Aí... aí senti ... já não sentia tanto o espírito de camaradagem, não recorria tanto aos meus colegas, simplesmente quando tinha uma dificuldade, tinha de fazer o que não gostava, tinha de me agarrar aos livros, via na internet coisas para me ajudarem e era

assim que eu tentava. Quando tinha uma dificuldade, tinha de estudar sozinho...e depois quanto mais eu estudava sozinho mais falta de motivação tinha. Tinha de ser assim e foi assim.” (A.10)

“Os professores eram todos iguais... tratavam-nos todos iguais e agora não... tem uma cara, uns podem e outros não podem... há ali outras coisas de interesses e isso... cada vez ‘tá a piorar.” (A.11)

“[onde estudavas antes?] em casa [e agora?] na escola (...) [e como vias a escola antes?] uma chatice, aborrecida [e agora?] Agora não, é importante, é para aprender, saber o essencial” (A.11)

“Não, não... não é mais fácil... é diferente mais técnico... lidamos com os animais. Nós de manhã temos aulas teóricas cá em cima mas temos a cabeça lá em baixo, no que vamos fazer a seguir na aula de equitação...é uma motivação para a gente vir no dia seguinte.” (A.1)

“(...) andava lá porque tinha de andar... aqui, eu chumbei aqui porque... talvez, eu nunca pensei que me mandassem mesmo embora, ‘tá a entender? Quando vi que não era a última batata do pacote e que queria mesmo estar aqui, tinha de me focar e de me agarrar com unhas e dentes porque queria isto.” (A.1)

“basicamente a escola era super rotineira, era tudo igual...era rotina igual de manhã, à tarde, por exemplo eu tinha as aulas sempre na mesma sala depois íamos almoçar...sempre triste (...) ia para a mesma sala, com os mesmos professores desde das 8h30 até às 17h30 da tarde que é o que eu nunca gostei... ‘opá era uma rotina triste, cansativa e sempre igual.” (A.2)

“Agora peço ajuda, consigo (es)tar atenta ao que o professor, consigo perceber, consigo perceber o que ela esta a tentar dizer-me e consigo estar atenta, não me distraio com coisas que estão pela sala facilmente porque estou ali, sei que se tiver atenta não preciso de estudar e tiro um 17 enquanto que na outra escola eu precisava de estar atenta e estudar e mesmo assim tirava um 10, não havia motivação e mesmo assim eu sabia que se estivesse atenta e estudasse não ia passar daquilo enquanto que aqui eu sei que se estiver atenta passo de um 10 para um 17 só por estar atenta, portanto isso motiva-me porque sei que vou tirar uma boa nota, se estiver tenta.” (A.2)

“[como é que mudou o teu pensamento acerca das dificuldades?] Porque eu antes não estava a ver que aquilo ia ser o meu futuro e agora nas disciplinas que eu tenho dificuldades sei que vão ser o meu futuro e tenho de melhorar.” (A.4)

“[o que costumavas dizer acerca da escola aos teus amigos?] (...) não costumo falar muito com as pessoas, porque dado a escola ser tão impessoal nunca tive muitos amigos lá, (...). Mas a todas as pessoas que eu falo da escola, eu digo que a escola é um ótimo sítio para evoluir, para aprender além de montar, conhecer novas pessoas...(...) conhecer (...) bondade, a amizade, a cooperação em que algumas escolas, isso não acontece por causa da impessoalidade da escola... de cada um estar a trabalhar para si próprio e aqui não há isso, cada um trabalha para si, nós trabalhamos para nós e para o cavalo, mas cada turma é como se fosse uma equipa, é um conjunto de pessoas que trabalham para um mesmo fim, que é o amor aos cavalos (...)” (A.5)

“[o que achas desta escola comparando com as outras?] “Era o que eu estava a dizer... é mais fácil para mim, facilitam a nível de matéria, de nível de estudo, prefiro muito mais, é mais fácil para mim lidar com a situação, é mais fácil ser por módulos do que estudar um calhamaço enorme (...) nesse prisma é tudo mais fácil. Noutro prisma, preferia muito mais o regular, estava mais perto dos meus pais, não tinha chatices de miúdos mal-educados... (...) aqui há brigas por tudo e por nada, (...) isto no regular não acontece, levávamos com a direção em cima e se for preciso somos expulsos...aqui são mais tolerantes.” (A.6)

“ [como vias a escola antes?] (...) antes eu via a escola como basicamente uma seca e tínhamos de estar lá presos o dia todo e aqui não, aqui... já, já fico contente a vir para (a) escola... porque é diferente [porque é diferente?] Aqui... como é um ambiente mais pequeno do que numa escola normal, toda a gente se conhece... as aulas, pronto, temos que ter aulas não é, mas... quando (es)tamos nos intervalos... toda a gente se conhece e, (...) é muito mais familiar [então a grande diferença é?] - O ambiente aqui é muito... é muito melhorzinho (...) que na outra. A outra é como se fosse uma prisão (risos) esta aqui... é como se fosse uma casa.” (A.3)

“isto é um mundo totalmente diferente e tiveram mais ou menos a noção de como eram as minhas aulas e até gostaram, digo já ... há muita ligação entre aluno e professor e a prática e falar, tens de fazer aquilo e depois fazes aquilo, acho que é importante para o dia-a-dia, mas também apanha um bocadinho da educação que dá por causa da prática. O professor fala e depois tu também podes falar com ele e numa sala de aula, acho que não há tanta oportunidade de algo entre professor e aluno...acho que na prática há mais espaço, o professor pede-me isto eu vou fazer, mas eu não estou a entender como fazer e ele mostrar e por isso eu consigo entender.” (A.8)

“No ensino normal, sinto que, normalmente, o grau de dificuldade é mais elevado e as opções que eu tinha nesse ensino não reflectiam o que eu queria aprender (...) cursos profissionais que são cursos práticos, onde nós podemos de facto aprender na parte teórica e na parte prática. A parte prática é a mais importante, o que eu preciso de facto aprender para estar pronto (...) não havia espaço para matemática, inglês, química, português, nem para o Camões. No 5º e no 6º ano, na minha cabeça não havia espaço para estas coisas, estudava por obrigação porque sei que senão não chegaria aqui ao ensino profissional.” (A.10)

“[o que pensas em relação às outras?] (...) é muito melhor, porque senão não tínhamos vindo para aqui... mas... é uma coisa que... nos motiva a estudar, pelo menos... é assim... quando, se houver... casos de pessoas não quererem estudar, o problema não é da escola. Ou de má notas. O problema não é da escola, é dos alunos. [aqui ou na outra?] aqui, aqui. [então aqui o problema são os alunos e na outra?] Na outra é um bocado de, claro que o problema continua a não ser os professores, (...) lá os professores, (...) há uma certa forma de afastamento. “Faz, faz, não faz, fizesse”. Aqui não.” (A.5)

“Ah claro que sim, os meus amigos ainda comentam, estão num curso de ciências e eles diziam “tu não fazes nada, nós fazemos”, sim é verdade, vocês passam o dia na sala de aula fechados a ouvir o professor e a decorar (...), a entender o meu é um bocadinho mais desenrasca, é mais prática é fazer e vocês é fazer mais na teórica, não vão para a prática é só teórica, teórica e depois não sabem o que fazer na prática.” (A.8)

“[o que é diferente entre as escolas?] a liberdade [mais alguma coisa?] a ligação com os professores, lá não tinha quase nenhuma e aqui sim.” (A.9)

“ [também tinha um emblema na outra escola?] não era a mesma coisa. (...) era só mais uma formiga lá dentro... aqui é diferente, porque eu daqui a uns anos posso voltar aqui e ainda vão saber quem sou, (...) agora na outra escola não, eu era uma formiga éramos 3.000 alunos e eu não fiz nada para mudar naquela escola. [lá era uma formiga e aqui é gente?] sim aqui sou gente.” (A.8)

“[o que é diferente nesta escola?] Para mim é diferente... eu faço o que gosto e não tenho, o ambiente não é fechado como todas as escolas, somos mais livres... no caso de estarmos a lidar com animais, sabemos que temos muitas obrigações e temos de fazê-las porque estamos a lidar com animais, não com folhas e trabalhos...temos obrigações e sabemos que temos de as cumprir ...não sei, para mim é muito mais

difícil agarrar num computador” (A.9)

“ [o que é que mudou para ti para deixar de ser dificuldade?] Mas acho que tem a ver com o espaço em que estamos, porque aqui eles sabem que estamos sozinhos, não temos cá os nossos pais e aqui são os professores que acabam por ser os nossos segundos pais e também os nossos amigos... e eles também são mais compreensivos. [essa compreensão ou apoio foi importante?] Sim e vejo também muito mais vontade de ensinar por parte dos professores. (...) [e a tua visão da escola, mudou?] sim, sim, mudou imenso [como é que vias a escola] era uma prisão para mim basicamente [porque uma prisão?] Porque (...) odeio estar fechada numa sala de aula um dia inteiro, não sair dali o dia todo, do recinto escolar... não haver mais nada a não ser aquilo. Todos os dias víamos a mesma coisa e aqui não, temos o campo, temos sempre coisas diferentes (...)” (A.7)

“[e agora a forma de ver a escola mudou?] Sim, claro que (...) temos uma maneira diferente de ver as coisas, viemos para aqui, não tínhamos os paizinhos aqui a fazerem-nos os jantarinhos ao final do dia, ganhamos muito mais trabalho em equipa, temos muito mais não estamos sozinhos, pensamos sempre que não estamos sozinhos aqui. Temos sempre os nossos amigos para nos ajudar e pronto. [na outra não pensavas assim?]-Não, na outra, acho que nunca ganhei amigos assim tão, tão próximos. Aqui nós estamos o dia todos com eles passamos basicamente 24 horas com os nossos amigos (...) [o que é diferente nesta escola das outras?] muita coisa... o facto de ser no campo. [é importante?] Para mim é muito importante... (...) normalmente as escolas regulares são sempre no meio da cidade e é sempre aquela coisa de não respirarmos ar puro. Aqui não, aqui estamos no campo, estamos com os nossos amigos 24h, não estamos com os nossos pais (...). E aqui acabamos por aprender a ser pessoas para a vida toda. E pronto.” (A.7)

“[em que aspeto é que é menos exigente, aqui?] (...) nós não levamos trabalhos para casa, não temos... por exemplo a português, fazemos um trabalho que temos de apresentar oralmente que não é fácil... para nós não é fácil... temos esse trabalho mas não há trabalhos de casa, e de resto, as aulas de português, matemática, eu as aulas que tenho cá e na minha antiga escola são dadas da mesma maneira... fazemos muitos trabalhos. [notas o mesmo grau de exigência quando falas com os teus amigos que estão no regular?] E eu não estou a falar da matéria... o grau de exigência no regular em termos de matéria é maior, é muito mais extenso mas falo na maneira como as aulas

são dadas, nós realizamos muitos exercícios... em matemática então muitos mesmo, fazemos muitas fichas de revisão antes do teste e em português também... analisamos vários poemas” (A.9)

“[como é que mudou a tua forma de ver a escola e o estudo?] Porque fui observando, eu sempre tive algumas dificuldades a nível de concentração...eu para me concentrar é uma chatice, vem uma mosca pronto já me esqueci do que estou a fazer e já vai dar tudo errado e eu estudava muito com a minha mãe quando era miúda, estudava história com a minha mãe, ela contava-me como se fosse uma história. E eu ao longo dos tempos fui adquirindo técnicas, dizem de manhã é que se estuda, eu não consigo estudar de manhã, ‘tou a dormir, não consigo. À tarde consigo mas a perceber...decorar não, só a perceber. Por isso é que eu aqui nas aulas consigo, porque eu consigo perceber, tiro as dúvidas e depois em casa é só dar assim uma revisão para ter a certeza que não erro.” (A.6)

“ [achas que os teus colegas acham esta escola menos exigente?] acho que sim, porque nós estamos habituados a pensar que as escolas profissionais são para aquelas pessoas que não tem tanta facilidade em aprender... mas, é para pessoas que gostam de aprender de maneira diferente...não gostamos de estar fechados numa sala o dia inteiro, gostamos de aprender e de pôr em prática e nas escolas regulares não é tanto assim. [e tu achas mais fácil?] como já estive no regular sim, é mais fácil, não tem nada a ver com as disciplinas que eu tinha e com a exigência que tinha mas eu gosto. [mais fácil porque gostas ou porque não puxam por vocês?] (...) é mais fácil porque eu gosto, mas se uma pessoa estiver contra o que está a aprender vai ter sempre dificuldade ...quando (...) gosta faz tudo mais facilmente.” (A.3)

Quadro 3 – Dificuldades de Aprendizagem

1. **Conceções de Dificuldade**

“Para mim uma dificuldade de aprendizagem é quando nós não conseguimos aprender alguma coisa, seja por alguma dificuldade física ou mental” (A.10)

“(…) É (es)tar na aula e não conseguir estar a prestar a atenção a nada.” (A.2)

“Demorar muito tempo a perceber alguma coisa” (A.3)

“Para mim é mesmo de (es)ta(r)mos a tentar mesmo e ter vontade de aprender, porque podemos ter dificuldade de aprendizagem e não ter vontade de aprender mas mesmo com vontade e com interesse não conseguimos assimilar o que o professor nos transmite, mesmo tentando e tentando e esforçando para aprender...eu sempre tive esse problema de matemática.” (A.5)

“Para mim uma dificuldade de aprendizagem é quando uma pessoa que quer aprender de facto e não consegue ou pelos outros ou porque realmente tem dificuldades, acho que a pior coisa que se pode fazer é não dar atenção a essa pessoa.” (A.6)

“É fazer todos os dias a mesma coisa e não haver progresso” (A.7)

2. **Exemplos de dificuldades**

“Uma dificuldade de aprendizagem que eu possa ter aqui. Talvez seja por falta de atenção...simplesmente nas aulas aqui em cima, estamos sempre a pensar na aula de equitação que vai decorrer no final da tarde ou que já decorreu. E por vezes pode-nos distrair do que está a acontecer dentro da sala de aula.” (A.10)

“(…) (Físico-química) era uma disciplina que eu sempre, em primeiro lugar tinha sempre desinteresse porque não vejo utilidade naquela disciplina no meu futuro e isso levava sempre à minha desatenção nas aulas” (A.10)

“Lá em baixo é pedir ajuda para uma dificuldade, agora para o grau 1 que e para o ensino e assim não... não. [tens dificuldades a montar?] Não é a montar, é na teórica. [que dificuldades tens nas disciplinas cá em cima?] Tinha dificuldades no inglês, ma já supere, era a ler. Mas de resto” (A.11)

“Foi mais a partir do 7 ano que comecei a ter algumas dificuldades, mas sempre andei em explicações” (A.1)

“[chegou a reprovar por faltas?] reprovar por faltas já cá nesta escola. [aqui?] sim, no 11º ano. [diria que reprovar no 9ºano ajudou-o de algum modo?] não” (A.1)

“O inglês sem dúvida algum [porque é uma dificuldade para ti?] (...) desde a outra escola, (es)tive sempre a passar com satisfaz, satisfaz menos e eu cheguei aqui e eles

exigem muito menos do que nas outras escolas, o meu nível de inglês (...) já nem me lembro o que é que dei no meu primeiro ano aqui, mas talvez os números ou algo assim, ‘epa não sei mas sei que era uma coisa muito básica (...) mas depois começaram a subir um bocadinho mas sempre num nível de coisas básicas mas eu como nunca tive muito interesse na outra escola no inglês, cheguei aqui e não exigem então pronto, presto atenção as aulas minimamente e dava a nota boa, mas não, sempre tive dificuldade na disciplina de inglês e depois também perdi um bocado o interesse porque não era uma tarefa que eu gostava, a matéria não fala de cavalos a inglês porque se falasse eu aposto que ia estudar inglês mas como não fala banalizei um bocadinho e agora no fim destes anos sinto-me um bocado arrependida, quer dizer, se eu tivesse prestado atenção logo desde do primeiro ano tinha começado a criar a base que não tinha na outra escola e se calhar agora até me safava, arrependo-me um bocado disso.”

(A.2)

“[e na outra escola que dificuldades tinhas?] talvez a matemática e a inglês também.”

(A.2)

“[que dificuldades tinhas na outra escola?] Era muito exigentes connosco. Tínhamos de saber tudo à primeira, quase, vá, mais o quê... os horários era muito longos, tínhamos de estar muito tempo na escola [porque achas que tinhas essas dificuldades?] no meu 7º ano foi... pouco, ou quase nada, (...) não tinha bases e isso fez com que no... vá na parte secundária, tenha sido um bocado mais difícil para mim.[se repetisses o secundário agora, achas que era fácil superar as dificuldades que tinhas?] não sei... não sei.” (A.3)

“[o que é mais difícil de aprender aqui?] não sei [alguma disciplina? Técnica de montar?] saltar, saltar sempre foi um bocado difícil para mim. Nunca tinha feito isso na minha vida até chegar cá, nunca tinha saltado e é uma coisa que parece fácil quando estás a ver, é saltar e passar para o outro lado mas tens muita parte técnica que não é fácil mas na parte das disciplinas na sala de aula, nada. [e na antiga escola?] Tinha em matemática, era péssima” (A.4)

“(...) já tive muitas dificuldades, especialmente no primeiro ano [aqui?] sim, em termos de equitação, tinha mesmo dificuldades na parte de montar [não sabias montar?] não, não, eu sabia montar, só que tinha dificuldades... aqui era mais exigente com os cavalos e eu não tinha um [e na teórica, tens dificuldades?] Matemática [o que é difícil para ti?] Mesmo os cálculos é muito complicado.” (A.5)

“ [agora que mudaste de escola, o que aconteceu com as tuas dificuldades?] Diminuíram de certa forma, de certeza que se eu continuasse no regular, eu chegava ao 12º e parava. E agora eu estou a pensar em continuar os estudos [o que mudou?] Eu acho que o nível da matéria e o nível de como aqui se transmite a matéria aos alunos.”

(A.5) –

“ [tens dificuldades cá em cima?] Não, cá em cima o que me chateia mais é... tudo bem brinquem mas às vezes os professores estão a querer dar a matéria e eu realmente estou a querer perceber as coisas porque a matéria é difícil (...) em vez de continuarem para quem quer ouvir param o raciocínio para quem quer ouvir e depois quem tava atenta acaba por perder o raciocínio todo e depois eu as vezes chateio-me com isso. (...)” (A.6)

“Não, desde que entrei nesta escola que não tenho nenhuma disciplina que desista desde do início...quando andava no regular eu desistia logo a matemática por exemplo, nem sequer tentava, nos testes metia o nome nem sequer tentava e quando entrei aqui pensei “pera lá se calhar isto até é fácil, vamos tentar” e consegui e agora não tenho nenhuma disciplina com dificuldades. [porque achavas que tinhas tido essa dificuldade?] Porque tentava e nunca conseguia. Andei ‘prai desde o 5º ano até ao 9º ano a tentar ter uma positiva a matemática e não consegui. (A.7)”

“Para mim a maior dificuldade de aprendizagem que tive mas que consegui realizá-la bem foi o número de cavalos que tive nesta escola, conseguir-me adaptar... a eles e conseguir entender quais eram as partes mais complicadas deles, e eles ajudarem-me a mim... e conseguir entender os cavalos [e na parte teórica, tens dificuldades?] não” (A.9)

“ [na escola anterior que dificuldades tinhas?] Inglês...matemática, gostava muito de matemática, mas também sei que tinha muitas dificuldades [o que eram essas dificuldades?] Era de conseguir compreender as coisas. Não conseguia. E tinha que estudar muito, muito, muito para conseguir e explicações [e agora se tiveres dificuldades nessas disciplinas são porque?] São porque primeiro porque não me apetece ter atenção, mas eu aqui...pode ser estranho, mas eu aqui consigo compreender muito melhor... a maneira dos professores nos explicarem as matérias é diferente do que no regular. Porque... principalmente em português” (A.9)

3. Estratégias de superação

“ [como superas as dificuldades aqui em cima?] (...) a maneira como eu superava essas dificuldades, por exemplo quando chegava à altura dos testes recorriamos ao que todos fazemos, recorriamos a todos nós, uns aos outros para ajudar na progressão do módulo. Recorriamos sempre às pessoas que estavam mais confortáveis com aquelas disciplinas, estudávamos sempre na casa uns dos outros...era assim que nós passávamos as nossas dificuldades.” (A.10)

“ [como superavas na escola anterior?] (...) já não sentia tanto o espírito de camaradagem, não recorria tanto aos meus colegas, simplesmente quando tinha uma dificuldade, tinha de fazer o que não gostava, tinha de me agarrar aos livros, via na internet coisas para me ajudarem e era assim que eu tentava. Quando tinha uma dificuldade, tinha de estudar sozinho...e depois quanto mais eu estudava sozinho mais falta de motivação tinha. Tinha de ser assim e foi assim.” (A.11)

“ [como superas as dificuldades na prática?] O professor ou então tenho de ir eu ver sozinho a outros sítios. [e na teórica?] Falo com os professores, se ficar esclarecido se não peço ajuda [como superas a dificuldade de inglês?] A minha professora sabia e punha-me sempre a ler textos para me ajudar.” (A.11)

“ [e na escola anterior, como superavas as dificuldades?] Tinha de ser eu ou uma explicadora para conseguir [o que te ajudou a superar a dificuldade a inglês mais facilmente? Os professores em quererem ajudar e não desistirem dos alunos” (A.11)

“[que apoio recebeste depois de reprovares?] lembro-me que quando tínhamos negativa a algumas disciplinas a testes que depois havia umas aulas de apoio com os professores, extra.” (A.1)

“ [como superas a dificuldade que tens?] Porque basta-me estar na sala, estar quieta e calada a ouvir o que o professor está a dizer para tirar um 17 [por exemplo, como superas a dificuldade a inglês?] É estar extremamente atenta e talvez, olhar para o colega do lado que até é bom a inglês e perguntar “então como é que fizeste?” e eu até vou aprendendo com ele que está ao meu lado, quietinhos, caladinhos até consigo, mas não levo para casa e não estudo [e como superavas na antiga?] Não conseguia, nem olhava para o caderno do meu colega do lado ficava ali no satisfaz, as vezes uma negativa ou outra mas pronto, ficava sem interesse na mesma, enquanto que aqui até peço ajuda ao colega do lado, ta a ver, até me motivo” (A.2).

“ [como superavas as dificuldades a matemática?] por acaso não, só tinha um bocado de sorte nos testes. Não estudava muito nem tinha aulas por fora, simplesmente chegava ao mínimo para passar e deixei de ter quando passei para o 11º e 12º deixei de ter matemática [mas sempre conseguiste passar?] sim, sim, com sorte [então para superar as dificuldades fazias o mínimo ou mais?] Não, eu estudava, mas não estudava muito...eu estudava só o suficiente e com sorte tinha mais e pronto. [e aqui como superaste?] treinando e ouvindo os professores. [treinavas como?] Temos dois treinadores por semana e eu treinava sempre eu podia, ouvia o que os professores dizem.” (A.4)

“ [como superaste? Tens um cavalo?] sim [achas que te ajudou?] Sim, sim, a parte de ter cavalo e um alívio, e como se fosse uma ferramenta de trabalho que nós já estamos a conhecer e eu já o conhecia antes de ele ser meu, portanto foi muito mais fácil depois” (A.5)

“ [o que se faz nesta escola quando se tem dificuldades?] Tenta superar-se ao máximo, por exemplo, os professores se termos um problema em termos de montar, os professores ajudam e tu tens que ir esforçando e evoluindo cada vez mais. [então nesta escola, pede-se ajuda?] pede! [e na escola anterior, como superavas?] Ah eu sentia-me muito mais abandonada, porque, primeiro não tinha a parte dos cavalos, era uma escola secundária com nonos anos. Sentia-me muito mais abandonada, não tinha tanto aquela aproximação dos professores como aqui há... (...) havia muita gente e não havia tempo para haver ajudas ou haver apoio fora da sala de aula nem contacto nem a proximidade que tenho aqui com os professores não havia nada, além da sala de aula não havia e isso, isso foi uma grande diferença que notei quando vi para aqui, que os professores ajudam, há uma convivência, porque isto não é uma escola normal como as outras. Aqui é um sítio pequeno, os professores e os alunos frequentam os mesmos sítios então acabam por se falar.” (A.5)

“ [como superas as tuas dificuldades?] As minhas dificuldades... procuro procurar ajuda a quem me quer ajudar, ou seja, se os meus colegas não me estão a ajudar e ainda fazem mais barulho, no final da aula peço ao professor para esclarecer as dúvidas que tenho. [o que me dirias se eu te perguntasse dois motivos para essa mudança?] (...) Eu por exemplo arranjei um método impecável, é se eu captar da aula perfeito é só depois dar uma revisão... pronto, isso é uma das razões. A outra é porque podemos falar abertamente com os professores, não vamos logo para a rua, são mais tolerantes, no

regular é logo para a rua com falta” (A.6)

“[como superaste as tuas dificuldades anteriores?] a matéria é muito mais fácil e como aqui as turmas são mais pequenas, eu notei imensa diferença nisso... lá nas escolas onde eu estava no regular, as turmas eram muito grandes, passavam sempre os 30 alunos, ficava sempre entre os 25 e os 35 alunos. E aqui não, não passa dos 20 alunos e os professores têm muito mais facilidade em ajudar os alunos.” (A.7)

“ [então disseste que tinhas uma dificuldade a matemática, como superaste na antiga escola?] Foi com um explicador... porque pensei “eu tenho mesmo de fazer isto porque se não eu chumbo o ano ou então não há nada a fazer.” e aqui não, aqui nós vemos as coisas de outra forma pensamos “não vale a pena estar a pagar a um explicador, a gente resolve isso de outra maneira qualquer” e muitas vezes já me juntei com a minha professora de matemática, continuo a ter dificuldades a matemática nada mudou, e junto-me com ela numa sala e ela ajuda-me. [na outra escola pedias ajuda?] estava fora de questão” (A.7)

“ [o que se faz quando há dificuldades?] Quando são difíceis pedimos ajuda ao professor [pede-se ajuda a professor?] Sim tenho tido bastante apoio de um professor de equitação e também ficar cá depois das aulas, esforçar-me as férias de carnaval não as tive. [como se supera as dificuldades?] esforçando-me [como te esforças?] trabalho, trabalho, trabalho. Fico cá, às sextas-feiras. Combino com professores para ficar cá a trabalhar. [então pedir ajuda não é problemático?] não [e se for uma dificuldade na parte mais teórica, fazes a mesma coisa?] se vir que tem mesmo que ser feito... tenho que fazer (risos) se vir que consigo, não é uma coisa que eu passo, não tenho razão de queixa em passar, que passo com boas notas mas se eu passasse com um 12 ou 13 não me chateio, pronto passo. Mas sei perfeitamente que se pedisse ajuda a algum professor da parte teórica disponibilizavam-se, tanto como os das partes práticas. [e nas teóricas tu consegues superar com esforço....] Sim. Em matemática nós realizamos muito mais exercícios. A professora dá pouca teoria porque sabe que nós aprendemos muito mais com exercícios e praticando. E é isso que nós fazemos em quase todas as aulas, é exercícios, exercícios e praticar. Estamos a dar a matéria, mas praticando os exercícios. É muito mais fácil de perceber.” (A.9)

Quadro 4 – Aspetos mais e menos positivos da escola

1. Aspetos positivos

“(…) escola que nos ajuda muito, os professores são ajudantes de todos nós, um aluno que quer passar, passa (...)” (A.10)

“Ajudou, ajudou, ajudou-me no meu nível de concentração, sinto-me muito mais motivado e sinto que consigo aprender as coisas com muito mais facilidade.” (A.10)

“O que foi mais benéfico para mim, foi estar aqui... estar aqui com colegas da turma num ambiente que é quase igual no mercado de trabalho, trabalhamos todos juntos, os objetivos iguais” (A.10)

“Melhores notas, os professores a explicar, desde que a gente queira aprender os professores ensinam e conseguimos notas excelentes. Mas se tiverem cá e também não querem fazer, é claro que os professores também não vão andar atrás. Mas aqui é melhor do que no ensino normal porque aqui se a pessoa é empenhada, eles ajudam sempre e são mais dedicados é diferente.” (A.11)

“A disponibilidade do professor e ter mais ajuda... ser mais fácil (...) aqui somos unidos e lá (nas outras escolas) é cada um por si” (A.11)

“[esta escola é melhor?] sim, são mais disponíveis (...) as instalações são melhores que a outra [então a outra era uma prisão e esta é um espaço mais livre?] sim muito mais livre [e dentro da sala também te sentes livre?] sim, é bom.” (A.11)

“Nós aqui temos um objetivo, estamos a trabalhar para termos um trabalho, para sermos bons, em P não. Ia a escola, mas não tinha objetivos, não tinha foco, nunca tinha foco. [aqui são menos alunos, faz diferença?] (...) sim, dá para haver mais controlo (...) [e os professores aqui e lá?] Eu já conheço os professores há muitos anos, (...) a ligação é diferente.. a ligação é diferente porque isto é um meio pequeno então nós conhecemo-nos todos, damos nos todos bem... não são nossos amigos porque são nossos professores, mas há um nível de confidencialidade grande, podemos falar com eles.” (A.1)

“... [o que mais gosta aqui?] o que mais gosto? Os cavalos [os cavalos?] Sim, do esforço, das aulas de equitação, do trabalho para melhorar, de alcançar os nossos objetivos e eu acho que os professores na parte técnica nos ajudam bastante nisso.” (A.1)

“[o que achas que foi mais benéfico para ti?] Como eu não pretendo continuar a estudar, depois do 12ºano não pretendo mesmo ir fazer uma licenciatura ou um mestrado, não pretendo mesmo por isso, o que eu acho que foi mais benéfico para mim neste curso foi mesmo os obstáculos, eu não sabia saltar (...) ganhei muito mais solidez, muito mais à vontade, então na disciplina de obstáculos tive uma evolução brutal, quer dizer, eu tinha medo de saltar uma cruz e agora adoro dizer(...) Acho super benéfico a disciplina que ganhei nos obstáculos para me motivar para o dia a seguir. é mais uma disciplina à vontade, não faço só isto, faço isto e mais aquilo” (A.3)

“[o que é melhor aqui na escola? O que mudavas?] sei lá, acho que nada, gosto de tudo (...) [achas que é uma família exigente ou é uma família?] exige, mas como vontade que os alunos avancem... não fiquem, que avancem. (...) [o que ajuda a evoluir aqui?] A equitação, toda a gente a puxar uns aos outros (...) tenho sempre colegas a dizer para ir. (...) pelo menos eu gosto de vir para cá... posso por exemplo ir ter com a minha égua quando posso... somos mais livres” (A.3)

“(...) nós temos dúvidas, não apertam logo connosco, nós temos tempo para conseguir tirar essas dúvidas, (...) os professores podem repetir muitas vezes, até porque a gente... vai perceber melhor a matéria...” (A.3)

“[qual foi a maior mudança que tiveste?] É gostares do que fazes.(...) Claro, agora venho com mais vontade para a escola, antes eu ia por ir...porque era mais ou menos obrigada pelos meus pais e porque tinha de ter o 12º ano e agora venho porque quero, porque também podia ficar em casa, podia dar faltas e não e eu venho porque gosto, porque gosto de tratar do cavalo, de montar, de melhorar e antes ia lá só para passar chegava.[qual é melhor para ti?] o profissional, claro [porque tens a componente prática do animal?] sim e porque está muito mais focado naquilo que eu quero ser na minha vida” (A.4)

“[o que mais gostas desta escola?] a bondade (...) é uma escola muito, muito inclusiva” (A.5)

“[tu gostas mais do ar livre?] Sim eu preciso de ar, gosto e estar solta, com os cavalos eu estou solta” (A.6)

“[o que achas que foi mais benéfico para ti aqui?] a facilidade (...) na área de estudar e testes e tudo mais, disciplinas, a matéria que dão...é muito mais fácil. É a parte fácil da matéria que dão no profissional. E eu acho que no regular dão tudo, em termos de matéria dão... enquanto que no profissional eles dão só o fácil (...) [achas que só dão o

fácil e são menos exigentes ou são iguais?] não, acho que nisso eles continuam a ser exigentes como no regular, é apenas a matéria é que é mais fácil.” (A.7)

“(…) tirando este curso, não era só como profissional, um cavaleiro profissional, podia dar aulas, e fazer provas eu fiz aqui para a sela 4 e a sela 7, a sela 7 dá oportunidade de «concurrer» de... de ir fazer provas internacionais que era o que eu queria, também me abre portas para a veterinária, super importante na parte da reprodução. (...) [e pode ir para a faculdade?] Claro que sim. Posso ser professor, cavaleiro de concursos...profissional, posso ser veterinário de reprodução, veterinário de cuidar de cavalos que estão aleijados, há muita coisa, é todas as áreas mas viradas para o cavalo” (A.8)

“gostei muito, é um sítio, vejo mais planície, picadeiro, planície, paisagem... chama-me a atenção.” (A.8)

“[o que mais valorizas nesta escola?] Hm... a parte da, de como lidar com os animais, tenho muito mais sensibilidade nisso, a parte de também, darem-nos oportunidade minha parte, para evoluirmos mais.” (A.9)

2. Aspetos Menos Positivos

“Houve aqui mudanças, muitos dos professores saíram e puseram cá alguns professores que não deviam cá estar... já não levam tanto a sério, são mais eu é que sou o professor eu é que mando, é tudo como eu quero! Acho que está um bocadinho a descambar para a escola que era antes, os caloiros do primeiro ano também tão a querer mudar por causa disso... as coisas estão a descer.” (A.11)

“[achas que estão a ficar menos exigentes?] Sim...(es)tão a ficar, como é que hei-de dizer, é tudo só para o bem deles e com os professores que a gente tinha sempre valia a pena que ajudaram e agora (es)tá assim um bocado assim no ritmo.[o que é diferente entre o antes e o agora?] Os professores eram todos iguais... tratavam-nos todos iguais e agora não, têm uma cara, uns podem e outros não podem, há ali outras coisas de interesses e isso... cada vez (es)tá a piorar” (aqui ou nas diferentes?) (A.11)

“podia melhorar o aspeto de estar focada nos obstáculos... acho que devia ser um pouco mais variado” (A.4)

“[esta escola tem indisciplina?] Tem, tem, há alguns casos de indisciplina, opa, em todas as escolas há casos de indisciplina não e só aqui. [mudavas alguma coisa aqui?] sim, mudava primeiro... a parte da direção, a meu ver acho que devia haver um braço

mais forte” (A.5)

“[que tipo de brigas é que existem?] (...) no refeitório, atirarem comida uns para os outros(...) Gozarem com os colegas, (...) mandarem cocó para as camas dos cavalos.. (...) faltas de respeito entre os próprios colegas, que em vez de ajudar e serem um só, ninguém apoia “ah foi ele foi ele” a acusarem-se uns aos outros, a acusarem-se injustamente muita vez , faltarem ao respeito aos professores, (...) , é triste os miúdos entrarem numa escola que é boa, a escola gasta dinheiro em material para nós e eles estragam.” (A.6)

“(...) [isso para ti prejudica a escola?] Sim, prejudica toda a gente. (...) tínhamos o apoio da C e agora não temos e acaba por ser por isso, agora a C não nos quer apoiar como antes porque há aqui pessoas que não querem fazer nada.... E eles vão-se apercebendo ao longo do tempo” (A.7)

“É a parte prática ... a parte prática é o mais importante... mas nós vamos perdendo isso um bocadinho, eu acho que nós devíamos ter mais prática (...) vim para cá não sabia muito e aprendi cá muito... mas há alunos que vem para cá e já sabem muita coisa e depois não evoluem (...) eu às vezes já sinto isso e já começo... às vezes a escola já começa a ficar um bocadinho para trás porque não puxa muito pelos alunos” (A.8)

“[tens alguma sugestão para melhorar esta escola?] se calhar a disciplina [no sentido de?] Respeito e amor a escola porque há pessoal que odeia a escola e não faz nada por ela.. talvez por causa da direção, está um bocadinho fraca.” (A.8)

Quadro 5 – Expetativas de Vida

1. Trabalho

“(…) minha profissão no futuro que desejo que seja cavaleiro profissional.(…) como eu quero ser cavaleiro profissional de obstáculos, pensei e fui ver o que é que a licenciatura em equinicultura oferecia e senti que era um pequeno degrau para obter... que fazer a licenciatura em equinicultura era a obtenção do grau 1 (...), escolhi não ir para a licenciatura e ir para o mercado de trabalho, aprender no mercado de trabalho na parte prática. E já tenho duas ofertas de trabalho, uma na Áustria outra na Alemanha, onde vou fazer uma entrevista de emprego daqui a duas semanas. [e queres ir trabalhar lá para fora?] Garantidamente, na Áustria já lá fui, mas na Alemanha tenho mais oportunidades e uma é melhor” (A.10)

“Que entre no mundo do trabalho [e ires para a faculdade?] não [então queres fazer o que?] Trabalhar com animais, ensinar cavalos, qualquer tipo de animais. [queres trabalhar em Portugal ou no estrangeiro?] Portugal” (A.11)

“Gostava de trabalhar [já pensaste em ir para a faculdade?] Tenho 22 anos, tenho que ir trabalhar. (risos) [gostava de trabalhar em quê?] cavalos [em Portugal ou no estrangeiro?] Portugal, estrangeiro, eu quero é trabalhar com os cavalos. Era o meu sonho era trabalhar com os cavalos, era ir para o estrangeiro, conhecer novas coisas, novos cavalos, novas formas de ensinar, novas maneiras de trabalhar e experiência para abrir o meu negócio, ter o meu negócio. [então quer ser empreendedor?] sim [negocio de cavalos?] sim [e que vão fazer o que?] Tudo (...) passeios equestres, aulas para crianças, obstáculos... cavalos a peso que é receber cavalos e trabalhar para que as pessoas consigam desfrutar o máximo deles.” (A.1)

“Ir para o estrangeiro, tirar um bom estágio e ficar lá a trabalhar para ir evoluindo gradualmente nem que seja começar por tratador, mas o meu sonho é montar cavalos e treinar cavalos todos os dias [o teu trabalho de sono é?] trabalhar com cavalos... bons de preferência [fazer provas com eles?] Eu não gosto muito do stress associado as provas, acho que sou mais eficaz a trabalhar os cavalos, trabalhar o cavalo para o patrão se quiser ir fazer as provas que quer.” (A.2)

“[o que queres fazer quando acabares o 12º ano?] Ainda não sei, gostava de trabalhar... tem de se começar por baixo, fazer camas, montar...[(o que gostavas de ser?) Gostava muito de ser profissional de obstáculos....saltar obstáculos [aqui ou no estrangeiro?]

No estrangeiro, gostava de ir para fora e conhecer pessoas novas. “ (A.3)

“Agora, é ir buscar trabalho no estrangeiro [qual é o teu trabalho de sonho?] acho que ter um centro hípico com cavalos de outras pessoas e entrar em provas com eles” (A.4)

“[então o que é que queres fazer?] Eu vou concorrer para a GNR para a parte dos cavalos porque é uma coisa que eu sempre quis [é o teu trabalho de sonho?] É mais ou menos, eu não tinha isso em mente mas depois comecei a ganhar mais gosto porque é assim eu montava... mas nunca tinha montado assim cavalos bravos, só mesmo quando vim para aqui. E eu ganhei uma espécie de gosto (...) depois vou tirar um curso de assistente veterinária porque acho que faz sempre falta” (A.6)

“Já tenho à partida, um trabalho em França e um na Holanda... agora tenho de decidir qual é o melhor contrato. “ (A.8)

“Trabalhar, com cavalos. Seja a fazer o que for, camas, dar comer aos cavalos, trabalhar os cavalos... seja o que for. (...) se eu não encontrar com cavalos não me importo de ir fazer outra coisa, mas preferência com cavalos. [e há possibilidade de ir para a faculdade?] não.” (A.9)

2. Continuação dos Estudos

“eu no início tinha a ideia de fazer uma licenciatura em equinicultura na escola de E” (A.10)

[já pensaste em ir para a faculdade?] Não(...) se eu visse que não tinha oportunidades aqui neste mundo dos cavalos, talvez pensasse que tinha de encontrar outra coisa, tinha de fazer alguma coisa, (...) aqui não me encaixo, mas como eu vejo que até me encaixo e acho que se for a procura de uma coisa assim baixinha, de um nível assim baixinho para depois puder subir com a devagar, eu acho que tenho oportunidades, por isso não vejo hipótese de ir estudar outra vez, coisa que não gosto. [se não te encaixasses aqui ias tirar o quê na faculdade?] veterinária, tenho consciência (que é muito difícil) disso mas também tenho consciência que estar atrás de uma secretária a vida inteira também não, não consigo. O meu trabalho não há de ter assim um escritório, não há-de ser num hotel como o meu pai.” (A.2)

“[quando estavas no regular, tinhas alguma coisa planeada?] eu acho que... eu tinha a ideia de veterinária..., mas depois vi que as minhas médias não estavam a dar e pronto e depois essa ideia fugiu-me um bocado, depois isso queria acabar o secundário, se conseguisse.” (A.3)

“[então agora estás a acabar o 12º ano, projetos?] agora quero ver as coisas da faculdade. [então queres ir para a faculdade?] Sim, tenho dois anos de CERESP para não fazer os exames porque não há bases para fazer o exame. [que curso pretendes?] auxiliar veterinária” (A.5)

“a escola dá-nos a oportunidade de tirarmos um curso (...) que é ajudante de treinador, grau 1 e depois podemos tirar o grau 2 ou três. E o que é que esse curso nos dá? A possibilidade de darmos aulas é como se fosse um certificado normalmente as pessoas não ligam, mas é sempre importante. Vou fazer esse curso para ficar de consciência tranquila, o exame desse curso, nós vamos para lá e dormimos lá e temos um curso (...) para saber mais sobre a segurança no trabalho. Fazemos isso online, é um e-learning e depois temos um exame de ensino, obstáculos, físico. [e depois disso?] faço o estágio e espero ficar lá a trabalhar” (A.7)

Quadro 6 – Aprendizagem Facilitada por Animais

“Influência bastante, ganho muita motivação, todos os dias tem de haver uma melhoria no cavalo, tenho de ver resultados no meu trabalho. [isso significa que estás mais motivada?] sim [e se estiveres lá em cima, achas que ajuda a aprender português, matemática, etc.?] possivelmente, acho que sim. Quer dizer, eu mudei a minha forma de pensar sobre as aulas quando vim para aqui. [como te sentes cá em cima] com sono [depois de montar também?] e antes, não há motivação, não há desafio. Não há uma relação especial como a que tenho com o meu cavalo. [achas que a relação com o cavalo ajuda-te a aprender lá em cima?] eu diria que sim. [o que ele faz que te pode ajudar?] talvez, como o trabalho que eu tenho com o cavalo eu vejo evolução, vejo diferença no que estou a fazer, talvez transmita isso lá para cima, como se prestares atenção as aulas tiras boas notas.” (A.2)

“é básico, se não tivesse cá a montar com o meu cavalo e a evoluir com ele não tinha tanta motivação como tenho agora, estava num nível mais baixo por isso não saía daqui tao preparada quanto o trabalho requer. Pronto... e perdi-me não sei [o que essa relação tem de importante que te ajuda a aprender melhor?] faz-me vir com mais vontade. mesmo para as aulas de cima. [como te sentes junto do teu cavalo?] contente. [é mais fácil aprenderes quando estás contente?] sim e as vezes se a aula de equitação corre mal, vou mais irritada lá para cima e não me apetece ter aula e quando corre bem, sinto-me bem a montar e fico mais contente lá em cima [achas que ter aqui animas te ajuda?] sim” (A.4)

“Uh... é assim, os animais... uma coisa que... já tinha os animais antes de vir para aqui, porque eu já montava antes de vir para aqui... uhhh mas... de certa forma de...de alcance... ou seja, eu ‘tou aqui, ‘tou a pensar nisto, mas tenho um animal lá em baixo para cuidar. É uma motivação de acabar a tarefa que ‘tamos a realizar, de qualquer coisa, para... [como te sentes com o cavalo aqui?] (...)Ao exigir um cavalo... ou seja, há outros cursos que por exemplo exigem o computador. O computador é certo uma ferramenta...é uma ferramenta, para nós o cavalo também é uma espécie de uma ferramenta mas é uma ferramenta viva que... transmite sentimentos e nós transmitimos sentimentos a uma coisa que... não é só aquilo, é também um... é mais que um amigo. (pequeno silêncio) É mais que... tipo, alguém, não é alguém, ‘né, porque é um animal, mas... é um outro ser que nos apoia, ou... que ‘tá lá, e é tipo...como no meu caso, não

é em todos os casos, mas... no meu caso é um caso em que ele é um professor. Ou seja, é um cavalo que me ensina, que me diz ‘olha’, se... uma reacção dele, estranha é ‘pa te avisar ‘olha não faças isso’ ou ‘tem cuidado...’[então é uma motivação para tu ires e voltares no da seguinte?] sim [e quando vens de lá de baixo, é mais fácil aprenderes?] É mais... é mais tolerável porque nós vimos bem, não vimos saturados. É uma forma... os cavalos é uma forma de descarga de... energias.” (A.5)

“é assim eu acho que se nós tivermos um objetivo, torna-se muito mais simples... eu no regular estava contrariada. Aqui mesmo que eu não goste muito de matemática ou inglês, a seguir penso, mas a seguir tenho cavalos... vamos despachar isto para depois ter os cavalos. [teres os cavalos lá em baixo...] dá-me força...para adquirir novos conhecimentos tanto a nível de equitação como a outro nível... parece eu ganho vontade para aprender mais [como te sentes perto dos cavalos?] sinto-me bem, é sinal que consigo fazer mais do que uma coisa... para mim os cavalos são a base ...saber que tenho aquilo lá em baixo... faço tudo cá em cima, nem chateio.” (A.6)

“Aquele cavalo serviu para me dar confiança para eu conseguir, por exemplo, os obstáculos, eu nunca tinha saltado na vida e o cavalo deu-me a segurança que precisava e foi a partir daí que fui conseguindo e esta égua continua a ajudar-me. [vocês compram com o objetivo de evoluir ou outro?] não, não, tem sempre a ver com as características que ele tem ara os obstáculos, ensino... depende sempre do que nos quisermos. [achas que pode influenciar a tua aprendizagem?] Se... por exemplo... por exemplo se as aulas de equitação calharem... vá de manhã, por exemplo, e se a aula nos correr bem... já ficamos mais... contentes e já vamos... confortáveis para as aulas da tarde. Por exemplo hoje foi a manhã quase toda de equitação. É logo um alívio de manhã... fizemos o que gostámos... Ou também quando temos aulas de equitação à tarde... pensamos “finalmente vamos montar”, ya ... [então, estás a dizer-me que é uma motivação?] sim. [e achas que te motiva a vir?] Sim, por exemplo nestes dias de calor sabe ‘memo bem ter aulinhas de equitação de manhã, pelo fresquinho (divertida) depois à tarde como está calor vimos para a sala. [e como te sentes perto do cavalo?] Bem, confortável, relaxada. [Achas que depois de estares com o cavalo, aprendes mais facilmente?] Sim, modifica um bocado também a nossa... a nossa parte intelectual. [estares calma ajuda-te?] sim, sim.” (A.3)

“[para ti a relação com o animal é importante?] sim, é muito importante. [como é que essa relação influencia a tua aprendizagem?] ah sim, sim, claro que sim. Por exemplo,

eu este ano tenho cá um cavalo que tenho uma grande relação com ele e o sucesso das aulas, das provas, de tudo, corre sempre melhor porque tenho uma grande relação com ele. Já há dois anos, tive um cavalo que assim que olhei para ele, pensei “hm... isto não vai correr bem” e não consegui tirar nada daquele cavalo, nunca cresceu nenhuma relação com o cavalo, nunca tive nenhuma relação e corria-me sempre tudo mal. [e como pode ajudar nas aulas de cima?] acho que me pode ajudar nas aulas de cima porque, por exemplo, hoje nós tivemos equitação às 11h se as aulas nos correr mal, já não vimos com a mesma motivação cá para cima, já vimos desmotivados, cansados, porque isto parece que não mas cansa...acho que se a aula nos correu bem e a aula nos correu bem acho que vamos ter muito mais motivação para estar dentro da sala de aula [ficas mais motivada, é isso?] sim.” (A.7)

“[o cavalo ensina-te?] ensina... muito. [queres me dar um exemplo?] eu vim para a escola sem saltar um obstáculo, eu não sabia, eu cada vez que saltava, eu caia... o cavalo atual que tenho, foi o cavalo que me meteu a saltar, a fazer percursos, a fazer provas e depois, quem em ensinou foi o meu cavalo [ensinou-te a lidar com o medo?] sim ... a lidar com o medo dos saltos, (...) [como é que a relação com o cavalo facilita a tua aprendizagem?] porque... como é que hei de explicar... é uma recompensa que nós temos, se nos esforçarmos aqui a recompensa que temos é a seguir e ir trabalhar os nossos cavalos e... e termos aulas com eles e conseguir ensiná-los, eles a nós, e nós a eles. [e depois de montar, se tiveres aula cá em cima como te sentes?] venho cansada mas... se a professora conseguir nos dar a volta... sim, torna-se mais fácil. [achas que estás mais aberta a aprender?] sim, sim” (A.9)

“influência...bastante, bastante porque para mim, são os cavalos que nos tornam seres humanos excelentes, humildes, aprendemos muita humildade com os nossos cavalos. E influência bastante a aprendizagem de uma forma positiva, porque estamos aqui por causa deles, para aprender a manejar com eles a interagir com os cavalos e se queremos acabar o curso temos de fazer as outras disciplinas que são um bocadinho mais chatas. Se queremos isto mesmo para a nossa vida, se queremos lidar com os cavalos para o resto da nossa vida, temos de ter aquela motivação para acabar estas disciplinas e os cavalos dão-nos essa motivação. [então o cavalo lá em baixo dá-te mais motivação?] certo [como te sentes cá em cima depois das aulas de equitação?] às vezes quando estamos aqui depois de uma aula de equitação e vamos pra a sala de aula, o pensamento ainda está na aula de equitação, “o que é que podíamos fazer melhor?” ou

porque é que o meu cavalo teve aquela reacção e já estamos a pensar na aula de amanhã, o que vamos fazer e como melhorar e nos sabemos que até aquela aula de amanhã, temos de cumprir aquela aula de português ou de química, seja do que for. Estamos motivados à espera do próximo dia, desde aguentar mais um dia e vir para o próximo. [então os cavalos motivam-te para ficares na escola e vires no dia seguinte?] e vice versa, mesmo quando temos a aula de equitação nos últimos dois tempos, estamos de manhã a pensar o que é que eu vou fazer hoje, será que vou fazer um exercício novo hoje e estamos sempre com motivação para chegar ao fim do dia e depois vamos fazer o que estivemos a pensar o dia todo. [ficas mais descontraído depois de estares com eles?] sim, sim, até porque lidar com os animais requer algum trabalho físico, temos de fazer a gestão das camas, limpeza das boxes e ajuda até ali para tirar aquelas energias extras que os adolescentes as vezes sentem. Chegamos as aulas um bocadinho mais cansados em vez de chegarmos em estado de excitação, estamos ali, estamos calmos e estamos sempre um bocadinho mais relaxados.” (A.10)

“pode e muito, essa relação foi das que mais me ajudou [como te ajudou?] concentrar-me mais, estar calmo, saber a esquerda e a direita [aprendes melhor com o cavalo, é isso?] sim [como te sentes com o cavalo?] ah sinto-me bem, aquilo é liberdade, é como se não houvesse problemas no mundo, não penso em mais nada [facilita-te vires cá para cima depois de estar com o cavalo?] sim, já estamos mais descontraídos. [é mais fácil aprender?] sim... ‘tar um dia inteiro numa sala é diferente (A.11)

“os cavalos... podem servir para outras coisas que não seja só trabalhar, pode ser para lazer--- várias coisas [os cavalos mudaram alguma coisa em ti?] a minha calma, o meu a vontade... eu era uma pessoa muito nervosa e os cavalos ajudaram-me a acalmar. Se eu estou nervoso e aparece o meu cavalo para montar, eu vou a falar, a cantar, vou distraído, vou a pensar em tudo menos no problema [achas que te acalmas por causa do cavalo?] sim, acho que sim, penso que sim (x3) (A.1)